Haitianos em São Paulo

exclusão e invisibilidade
social no contexto da
mobilidade humana

José Ailton Rodrigues dos santos

Tese de doutorado apresentada
ao Programa de Doutorado em
Saúde Global e Sustentabilidade
da Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo.

Fotos: Sérgio Vale e Arison Jardim | Secom

Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública

Haitianos em São Paulo – exclusão e invisibilidade social no contexto da mobilidade urbana

José Ailton Rodrigues dos Santos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

**Orientador: Prof.^a Dr. Rubens de Camargo
Ferreira Adorno**

Linha de pesquisa: Mobilidade, deslocamentos humanos e modos de vida no contemporâneo.

**São Paulo
2018**

Haitianos em São Paulo – exclusão e invisibilidade social no contexto da mobilidade urbana

José Ailton Rodrigues dos Santos

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

**Orientador: Prof.^a Dr. Rubens de Camargo
Ferreira Adorno**

Linha de pesquisa: Mobilidade, deslocamentos humanos e modos de vida no contemporâneo.

Versão Original

**São Paulo
2018**

RESUMO

A partir de 2004, quando o Exército Brasileiro foi para o Haiti, atendendo aos apelos da ONU e aos interesses diplomáticos e políticos internos, aquele país passou a ser um meio para o Brasil se posicionar no contexto das Relações Internacionais, atuando como pacificador em situações de conflito. Desde a chegada das tropas brasileiras ao Haiti, surgiu uma 'ponte' entre os dois países, abrindo um caminho para os haitianos que não contemplavam nenhuma possibilidade de construção de uma vida digna em seu país migrarem para outro. O Brasil, para eles, tornava-se um destino, no movimento migratório, cheio de idealizadas afinidades culturais, com grande número de negros, festivo, receptivo e àquela época, aparentemente próspero. Apesar da 'ponte' entre os dois países, os imigrantes, ao chegarem ao Brasil, não encontram nada que idealizaram previamente à sua saída. A cidade de São Paulo, a maior cidade da América Latina poderia ser, em tese, o destino perfeito, com grandes oportunidades de trabalho e uma vida digna. Há inúmeras barreiras que esses imigrantes transpõem até chegar à metrópole. Na própria legislação brasileira, que normatiza a condição de imigrante, se verifica resquícios que impedem de atender aos princípios básicos dos Direitos Humanos. No cenário, o objetivo geral desta pesquisa é o registro do fato de como os imigrantes haitianos se relacionam com as características da Capital paulista e da cultura nacional, enfrentando toda ordem de dificuldades e sofrimento social que uma trajetória sem planejamento ou estudo pode oferecer a seus protagonistas. Para consolidar estes objetivos adota-se uma metodologia lastreada no método qualitativo de pesquisa, bem como a etnografia, que humaniza o presente trabalho científico, com relatos reais dos personagens que compõem este cenário. Por fim, em concatenação ao registrado, descreve-se o cenário atual deste fenômeno sociológico.

Palavras-Chave: Imigrantes. Migrantes. Haitianos. Sofrimento Social. Xenofobia e Racismo.

ABSTRACT

From 2004, when the Brazilian Army went to Haiti, in response to the appeals of the UN and to the internal diplomatic and political interests, that country became a means for Brazil to position itself in the context of International Relations, acting as a peacemaker in situations of conflict. Since the arrival of Brazilian troops in Haiti, a "bridge" has emerged between the two countries, opening a way for Haitians who did not contemplate any possibility of building a decent life in their country to migrate to another. Brazil, for them, became a destination in the migratory movement, full of idealized cultural affinities, with large numbers of blacks, festive, receptive and at that time, apparently prosperous. In spite of the 'point' between the two countries, immigrants, when arriving in Brazil, find nothing they had idealized prior to their departure. The city of São Paulo, the largest city in Latin America could be, in theory, the perfect destination, with great work opportunities and a dignified life. There are numerous barriers that these immigrants transpose until reaching the metropolis. In the Brazilian legislation itself, which regulates the status of immigrant, there are remnants that prevent compliance with the basic principles of Human Rights. In the scenario, the general objective of this research is to record the fact that Haitian immigrants are related to the characteristics of the capital of São Paulo and of the national culture, facing any order of difficulties and social suffering that a trajectory without planning or study can offer its protagonists. To consolidate these objectives, a methodology based on the qualitative method of research is adopted, as well as the ethnography, which humanizes the present scientific work, with real reports of the characters that make up this scenario. Finally, in concatenation to the registered, the current scenario of this sociological phenomenon is described.

Keywords: Immigrants. Migrants. Haitians. Social suffering. Xenophobia and Racism.

RESUMÉ

À partir de 2004, lorsque l'armée brésilienne s'est rendue en Haïti, en réponse aux appels de l'ONU et aux intérêts politiques et diplomatiques internes, ce pays est devenu un moyen pour le Brésil de se positionner dans le contexte des relations internationales, jouant le rôle de pacificateur dans des situations difficiles. de conflit. Depuis l'arrivée des troupes brésiennes en Haïti, un "pont" est apparu entre les deux pays, ouvrant une voie aux Haïtiens qui n'envisageaient pas la possibilité de se construire une vie décente dans leur pays et d'émigrer vers un autre. Le Brésil, pour eux, est devenu une destination du mouvement migratoire, pleine d'affinités culturelles idéalisées, avec un grand nombre de Noirs, festive, réceptive et apparemment prospère à cette époque. En dépit du «point» qui sépare les deux pays, les immigrants, en arrivant au Brésil, ne trouvent rien d'idéal avant leur départ. La ville de São Paulo, la plus grande ville d'Amérique latine, pourrait être, en théorie, la destination idéale, avec de grandes opportunités de travail et une vie digne. Ces obstacles sont nombreux et sont transposés par ces immigrants jusqu'à la métropole. Dans la législation brésilienne elle-même, qui régleme le statut d'immigrant, il existe des restes qui empêchent le respect des principes de base des droits de l'homme. Dans le scénario, l'objectif général de cette recherche est d'enregistrer le fait que les immigrés haïtiens sont liés aux caractéristiques de la capitale de São Paulo et de la culture nationale, confrontés à tout ordre de difficultés et de souffrances sociales qu'une trajectoire sans planification ni étude peut offrir à ses protagonistes. Pour consolider ces objectifs, une méthodologie basée sur la méthode de recherche qualitative est adoptée, ainsi que l'ethnographie, qui humanise le travail scientifique actuel avec des rapports réels sur les personnages qui composent ce scénario. Enfin, en concaténation avec l'enregistrement, le scénario actuel de ce phénomène sociologique est décrit.

Mots-clés: Immigrants. Les migrants. Haïtiens. Souffrance sociale. Xénophobie et racisme.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de pesquisa aos homens e mulheres pretos, estrangeiros, invisíveis sociais e espero poder contribuir para a discussão social em relação à exclusão, em benefício do acolhimento, da humanização das relações humanas, independente da origem, cor da pele, geografia, cultura ou destino.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Professor Rubens Adorno, que durante esse período me permitiu pensar, refletir sempre com seus valiosos conselhos. Agradeço especialmente ao professor Paulo Fortes, que infelizmente, faleceu em 2015, mas que contribuiu decisivamente para a proposta deste estudo.

Agradeço à minha mulher, Ane Cizoto, agradeço aos meus irmãos e familiares, pelo apoio nesse processo. Agradeço também aos amigos, em especial, a Sandra de Angelis, que em todos os momentos que eu precisei, me apoiou nesse projeto. Sou grato também aos colegas e professores da Faculdade de Saúde Pública da USP, em especial, a Dra. Viviane Medeiros, que se tornou neste período, uma grande amiga. Reconheço que um trabalho como esse é um caminho solitário e quem se aproxima de nós para dar apoio é porque vibra em um contexto maior do que o meramente descrito nesse tópico normativo. Agradeço, também, ao apoio recebido pela FAPESP, o que viabilizou a consolidação desta tese.

"... nada é mais necessário ao investigador do que saber alguma coisa acerca da história (de uma disciplina) e acerca da lógica da pesquisa: ... a maneira de descobrir o erro, o uso de hipóteses, o uso da imaginação, o modo de efetuar testes".

*John Emerich Edward Dalberg
Acton, Lord A.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 ATIVISMO, IMIGRAÇÃO E REFUGIO	12
1.2 HAITIANOS EM SÃO PAULO – EXCLUSÃO, INVISIBILIDADE E SOFRIMENTO SOCIAL	16
1.3 HIPÓTESES E QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA	20
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 TEORIAS SOBRE MIGRAÇÃO	21
2.2 IMIGRAÇÃO E REFÚGIO NO CONTEXTO GLOBAL DO SÉCULO XXI	26
2.3 A MIGRAÇÃO E SOFRIMENTO SOCIAL	32
3 OBJETIVOS	38
3.1 OBJETIVO GERAL	39
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	39
3.3 ESTRUTURA DA TESE	39
4 METODOLOGIA	40
4.1 CLASSIFICAÇÃO	40
4.2 SÍNTESES: DOCUMENTAL, BIBLIOGRÁFICA, SOCIOMÉTRICA E ETNOGRÁFICA	41
5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	42
5.1 HAITI	42
5.2 BRASIL	45
5.2.1 O município de São Paulo	47
5.3 MIGRAÇÃO DOS HAITIANOS NO BRASIL E EM SÃO PAULO	54
6 RELATOS DE CAMPO: IMERSÃO E PERCEPÇÕES	63
6.1 DESCRIÇÕES DOS CENÁRIOS E INSERÇÕES	63
6.2 HISTÓRIAS DA RUA COMPROVAM O SOFRIMENTO SOCIAL	66
6.3 PELE PRETA. ESTRANGEIRO. “VAMOS ATRAVESSAR. PODE NOS ROUBAR”	73
6.4 REUNIÃO COM HAITIANOS	79
6.5 HAITIANO 5 - 37 ANOS	81
6.6 UMA NOITE NA PENSÃO	84
6.7 SACOS DE LIXOS E UM HOMEM, TODOS PRETOS, NA CALÇADA	90
6.8 OUTRAS PERCEPÇÕES	96
6.9 HAITIANO 8 – DOIS CURSOS SUPERIORES	96
7 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
APÊNDICES	125
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre Esclarecimento para os Entrevistados	125
Apêndice B - Termo de Autorização de Pesquisa	126
Apêndice C - Termo de C.E.P.	127
Apêndice D - Transcrição das Entrevistas na Íntegra	133
CURRICULUM LATTES	

SIGLAS UTILIZADAS

-ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas;
-ADIN - Ação Direta de Inconstitucionalidade;
-AM - Amazonas;
-ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária;
-BM&FBovespa - Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo;
-BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social;
-CEM - Centro de Estudos Migratórios;
-CF - Constituição Federal brasileira;
-CLT - Consolidação das Leis do Trabalho;
-CNIG - Conselho Nacional de Imigração;
-CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica;
-COEP - Comitê de Ética e Pesquisa;
-CRAE - Centro de Referência e Assistência ao Imigrante;
-DNA - Ácido desoxirribonucleico;
-EU - União Europeia;
-EUA - Estados Unidos da América;
-GaWC - World Cities Study Group & Network;
-IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
-ICMS - Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços;
-MEC - Ministério da Educação;
-MERCOSUL - Mercado Comum do Sul;
-OAB - Ordem dos Advogados do Brasil;
-OIM - Organização Internacional de Migrações;
-ONGS - Organizações Não Governamentais;
-ONU - Organização das Nações Unidas;
-PIB - Produto Interno Bruto;
-PLS - Projeto de Lei;
-PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento;
-PSGS - Programa de Saúde Global e Sustentabilidade;
-PUC - Pontífice Universidade católica de São Paulo;
-SP - São Paulo;
-TEM - Estudos do Ministério do Trabalho e Emprego;
-URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;
-USP - Universidade de São Paulo;

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DADOS GERAIS DO HAITI	44
QUADRO 2 - DADOS GERAIS DO BRASIL.....	45
QUADRO 3 - SÃO PAULO - CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS	49

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - DESLOCAMENTO NO MUNDO	29
FIGURA 2 - DESLOCAMENTO DE HAITIANOS NO BRASIL	31
FIGURA 3 - REFUGIADAS E IMIGRANTES REGISTRADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	36
FIGURA 4 - HAITI APÓS O TERREMOTO - IMAGEM VIA SATÉLITE	43
FIGURA 5 - ATENDIMENTO DE IMIGRANTES NO SUS - MUNICÍPIO DE SÃO PAULO ..	46
FIGURA 6 - OS NÚMEROS DA GRANDE METRÓPOLE.....	48
FIGURA 7 - MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO - OS BAIRROS DA CIDADE	50
FIGURA 8 - NÚMERO DE REFUGIADOS HAITIANOS NO BRASIL CONCENTRAÇÃO EM SÃO PAULO.....	54
FIGURA 9 e 10 - HAITIANOS IMIGRAM PARA O BRASIL – ATRAVÉS DO ESTADO DO ACRE	56
FIGURA 11 - ROTA DE ENTRADA HAITIANA PELO ACRE – CONCENTRAÇÃO EM SÃO PAULO.....	57
FIGURA 12 - ENTRADA NO BRASIL PELO ESTADO DO ACRE	58
FIGURA 13 - RUA EM TORNO DA “MISSÃO PAZ” - BAIRRO DO GLICÉRIO	65
FIGURA 14 - O DESCUIDO NO BAIRRO DO GLICÉRIO	65
FIGURA 15 - O ABANDONO NO BAIRRO DO GLICÉRIO ,.....	67
FIGURA 16 - RUAS ÁRIDAS E DESERTAS	67
FIGURA 17 - RUA NO EM TORNO DA MISSÃO PAZ	68
FIGURA 18 - IGREJA DA PAZ - MISSÃO PAZ.....	69
FIGURA 19 - LATERAL DA IGREJA DA PAZ.....	70
FIGURA 20 - UM LABIRINTO DE CASAS.....	74
FIGURA 21 - UNIÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES HAITIANOS (USHI).....	80
FIGURA 22 - DIA DA BANDEIRA HAITIANA.....	80
FIGURA 23 - RUAS PRÓXIMAS À PENSÃO.....	85
FIGURA 24- AS RUAS PRÓXIMAS Á USHI.....	97

1 INTRODUÇÃO

1.1 ATIVISMO, IMIGRAÇÃO E REFÚGIO

Werneck (1988) em seu livro ‘Defesa da cultura’ observa: Parece que persiste ainda a dúvida a respeito das causas que levam alguém à predileção por determinada atividade. Em algumas pessoas, isso se manifesta cedo e de forma ostensiva, mas a maioria demora em encontrar a atividade preferida ou adequada, balançando entre várias. Outros são compelidos pela vida a fazer o que não gostam, e este é o caso da maioria, a vocação vem tarde, quase sempre, e a própria pessoa interessada custa a descobrir a sua e às vezes descobre-a por acaso. Ela aparece súbita, trazida por acidente, e constitui como uma revelação. Que razões levam alguém a tornar-se um escritor? WERNECK (1988, p.1)

Que razões levam alguém a tornar-se um escritor? WERNECK (1988, p.1) Essa questão apontada seria a justificativa teórica para a escolha deste trabalho. Sou professor há mais de 25 anos, mas desde muito jovem, tornei-me um ativista em prol dos Direitos Humanos. Nos anos 1980, ao ingressar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), no curso de Ciências Sociais, passei a fazer parte do movimento negro da faculdade. O curso, propriamente, e a militância, por consequência, fizeram ampliar meus questionamentos e reflexões no que tange a fatores de exclusão históricos que o negro, no Brasil, vem colecionado há mais de 500 anos. Meu desejo é que, por meio de pesquisas e atividades políticas, seja possível contribuir para que as desigualdades, injustiças, o racismo, a xenofobia e a intolerância sejam suplantados finalmente pelo valor humano e o respeito no contexto da cidadania. Sabemos, entretanto, que estamos diante de uma luta perene.

A partir desse olhar ‘militante’, desde 2000 venho analisando a questão dos imigrantes e refugiados que vêm se multiplicando na História presente. Foi nesse período que percebi que o Brasil já começava a ser destino de povos de várias partes do mundo. Sabedor que nesse segmento haveria toda sorte de segregados, de gente vivendo à margem da Cidadania, procurei me aproximar de alguns grupos de migrantes que chegavam, especialmente no município de São Paulo àquela época. Essa aproximação me fez ver a realidade de vida dessas pessoas. A falta de documentação, alimentação, moradia, trabalho, entre tantas outras coisas, evidencia-se em todas as histórias individuais.

Esses contatos com os imigrantes e refugiados me aproximaram de instituições, associações e espaços que já tratam dessa causa há muito tempo. Entre essas instituições, conheci a Missão Paz, no Baixo Glicério, Centro de São Paulo, o CHDIC que hoje está instalado no bairro do Bexiga, Zona Central de São Paulo, o museu do Imigrante, que fica no Brás, também no Centro, além de casas que abrigam esse público, principalmente em torno da Missão Paz e que se espalham pelo Centro da cidade.

A aproximação revelara, então, a dura e difícil realidade que vários imigrantes e refugiados passavam. Estava claro para mim, como ativista, e para eles, como imigrantes, que o município de São Paulo recebia um público muito eclético, diferente, heterogêneo e sem o menor preparo social, legal e jurídico para tanto.

Diante da realidade local, de militância junto às causas sociais que dizem respeito à população negra, pobre e habitante das periferias, onde há um verdadeiro genocídio, porém velado, especialmente dentre os jovens, fui levado a abraçar mais uma causa, além do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST). Se ser preto, pobre e morador das periferias já era uma realidade desafiadora, considerei os agravantes humanos para quem era estrangeiro em uma terra inóspita. À extensa lista de itens de exclusão que já tínhamos no âmbito local, somava-se a questão do idioma, da distância de suas referências culturais, dos desafios intrínsecos impostos àquele que migra ou refugia-se, motivado, em sua maioria, por razões de extrema dificuldade, como desastres naturais, conflitos ou perseguição política.

Até há bem pouco tempo, a presença de estrangeiros na condição em que essas pessoas se encontravam estava lastreada por uma legislação oriunda da ditadura militar, que via o imigrante como “ameaça”. No contexto atual, entretanto, o Brasil passava a fazer parte da rota de migração, inclusive de haitianos. Os motivos dessa preferência pelo Brasil estariam pautados por uma visão estanque de que a maioria dos brasileiros é negra, o país estaria vivendo em uma expectativa de prosperidade, e também se acreditava que seríamos um povo amistoso e hospitaleiro. O desenho, mais uma caricatura, era a imagem do Brasil e de seu povo vendido como propaganda, e certamente, distante da realidade.

O número de refugiados no município de São Paulo provenientes de várias partes do mundo vinha crescendo, naturalmente por se tratar da maior cidade da América Latina, e que, supostamente, ofereceria mais condições para acolher o estrangeiro refugiado. A nova conjuntura exigiu providências do Estado, no sentido de criar mecanismos de inclusão dessa gente, que viria a integrar o cenário da metrópole e de forma cabal.

Houve uma grande movimentação dos ativistas e da sociedade civil organizada e que acabou por criar a primeira coordenadoria de Migrantes de São Paulo e do Brasil, em 2013. Agora a sociedade civil organizada e o poder público começavam a fazer essa díade que foi muito importante para entender e acolher essa população. Essa parceria acabou por realizar a primeira Conferência sobre imigração em São Paulo, como também resultou na preparação da primeira Conferência Nacional, em 2014. A Lei de Imigração recém-sancionada deriva-se deste movimento e de outros movimentos sociais que levaram o Estado a normatizar esta relação entre o migrante e a nação brasileira.

Se a problemática estava na cena urbana, por que não trazer esse tema para a universidade e associar essa experiência prática às teorias acadêmicas? Portanto, esta é a motivação sobre a qual me pautei para explorar este tema de estudo. Seguindo essa ideia, o foco é a relação dos imigrantes e refugiados haitianos e junto à Faculdade de Saúde Pública, vinculada ao recém-criado Programa de Saúde Global e Sustentabilidade, onde trabalho desde 2014.

Os excluídos sociais são negros, pobres, forasteiros, não falam a língua local e trazem outras referências culturais, por vezes, muito distantes das nossas. Primeiro como ativista e agora como pesquisador, era muito nítido ver que todas essas características pesavam no atendimento e acolhida desse público, seja nas esferas públicas como Aeroporto, Polícia Federal, rodoviária, ou nas particulares ou privadas como hotéis, restaurantes e demais serviços. No território urbano eles têm sido tratados com diferenças desde a sua chegada.

Em relação aos haitianos, foi em 2010 que a rota migratória se consolidou rumo a São Paulo vindos predominantemente do Norte do Brasil, do estado do Acre. Ao chegar a São Paulo, a Missão Paz é ponto final da maioria dos ônibus que chegavam do Acre. Mesmo sendo uma referência de acolhida e solidariedade, o lugar é feito de muito concreto, frio e que mesmo as

pessoas que trabalham lá façam o máximo que podem, não conseguem atender a toda aquela demanda de gente que chegava a grande número à época. Eram muitos homens, pretos, faixa etária entre 18 e 40 anos, em plena idade produtiva, porém estavam diante de um desafio dos mais aterradores. Ao chegar à metrópole, não havia, de pronto, nenhuma perspectiva de acolhimento. Não tive dúvida sobre esse olhar, de que eles seriam o meu objetivo da pesquisa de doutorado, eu haveria de exercer um protagonismo nesse contexto. Algumas histórias e discussões com meu orientador, Professor Rubens Adorno, me incentivaram a desenvolver esse trabalho pelo processo da etnografia. Admito que nunca tinha feito uma pesquisa por essa linha, mas por outro lado, me animei com essa possibilidade e desde então trabalho, pesquiso e vou a campo com uma ideia, espírito livre e tentando observar e ouvir mais do que falar. Pelas minhas características físicas, a aproximação deste recorte de imigrantes facilitou o contato. Pelo fato de eu ser negro, posso muito bem ser confundido por outros migrantes e por outros brasileiros como sendo também de fora, um estrangeiro. Isso me permitiu entender na pele o que era ser estrangeiro, preto e pobre. Nesse momento lembrei-me de muitos etnógrafos que afirmam que a linha é muito tênue entre o pesquisado e o pesquisador, o observado e o observador. Foi nessa situação que eu me encontrei.

Toda essa história tem por objetivo mostrar que a pesquisa em questão implica um envolvimento pessoal, um ativismo que em muitos momentos teve de respirar fundo para não deixar a ‘Senzala’ emergir, isto porque, como sempre falo, mora em mim a Casa Grande e a Senzala e dependendo do momento, como presenciei inúmeros casos de racismo, xenofobia, exclusão, preconceitos etc., tive que me controlar.

A etnografia me permitiu ter uma visão real de como os imigrantes haitianos têm sido tratados, por vezes, confundido com o “outro”, vi que o Município de São Paulo, o maior do Brasil e da América Latina, não estava preparado para atender a toda essa demanda deste público. Os órgãos públicos, bem como pessoas e grupos da sociedade civil não tinham esse lastro. A conjuntura difícil por falta de informações, por falta de domínio do idioma e da cultura locais agravava-se com a chegada de mais e mais pessoas. Vi também, o intrínseco descontentamento e preconceito dos nativos, mesmo estes sendo pretos e pobres, migrantes de outras regiões do país, que emergia nesta realidade. Como exemplo, cito um caso onde, em uma pensão onde havia pessoas de várias nacionalidades, mas em sua grande maioria, pretos, assisti à manifestação de racismo, xenofobia e preconceitos vinda de um migrante do Nordeste brasileiro.

Nesse contexto é que surgiu o meu interesse em trabalhar com os imigrantes haitianos. Ao retratar este recorte de homens pretos, pobres e expatriados, talvez eu possa contribuir para a inclusão desses seres humanos. Ser pobre e negro já é difícil no Brasil, imagino como seja a vida de quem não sabe falar a língua do país, que está longe de sua cultura e valores e o pior, longe de seus familiares. Autores como FASSIN, BIEHL, PUSSETTI, ADORNO entre outros, me ajudaram a entender como desenvolvi a presente pesquisa.

O Objetivo da Etnografia não é descrever as vidas de outras pessoas além de nós mesmos, com uma precisão e sensibilidade afiada por uma observação detalhada e por uma prolongada experiência em primeira mão. GEERTZ (1989, p.17) descreve a etnografia como a ‘ciência da descrição cultural’. Na obra a ‘Piscadela de Geertz’, além de mostrar a aplicação prática, ele também nos mostra a importância de analisar e interpretar a fundo o que estamos descobrindo quando fazemos análise. ZANINI (2015, p.3)

1.2 HAITIANOS EM SÃO PAULO – EXCLUSÃO, INVISIBILIDADE E SOFRIMENTO SOCIAL

Alguns autores chamam o “sofrimento social”, termo que emergiu nas últimas décadas, como um novo paradigma das ciências sociais e como uma lente particularmente apropriada para olhar as relações profundas entre a experiência subjetiva do mal-estar e os processos históricos e sociais mais amplos. PUSSETTI; BRAZZABENI (2011, p.1)

Segundo FASSIN,

Acompanhar a trajetória de uma única pessoa nos ajuda a capturar a lógica das infraestruturas cotidianas que fazem com que certas vidas ganhem forma e outras sejam impossibilitadas. Também nos ajuda a iluminar a agência humana em contextos de crise nos quais o quadro clínico e a realidade político-econômica se confundem, bem como apreciar este estranho processo subjetivo que faz com que o abandonado, apesar de tudo, continue antecipando outra chance de vida. FASSIN (2010b, p.416)

O trabalho empírico e longitudinal com uma única pessoa tem o potencial de revelar não apenas as nuances que informam a formação de famílias, comunidades e seus sistemas de valores, mas também o modo como estes se encontram imbricados em processos macroestruturais. FASSIN (ano 2010b, p.419)

Segundo as Nações Unidas (1972)

“movimiento de población en el espacio es un fenómeno polifacético en que la magnitud de los desplazamientos varía de unos pocos metros a muchos kilómetros y en que la estadía en el lugar de destino varía de unas pocas horas a muchos años. Una parte considerable de este movimiento es propia de las actividades de la vida cotidiana: ir al lugar de trabajo y volver al lugar de residencia, ir de compras, hacer visitas, viajar por razones de negocios o recreo, para mencionar sólo unos pocos ejemplos. Estos tipos de movilidad son interesantes por sí mismos, y las estadísticas respectivas son útiles para muchos análisis. Sin embargo, deben distinguirse del tipo de movilidad que implica una estadía continua o permanente en el lugar de destino. Este es el tipo de movilidad a que se refiere el concepto de migración. La característica esencial de la migración es, pues, el hecho que implica un cambio de lugar de residencia, o de lugar de residencia “habitual”, es decir, ir a vivir en un lugar nuevo o distinto. (...) por consiguiente, la migración se define operacionalmente como cambio de residencia de una división civil a otra,...”.¹ NACIONES UNIDAS (1972)

Os haitianos chegam ao Brasil sob o status de "refugiados", têm alguns direitos conquistados por meio de regulamentações do Conselho Nacional de Imigração (CNIg², 2012) e do Ministério do Trabalho. Por razões humanitárias, os vistos de entrada no país são permanentes e que lhes garante direitos como trabalho, educação e turismo.

Sobre essa situação SILVA, (2016, p.51) observa:

No final de 2011, descortinava-se uma situação de crise humanitária. Diante das péssimas condições de alojamento nas duas cidades e com veiculação na imprensa de que, sob falsas promessas, haitianos eram explorados por coíotes até chegarem ao Brasil, autoridades do Acre e da sociedade civil levaram o Governo federal a “ver” a gravidade da situação desses haitianos. Fernandes et al. (2013, p.60). Foi quando, sob as diversas razões em prol do respeito aos direitos humanos, em janeiro de 2012, o Governo, por decisão da Presidência da República, emanada ao CNIg(...) a busca de uma solução que permitisse o mínimo de governança deste processo. Disso decorre, como tentativa de solucionar os problemas, a aprovação da Resolução Normativa número 97 do CNIg, de 12 de janeiro de 2012 (CNIg,2012^a) publicada no Diário Oficial da União em 13 de janeiro de 2012, que dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei número 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti.

¹ Organização das Nações Unidas/Humana Global/www.humanaglobal.org

² O governo brasileiro editou uma Resolução Normativa número 97, de 12.01.2012, do Conselho Nacional de Imigração-CNIg, dispondo sobre a concessão de visto permanente, previsto no artigo 16, da Lei número 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de cinco anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.

Sabe-se que a aplicação dessas deliberações enfrenta uma infinidade de desafios a serem superados na prática, desde questões como idioma, culturas locais, passando pelo preconceito e decorrente xenofobia, dentre outros. No entanto foi aprovado em 2017 a Nova Lei de Imigração, que mesmo não considerando todo o trabalho da sociedade civil e suas propostas, não foi contemplado no seu todo, mas regulou alguns itens que dificultam a legalização dessas pessoas na sociedade brasileira.

O Brasil viveu até bem pouco tempo, uma ambiguidade entre a legislação vigente e o contexto global, bem como os acordos internacionais, dos quais o país é signatário.

No contexto diplomático, o país integra o grupo de países que formam a Convenção do Estatuto dos Refugiados das Nações Unidas, de 1951, e do Protocolo Sobre o Estatuto dos Refugiados de 1967, que determinam que serão reconhecidos como refugiados, todos os indivíduos que saem de seus locais de origem por:

- I) Perseguições políticas, por motivos raciais, religiosos, de origem, grupos sociais ou opiniões políticas divergentes;
- II) Não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes tinha sua residência habitual e para onde não possa ou não queira regressar;
- III) Por situações de violação dos direitos humanos.

Entre as décadas de 1950 e 1980, muitos nativos fugiram do Haiti por causa uma ditadura que minou as possibilidades de construção de uma vida digna e de cidadania. Desde então, o país vem sofrendo as derivações dessa condição política que perdurou por três décadas e para pontuar, no contextual atual, sofreu um dos mais intensos terremotos já registrados nos últimos tempos, em 2010, o que resultou em cenário catastrófico para o país.

Esses novos migrantes haitianos quando começaram a chegar em número maior a partir de 2004, não se enquadravam em qualquer dos itens previstos nas definições da ONU em relação a refugiados. O Brasil, diante desta situação, abre um precedente para receber os imigrantes

haitianos, mesmo sob contestação de órgãos não governamentais de proteção a refugiados, tais como a Conectas, Adus e CRAI³ e pelos próprios haitianos, pelo fato de não serem enquadrados no Estatuto de Refugiados. O governo brasileiro passa a fazer algumas concessões para receber esses migrantes. Por trás desse contexto, pode haver razões de interesse diplomático, com o objetivo de mostrar uma prosperidade e magnanimidade perante o mundo. Para tanto, a ferramenta usada para formalizar essa deliberação foi um decreto presidencial. Em 2012, nessa mesma linha, foram acolhidos e regularizados, outros 2,4 mil imigrantes haitianos, que receberam o visto de permanência de cinco anos, com direito a exercer atividade laboral remunerada (Resolução Normativa 97/2012 - Art. Visto Permanente; Art. 16, Lei 6815), que reconhece o direito do imigrante por razões humanitárias.

Dentro desse contexto há as observações de THOMAZ; NASCIMENTO (2018, p.44):

Ao recusar genericamente as demandas de um grupo extenso e pessoas da mesma nacionalidade, o Brasil violou direitos inalienáveis do solicitante de refúgio: ter a sua situação analisada individualmente e adquirir uma documentação provisória que lhe permita acessar serviços básicos. Para os haitianos, e somente para eles, tais prerrogativas foram negadas.

Ainda, para defender a impossibilidade de reivindicar refúgio, membros do governo e vozes da mídia alegaram que a vinda de haitianos atrelada às carências econômicas e não a perseguição em decorrência da instabilidade política do país de origem. Recorreram a uma interpretação estreita dos compromissos assumidos pelo país diante do regime internacional de proteção de refugiados.

Historicamente, desde os colonizadores europeus que sublimaram os nativos indígenas e escravizaram os negros, a questão migratória no Brasil sempre seguiu parâmetros estabelecidos pelos colonizadores europeus, constituindo assim, uma premissa de valor a partir da cor da pele e da "docilidade" com que grupos étnicos se adequariam aos padrões impostos pelos colonizadores. Vimos ser necessário pontuar que a História das políticas e leis de imigração no Brasil está intrinsecamente ligada à História da cidadania brasileira e seus critérios de inclusão e exclusão, ditados a partir de um contexto colonial ou em estrita continuidade com ele. Os negros, no contexto histórico brasileiro, só passaram a ter direitos a partir de 1888, ano da Abolição da escravidão, e, mesmo após este acontecimento, não houve incentivos para a sua inserção social, de forma que

³ Organizações não governamentais - ONGS) e que trabalham com imigrantes no Município de São Paulo.

ainda hoje se discute a adoção de políticas públicas que reparem este contexto histórico. Os termos do artigo a seguir, definia as condições impostas aos imigrantes:

Art. 1º do Decreto 528, de 1890, que dispunha que era inteiramente livre a entrada de trabalhadores, exceção feita aos indígenas da Ásia ou da África, que necessitavam autorização do Congresso Nacional.

Com essa política, entre 1877 e 1930, o Brasil recebeu cerca de quatro milhões de imigrantes brancos, como consequência dos problemas vividos na Europa, especialmente com a Revolução Industrial, as guerras Napoleônicas e a sedimentação dos limites geográficos, com a queda do Imperador Francês, há 200 anos.

Ademais, conhecer o tratamento historicamente dispensado aos estrangeiros que procuram o Brasil para construir suas vidas, é determinante para que se compreendam as dinâmicas às quais os imigrantes haitianos têm sido submetidos desde o início do século XXI, logo nota-se que pouca coisa mudou. Em outras palavras, o Brasil nunca estabeleceu políticas que pudessem contemplar por completo o outro, ainda mais quando seguindo paradigmas europeus, a cor da pele, a cultura, os valores definiam o “outro” como diferente e por isso mesmo, o preconceito e o racismo eram referências para definir o outro. MOREIRA (1999, p 39)

(...) O Brasil é racialmente eclético, mas suas estruturas de poder e mando são hegemônicas, isto é, dominadas pelo branco”.⁴

1.3 HIPÓTESES E QUESTÕES NORTEADORAS DA PESQUISA

Considerando-se que a hipótese é uma verdade temporária que deve submeter-se a testes para corroborá-la ou falseá-la, há nesta pesquisa as seguintes hipóteses em questionamentos: a maior metrópole do Brasil tem correspondido às expectativas oriundas dos haitianos? O que o Estado tem feito para arcar com mais esse atributo de grande cidade, compartilhando com a Federação, o ônus das deliberações políticas e diplomáticas que derivaram dessa rota de imigração? Como vivem, na realidade, os imigrantes haitianos após chegarem à cidade?

⁴ Aula ministrada na Faculdade de Direito da USP na disciplina Direitos Humanos e Diversidade sob orientação da professora Dra. Gislene Santos no dia 05.05.2015. São Paulo

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TEORIAS SOBRE MIGRAÇÃO

A história da humanidade é marcada pelo processo migratório. GUIMARÃES (2010, p.1) já dizia que:

O fenômeno migração é tão antigo quanto à origem do homem. Se buscarmos nas escrituras bíblicas, Adão e Eva foram expulsos do paraíso e tiveram de viver em outro lugar. Moisés migrou com seu povo do Egito em busca da terra prometida e a família do menino Jesus, para escapar de Herodes, teve de se refugiar em outra cidade. Diversos são os motivos que levam as pessoas a migrar: político, econômico, social, religiosos entre outros.

GOMES (2001, p.1) já observava que:

Uma grande parte dos estudos sobre migrações internacionais está direcionada para análises demográficas, econômicas e sociológicas. Os modelos de explicação causal se concentram exclusivamente nos efeitos que as flutuações do mercado de trabalho, as taxas de crescimento demográfico e a criação de redes sociais trazem para a variação das taxas de imigração.

Ou ainda “as expressões locais dos processos sociais podem apresentar elementos do global”. SASSEN (2010, p.40)

Falar de Migração, Mobilidade Humana, Refúgio, Direitos, Diversidade, Exclusão entre tantos outros temas nesse mundo globalizado mutante e veloz, mas acima de tudo, determinado pela força e poder ARON (1980), impondo quase uma aculturação, obrigará grupos, pessoas e Estados a se adaptarem ou correm o risco em última instância, serem excluídos desses processos.

Nesse sentido prospectar novos autores e pensamentos é necessário para entender toda essa complexidade e será fundamental para uma reflexão mais abrangente desse mundo que agora se apresenta no século XXI.

Para SIMMONS (1991, p.8-10), a crise na produção teórica sobre a migração se caracterizaria pela heterogeneidade, uma competição de termos e aproximações diferentes.

“Cada tradición de investigación concentra sus esfuerzos en sus temas favoritos y en los procesos de migración relacionados con ellos, los cuales están frecuentemente fundamentados en regiones geográficas y períodos históricos específicos de particular importancia para el enfoque en cuestión” SIMMONS, (1991, p.8).

Assim, quando SANTOS (2012, p.199) observa que

O conhecimento que tem ciência de seus limites será uma linha de trabalho, mas comprometido em não ocultar os entraves que se impõem ao olhar e à escrita, mas, diferentemente, buscar conhecer e lidar com eles, acreditando que possibilidades decorrem da assunção lúcida, étnica, dos limites e não da obediência medrosa e cega a eles.

Mesmo considerando que se parta desse paradigma metodológico múltiplo e flexível, que responde em lugar de impor-se à realidade observada, outras formas serão bastante utilizadas. Sobre a assimetria dessas experiências e a importância de retratá-las, FELDMAN-BIANCO (op.cit. pg.15) dispõe:

“Partir de la idea de la construcción social y política del sujeto migrante(...) se trata de reconocer que los migrantes son sujetos sociales que actúan en circunstancias históricas y coyunturas específicas, que su existencia es sociohistórica, y luego no se trata de desesencializar al sujeto, pero tampoco de sustancializar las categorías sociales que se construyen para dar cuenta de su localización en el mundo y de su actuar en los contextos sociales contemporáneos. Ese interés por entender este proceso de formación y transformación de las categorías radica, fundamentalmente, en develar las formas en que se sustancializa a los sujetos migrantes y, luego, cómo se legitiman tales categorías en el diseño de políticas públicas y/o iniciativas de ley que los nombran y los clasifican y, de este modo, cómo influyen estas nominaciones en las representaciones sociales y en la vida misma de las personas que cotidianamente experimentan la vida como migrantes”. FELDMAN-BIANCO (op.cit. pg.15)

Segundo SAYAD (1998, p.200),

Compreender o imigrante (nesse caso, o haitiano) como ‘objeto’ de estudo, importa em compreendê-lo como ‘objeto social e politicamente dominado’.

Ainda segundo SAYAD (1988, p.90):

A mobilidade internacional diz respeito a um fenômeno de mão dupla: imigrante que chega a algum lugar para reconstruir sua vida, saiu de um outro lugar porque não lhe era adequado. Portanto, não seria pertinente

analisar esse contexto apenas sob a ótica de anfitrião, mas imprescindível analisar também os agentes que desencadearam a migração.

A questão teórica ainda levanta uma série de novas questões sobre os imigrantes. Cada uma a seu modo, procura descrever esse fenômeno que se amplia cada vez mais, exigindo dos estudiosos e pesquisadores uma análise ainda muita apurada e abrangente desse tema que se tornou global no século XXI.

Outros autores como UEBEL e PAULI (2008, p. 1):

Os conceitos e aportes teóricos da ciência econômica que explicam e criam a base de interpretação das migrações econômicas, no mundo contemporâneo, visando aos processos de desenvolvimento socioeconômico por meio de questões macroeconômicas e de insights microeconômicos, que permitem, portanto, compreender também os fenômenos sociológicos das migrações.

SASAKI e ASSIS (2000, p.18):

As migrações internacionais recentes têm nos instigado a repensar as categorias com as quais as migrações e os migrantes têm sido analisados, demonstrando que estes processos de atravessar fronteiras devem contemplar múltiplos aspectos desse movimento.

Dificuldade no mundo atual em contemplar esses inúmeros aspectos, tanto por parte do país anfitrião quanto do imigrante ou país de origem.

Observando a história brasileira, segundo JÚNIOR (1964, p.109)

Os grupos pioneiros modificaram (a paisagem regional) com o trabalho de desbravamento e penetração; mas também sobre a paisagem cultural pela incorporação de elementos próprios, muitos nos quais se tornaram integrantes do novo quadro cultural, contribuindo assim para enriquecer, na pluralidade de aspectos que hoje apresenta o padrão cultural luso-brasileiro.

Integrando outros padrões culturais na medida em que as imigrações se intensificam. A migração dos negros africanos, dos europeus não portugueses, dos asiáticos complementa o mosaico plural.

No caso da imigração em solo de brasileiro, estas reflexões são importantes, para não correremos o risco de limitar os migrantes em categorias que não contemplam o fato de que são

peessoas que se movem, têm projetos, desejos de ir, voltar, permanecer e reconstruir suas vidas atravessando estas múltiplas fronteiras.

A migração primeiramente é aprendida como um problema sociológico sendo abordado a partir dos clássicos da sociologia, sendo que a teoria clássica microeconômica e a teoria do capital humano apontam perspectivas analíticas no processo migratório do século XXI, considerando o ponto central o fluxo migratório de trabalhadores. SASAKI e ASSIS, (2000, p.38)

A visão essencialista sobre a identidade de um indivíduo relaciona alguns elementos intrínsecos ao ser humano, considerando aspectos ambientais, racionalidade, uma ordenação hierárquica em relação às suas necessidades e preferências, capacidade de calcular riscos, opções e alternativas à sobrevivência essencial. Tal reflexão baseia-se na Teoria Microeconômica Neoclássica. SJAASTAD (1962); TODARO (1969)

Outra pressuposição seria a de que pessoas em sociedade têm a capacidade de mensurar diferenciais de renda entre a sua realidade e a de outras. Voltando ao que tange ao migrante, então, entendemos que estamos diante de seres racionais, cuja deliberação de sair de seus lares, cidades, região, país, etc., deixando para trás, referenciais íntimos, como sua cultura, família, e conjuntura, tenha passado por todo um processo de mensuração. E nessas reflexões pregressas, em algum momento, um futuro melhor do que o presente que essas pessoas têm tenha sido projetado, ainda que longinquamente. Portanto, pelas escolhas, passam análises de conjuntura, mesmo que pictóricas, ilusórias ou equivocadas. Projeções estanques de povos e culturas longínquas podem contribuir para as projeções dos que avaliam a possibilidade de migrar.

Naturalmente, as escolhas de destino passam por crivos que compõem suas referências. Por exemplo, um país que ofereça condições de emprego para as habilidades desenvolvidas em sua terra natal, cujo idioma tenha o mesmo radical linguístico da língua pátria destino de migração, que seja um lugar de paz. HARRIS e TODARO (1970) No cerne da decisão de mobilidade de uma pessoa ou um povo, está, de fato, a busca por melhores condições de trabalho e prosperidade. As referências dessa evidência são encontradas na Teoria Macroeconômica Neoclássica, mas também está nas páginas da História. Os traçados geográficos da Europa após as guerras napoleônicas, a fuga de judeus e outras etnias movidos pela 2ª. Guerra, referenciando a história recente, são alguns desses exemplos.

BORJAS (1989, p.45) aponta, como sendo a ideia central destas teorias, a existência de um mercado de migração que, de certa forma, selecionaria os imigrantes para os diversos países receptores. Na Teoria do Capital Humano, e com base nos estudos de Gary Becker (BECKER, 1993), na essência de uma decisão de migrar há uma ponderação entre as realidades de cada um, considerando a história de vida, os estudos, o desempenho profissional, bem como os desafios que uma decisão de desbravar um novo futuro são contemplados. Um novo idioma deverá ser aprendido, uma nova realidade ambiental deverá ser absorvida e tantas outras circunstâncias exigirão do indivíduo migrante uma grande adaptação. Nesse processo, novos laços psicológicos, emocionais e cognitivos estarão em formação, contrapondo-se aos antigos. Estruturas familiares, como casamento, número de filhos, idade destes são levados em conta. BECKER (1993, p.46).

BORJAS (1989) ressalta a influência de BECKER (1993) e suas teorias econômicas em relação à condição do migrante. A renda deste, logo à primeira parada no novo país, é mais provável que seja menor do que a renda de pessoas nativas ou radicadas há mais tempo. O não domínio do idioma seria um dos primeiros fatores de desqualificação em suas habilidades. O próximo passo deste migrante, após estabelecer-se minimamente, com pequenas sobras de rendimentos, é investir em capital humano, ou seja, de ampliar qualificação. Os investimentos nessa nova frente serão correspondentes à intenção de permanecer neste ambiente. Quanto maior for o interesse de permanecer, maior será o empenho e investimento em novas frentes.

As premissas da teoria proposta pelos Novos Economistas da Migração do Trabalho STARK & BLOOM (1985); STARK & TAYLOR (1989); STARK & TAYLOR (1991); TAYLOR (1986) são de que a decisão de migrar é pautada por grupos de pessoas ligados por algum elemento catalisador e que, portanto, não é, em sua maioria, uma escolha individual. Seriam, segundo STARK & BLOOM (1985), escolhas feitas por pessoas que não estariam dispostas a migrar. A ação em grupo faz mais sentido, não só por otimizar os recursos, mas para mitigar riscos. Organizar-se em grupos seria uma forma de ter mais força e segurança.

As migrações, segundo esses estudos, são realizadas por um membro da família, que se lança para abrir uma nova frente de sobrevivência ou ganho, integral ou parcial, para a manutenção de seu núcleo familiar. Riscos, privações, projeções e outras análises no âmbito da economia doméstica são os elementos que gravitam em torno da decisão de migrar. A mensuração de risco e privações permeia todos os processos, ainda que veladamente. TAYLOR (1986)

STARK & TAYLOR (1989) tecem conclusões identificando que essas famílias de migrantes buscam destinos que lhes tragam algum retorno, com a melhora das condições nas quais viviam antes da decisão de migrar, assumindo os menores riscos possíveis. Já MINCER (1978) defende que os ganhos almejados no âmbito familiar e não individual seriam propulsores desses movimentos migratórios individuais. Caso a escolha seja do grupo familiar, há cálculos de possíveis ganhos que sejam necessários para todos os membros e que serão mensurados neste processo e conjuntura. O autor, entretanto, aponta que a tendência desse modelo migratório, de grupos familiares inteiros, é menos frequente, por uma análise atávica de retorno e risco financeiro e de integridade individual. Em geral, o impasse desencadeia conflitos familiares e pessoais, nos processos de escolha de destino para um ou mais membros da família.

HARBISON (1981, p.251) observa que no processo decisório da migração, as redes sociais, como a presença de familiares já radicados nos locais de destino são fator relevante a todos os envolvidos no processo. A ideia por trás dessa lógica seria de que há um caminho já traçado anteriormente e que poderia servir como patamar inicial para este novo processo migratório.

2.2 IMIGRAÇÃO E REFÚGIO NO CONTEXTO GLOBAL DO SÉCULO XXI

Desde o fim da II Guerra Mundial, a recomposição de forças vem inspirando novas discussões a respeito das relações internacionais. O volume, a rapidez e a profundidade com que se operam as mudanças no âmbito econômico, político, tecnológico, cultural e saúde, bem como seus desdobramentos, geram grandes transtornos e incertezas em todos os Estados e organismos internacionais. Os países, na sua totalidade, são forçados a repensar conceitos, tais como poder, hegemonia mundial, áreas de influências, soberania, democracia, direitos humanos, meio ambiente, solidariedade, crescimento e expansão de fenômenos religiosos, deslocamentos humanos, migrações e segurança global. Essas mudanças verificadas, resultados de diferentes e sucessivas crises, não apenas precipitaram o fim do bipolarismo, quando o planeta foi dividido entre EUA e URSS, mas também revogaram e continuam revogando muitos paradigmas agora no século XXI. Isto pode ser verificado na citação:

As bruscas mudanças ocorridas no cenário internacional nos últimos anos exigem de qualquer cidadão de olhos abertos para o mundo um esforço suplementar de reflexão para um nível de compreensão minimamente

satisfatório. Desde o início da década de 1990 para cá, o ritmo da história acelerou-se de modo por vezes tão surpreendente que nos falta o devido tempo para avaliar com rigor o que de fato aconteceu e o que virá(..). FONSECA e CASTRO (2000, p.23)

Ao mesmo tempo, surgem organismos e instituições cuja importância não se pode desprezar, quando se pretende discutir essa nova realidade mundial. Numa reflexão a respeito do momento que atravessamos, IANNI (1922, p.9) no livro "A sociedade global", discute o organismo social e todos os fatores capazes de transformá-los, observando:

(...) ideia de globalização está em muitos lugares, nos quatro cantos do mundo. Aparece nos acontecimentos e interpretações relativos a tudo que é internacional, multinacional, transnacional, mundial e planetário. Está presente na vida social, assim como nas produções intelectuais. Ressoa em toda reflexão sobre capitalismo, socialismo, ocidente, oriente, islamismo, cristianismo, modernidade e pós-modernidade. Em escala crescente, a globalização confere novos significados a indivíduo e sociedade, modos de vida e formas de cultura, etnia e minoria, reforma e revolução, tirania e democracia. Permite pensar o presente, rebuscar o passado e imaginar o futuro. Tudo pode ganhar outra luz, quando visto sob a perspectiva aberta pela globalização.⁵ IANNI (1922, p.9)

A estrutura da comunidade internacional não depende tão somente das decisões tomadas de forma isolada pelos diferentes Estados. Organizado em blocos e envolvidos em ações de caráter sócio-político-cultural, como é o caso da União Europeia (UE), de natureza política e econômica, a exemplo do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), os países estão buscando alternativas que lhes permitam alavancar e manter o desenvolvimento, o seu próprio e da comunidade onde se inserem.

Na palestra proferida pela professora Maria Hermínia Tavares, do Instituto de Relações internacionais da USP, na aula inaugural do curso "Saúde Global e Sustentabilidade" (2014), já refletia sobre:

(...) dificuldade para se chegar a uma Governança Global. Os desafios, os impactos e suas limitações são empecilhos para esse novo “pacto global” e criam dificuldades para um consenso e estabelecer os paradigmas do concerto internacional. O campo da Saúde global, a segurança alimentar e políticas públicas não serão diferentes nesse limiar de século XXI.²

Cada ano que passa, observamos que o fenômeno das migrações transnacionais, que não é novo, multiplicar-se. Essa mobilidade é um traço constitutivo da própria História da humanidade.

⁵ IANNI, Octavio - A sociedade global - Rio de Janeiro - Ed. Civilização Brasileira - p. 9- 1992 ²
Aula ministrada em 05/08/2013, no contexto Desafios da Governança Global.

Os motivos são os mesmos. Guerras, tragédias naturais, culturais, religiosas, políticas e trabalho estão intensificando esses fluxos e movimentos migratórios internacionais.

Hoje no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas ONU (2016) são 65 milhões de pessoas em condições análogas ao refúgio e em busca de repatriação. COGO, BADET (2013 p.17) De acordo com o relatório “Global Trends: forced displacement in 2016” publicado pela ACNUR (2017), o mundo contava em 2016 com 65,5 milhões de pessoas deslocadas, 22,5 milhões são de pessoas refugiadas e, dentre estas, 51% são menores de 18 anos de idade. PEREIRA (2013, p.3). O Cenário das migrações internacionais no século XXI tem sido marcado por movimentos migratórios que incluem percursos, cada vez mais intensos, entre os países do Sul Global. As restrições impostas pelos países do Norte para a entrada e permanência de migrantes internacionais consistem em importantes elementos na reconfiguração das migrações e seus destinos no mundo. BAENINGER (2018, p.13)

Em suma, uma em cada seis pessoas no mundo é migrante. Esse número pode, contudo, ser maior, se considerarmos que esses dados não incluem os migrantes internos, ou seja, que se deslocam no interior de um mesmo país, ou, ainda, pessoas que são migrantes, mas que não são consideradas estrangeiras. O registro quantitativo do crescimento das migrações internacionais nessas últimas décadas é apenas uma dimensão de um fenômeno para o qual concorrem fatores de ordem qualitativa e que contribuem para atribuir maior complexidade aos fenômenos migratórios. As migrações na atualidade apresentam uma maior diversidade de grupos étnicos e culturais envolvidos, um número significativo de mulheres que migram de maneira independente ou como chefes de família; um incremento do número de pessoas que vivem e trabalham no estrangeiro sem regularização jurídica e uma presença maior de migrantes temporários e de circulação.

FIGURA 1 - DESLOCAMENTO NO MUNDO

Fonte: ACNUR (2017)

O impacto desse movimento social provocou também uma movimentação financeira de monta. O incremento das migrações transnacionais pode ser evidenciado, ainda, nos recursos significativos gerados pela força de trabalho dos migrantes no âmbito global e no volume significativo de remessas de dinheiro que enviam regularmente a seus países de origem. Esses recursos têm sido importantes na geração e movimentação de vida econômica e social, tanto dos países de procedência como destino dos migrantes. OROZCO (2004, p.76)

Segundo dados da ACNUR (2017) o ápice migratório no Brasil cresceu muito provavelmente instigado por uma mensagem subliminar de prosperidade e acolhimento propagada primeiro pelo contexto da Copa do Mundo, em 2014 e depois em 2016, para as Olimpíadas na Cidade do Rio de Janeiro, e mesmo apesar da crise instalada no país em 2015, acabaram por colocar o Brasil na rota de refúgio de muitas nacionalidades. Haitianos, congoleses, senegaleses, camaroneses, angolanos, etc. bem como intensificaram-se as rotas de bolivianos, peruanos, e mais recentemente, os venezuelanos, bem como intensificaram-se as rotas de refugiados dos conflitos do Oriente Médio como sírios, iraquianos, paquistaneses.

Quais as impressões que os migrantes locais têm desses “novos” que chegam, principalmente os pretos ou com estereótipos diferentes na perspectiva dos haitianos? Como estão se relacionando? Quais suas impressões sobre a cidade de São Paulo? As expectativas estão sendo atendidas?

Desde 2004, o Brasil já recebeu quase 80 mil haitianos, segundo dados da Coordenadoria Municipal do Imigrante em São Paulo (2017) e segundo o Relatório Cosmópolis os registros ativos são de 64.985 o que representa 5,4% dos imigrantes. Segundo dados da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG (2010) os haitianos estão distribuídos em 286 cidades brasileiras. A maioria se concentra em quatro estados da federação, na Região Metropolitana de São Paulo (SP), concentra-se a grande maioria, com 75%, seguida de Manaus (AM), com 10% e Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG), com 7%. Segundo o Relatório Cosmópolis existem registros de 11.888 registros ativos de imigrantes haitianos no município de São Paulo representando 3,1% dessa população.

FIGURA 2 - DESLOCAMENTO DE HAITIANOS NO BRASIL

Fontes: Coordenadoria Municipal do Imigrante em São Paulo (2017)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG (2010)

O ápice migratório foi verificado após o terremoto de 2010 e mais recentemente, uma nova leva de imigrantes chegou ao país, provavelmente instigados por uma mensagem subliminar de prosperidade e acolhimento. Nesse sentido VENTURA (2018, p.33) observara:

Será dito que o Brasil é um país de imigração e que a variedade de origens, traços e sobrenomes faz dele um país aberto e plural.

A problemática aqui é de âmbito global mesmo que essa população não ultrapassa como alguns afirmam VENTURA, ILLES (2012) de 0,5% da população brasileira. Atualmente estas

regiões têm se modificado, incluindo a região Sul do país, com o estado de Santa Catarina perfazendo mais de 90% deste processo migratório.

A questão das migrações no planeta toma novos contornos na primeira década do século XXI, onde calamidades locais, como um terremoto, por exemplo, uma epidemia de cólera, ebola, dengue, entre outras ou conflitos políticos e ideológicos, desencadeiam novas dinâmicas e rotas migratórias. Nas Américas, o Haiti desponta como um território extremo de pobreza e falta de condições políticas locais que promovam seu desenvolvimento.

2.3 A MIGRAÇÃO E O SOFRIMENTO SOCIAL

Qualquer um de nós já migrou ou pode migrar um dia. O verbo do estrangeiro é ‘estar’, não ‘ser’. No fundo, o estrangeiro não existe, ou somos nós mesmos, por vezes até em nossa pátria. (VENTURA & ILLES, 2012, p.57)

O movimento de migrar caracteriza o ‘estar do estrangeiro’ como nas palavras de VENTURA (2014, p.25), descreve a experiência de migrar como uma ação, quase sempre pensada como um sinônimo de mudança. Uma mudança que tem causas e que engendra desafios a começar pelo status migratório, passando pelas diversas políticas migratórias e sociais, no controle da circulação entre fronteiras por uma polícia sanitária, no acesso ou à exclusão de certos direitos como a saúde, do atestado do trauma, no caso do refugiado, à naturalização de uma história de vida.

Motivos à parte, cada pessoa que sai de sua casa, vila, cidade ou país para se aventurar mundo afora, busca um local onde possa viver em paz, trabalhar e construir sonhos de uma vida digna. Uma pessoa que precisa sair de seu lugar de origem, por questões políticas, étnicas, sociais, culturais, religiosas por uma pobreza sistêmica, desigualdades e tragédias naturais são razões que levam a essa grande e complexa mobilidade humana do século XXI que é maior desde o fim da II Guerra Mundial. LAFER (2018)

O conceito de sofrimento social emerge no contemporâneo como uma nova perspectiva de olhar para as relações entre “experiência subjetiva do mal-estar e os processos históricos e sociais mais amplos” PUSSETTI e BRAZZABENI (2011, p. 467). A análise de fragmentos de campo a partir do conceito de sofrimento social é empreendida a partir de uma crítica ao campo da assistência e da proteção social que levam a um estado de exclusão, ou de redução do migrante a um ‘indivíduo-problema’ em São Paulo.

O conceito é operado como possibilidade de problematizar diferentes questões que atravessam desde relações de gênero e exclusão social a questões raciais, crime e migrações. Está presente na intersecção/inter-relação de experiências individuais e causas sociais do sofrimento focalizando a realidade de um imigrante haitiano em São Paulo em interlocução com o campo das migrações internacionais contemporâneas e saúde pública. PUSSETTI e BRAZZABENI (2011, p.470)

sugerem novos elementos de reflexão sobre a temática do sofrimento social, que tem merecido grande atenção nas últimas décadas nos campos científicos da antropologia, da sociologia, da psicologia social, como também no âmbito das políticas públicas e economias internacionais.

FARMER (2004) aborda a questão do sofrimento social a partir da violência estrutural, resultado das relações de poder e do lugar que certos sujeitos ocupam no âmbito, institucional, político e econômico (relação entre sujeito e ordem social). Nessa perspectiva é

o resultado da limitação da capacidade de ação dos sujeitos e é através da análise das biografias dos sujeitos que podemos compreender o impacto da violência estrutural. PUSSETTI & BRAZZABENI (2011, p. 469)

Se pensarmos o termo sofrimento social não como um fato isolado, mas migrando para uma concepção de “fato social total” DAS (1997), temos a possibilidade de relacionar criticamente o sofrimento como experiência subjetiva do imigrante internacional às estruturas sociais (saúde, educação, segurança pública, trabalho) como um modo de olhar para a complexidade que envolve tal tema.

Tendo em vista a complexidade que envolve a temática, destacamos a visão de subjetividade a partir de autores inseridos no campo analítico das migrações contemporâneas como o próprio

FASSIN (2010b,2011) e também BIEHL (2016) para falarmos sobre a patologização e medicalização da experiência do migrante. Nesse sentido, BIEHL (2016, p.422)

Podemos estudar a subjetividade como aquilo que excede e escapa (...). Trata-se de identificar que as suas trajetórias também podem ser indicadores de um novo universo de referência.

FASSIN em uma entrevista já dizia:

Eu defendo uma posição não intermediária, mas liminar, no limiar da caverna ali onde um passo de um lado ou do outro conduz a luz ou a obscuridade. De maneira concreta, isso significa estar, ao mesmo tempo, suficientemente mergulhado em uma etnografia para poder dar conta e honestamente da inteligência e da reflexividade dos atores, e bem distanciado em uma antropologia para ser capaz de desenvolver uma análise autônoma revelando o que escapa a esses mesmos atores. É no limiar da caverna. FASSIN (2010b, 2011, p.279)

Sobretudo, a naturalização e incorporação de dinâmicas sociais como as migrações ora como um fator de risco para a saúde do migrante, ora como um fator de risco à saúde global, leva a um reducionismo que no mínimo se apresenta problemático. É o ponto fulcral onde a “compaixão e a repressão” (FASSIN, 2004) tornam-se a face da mesma moeda.

Vimos na noção de sofrimento social, um conceito-potência que nos auxilia a ‘desconstruir’ reducionismos e naturalizações acerca da experiência subjetiva de quem migra, ‘re-colocando’ o problema em termos de estrutura social e localizando-o fora das ‘ambiguidades’ do vulnerável-fator de risco. ADORNO (2012, p.52)

Como aponta PUSSETTI & BRAZZABENI (2011, p.473) “o sofrimento, a dor, a violência – enquanto fenômenos sociais - mas também como instrumentos conceituais e analíticos”.

O sofrimento humano, na realidade do imigrante haitiano em São Paulo, perpassa desde o preconceito, a xenofobia, a invisibilidade, a cultura diferente, o não acesso às políticas sociais e a distância do país de origem e família levam muitos aos que alguns autores chamam de “sofrimento social”. Na próxima sessão analisamos fragmentos de campo a partir da trajetória de um imigrante haitiano em São Paulo. De acordo com FASSIN (2013, p. 416):

Acompanhar a trajetória de uma única pessoa nos ajuda a capturar a lógica das infraestruturas cotidianas que fazem com que certas vidas ganhem forma e outras sejam impossibilitadas. Também nos ajuda a iluminar a agencia humana em contextos de crise nos quais o quadro clínico e a realidade político-econômica se confundem, bem como apreciar este estranho processo

subjetivo que faz com que o abandonado, apesar de tudo, continue antecipando outra chance de vida.

As circunstâncias relacionadas às causas das migrações, assim como seus efeitos sobre a saúde do migrante, configuram cenários ainda pouco explorados no âmbito brasileiro. Nas últimas décadas o Brasil tem recebido um grande fluxo populacional principalmente oriundo do Norte da África, cone sul e América Central. Há um cenário das migrações internacionais no Brasil contemporâneo que se reconfigura constantemente, exigindo a construção de modelos teóricos para compreensão do fenômeno marcado por intensos processos de mobilidade em escala transnacional. Tal perspectiva pede urgência para a construção de críticas e de um ferramental conceitual que auxilie em discussões pautadas na complexidade do fluxo migratório contemporâneo.

No Brasil, o ápice migratório cresceu muito provavelmente instigado por uma mensagem subliminar de prosperidade e acolhimento, e mesmo apesar da crise instalada no país em 2015, acabaram por colocar o Brasil na rota de refúgio de muitas nacionalidades. Haitianos, congoleses, senegaleses, camaroneses, angolanos, sírios, iraquianos, paquistaneses, venezuelanos. ACNUR (2017) No Brasil, segundo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico IBGE (2016) estima-se que haja 1,5 milhão de pessoas classificadas como refugiadas e imigrantes. Segundo o Relatório São Paulo Cosmópolis (2017) existem no Brasil registrados 1.211.129 imigrantes no Brasil e cerca de 32% do total de imigrantes estão registrados no Município de São Paulo.

FIGURA 3 - REFUGIADAS E IMIGRANTES
REGISTRADOS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Fonte: Relatório São Paulo Cosmópolis (2017)

Com a chegada em 2004 do Exército Brasileiro ao Haiti, atendendo aos apelos da ONU e aos interesses diplomáticos e políticos internos, o Haiti passou a ser um patamar para o Brasil se posicionar no contexto das relações internacionais, atuando como pacificador em situações de conflito.

Na perspectiva brasileira, a primeira década do século XXI é marcada por uma ampliação da inserção internacional do país e por um crescimento econômico propiciados pela estabilidade institucional e pela alta do preço das commodities no mercado internacional. A maior inserção do Brasil tem como estabilização do Haiti (MINUSTAH), organizações brasileiras como pastoral entre outras, teria motivado o aumento pelo interesse pelo Brasil por parte dos Haitianos. PACHI (2017, p. 94)

Essa conjunção de fatores - chegada das tropas e as expectativas de trabalho - em um lugar diferente que proporcionasse novas oportunidades, criou um vínculo entre os dois países, abrindo

um caminho para os nativos haitianos buscarem novas alternativas de vida, saindo de uma situação de extrema vulnerabilidade, sem que haja, ainda hoje, nenhuma possibilidade de construção de uma vida digna. A cidade de São Paulo nesse contexto se apresentou como espaço social de interação e acolhimento, mas também de conflitos e atentados ocorridos por conta do racismo, xenofobia e intolerância.

As evidências empíricas das migrações internacionais para e do país demonstram a complexidade e heterogeneidade da imigração internacional neste século. Denotam os desafios teórico-metodológicos para explicações e análises das migrações de haitianos, chineses, coreanos, bolivianos, peruanos, paraguaios, imigrantes internacionais qualificados, imigrantes internacionais indocumentados, imigrantes refugiados, presentes nos espaços migratórios construídos a partir de nexos transnacionais no Brasil Imigrante do século 21. BAENINGER (2013, p.18-19)

Para GLICK-SHILLER, BASCH & BLANC-SZANTON (1992), no que se refere à abordagem transnacional de explicação do fenômeno migratório, constroem um campo analítico da migração como um contraponto às noções de assimilação cultural e de aculturação presentes em concepções da sociologia clássica e desenvolvem a noção de processo migratório pautada na multiplicidade de relações entre: imigrantes, seus locais de origem e de destino.

Nessa perspectiva, o migrante seria denominado como transmigrante devido à manutenção das relações sociais, familiares, econômicas, políticas e religiosas tanto com os locais de destino quanto com os locais de origem. Essas relações, portanto, configuram processos sociais que não se limitam a fronteiras, sejam elas geográficas, políticas ou culturais.

Em contraposição ao nacionalismo metodológico presente em concepções clássicas de explicação das migrações SASAKI & ASSIS (2000), os sistemas explicativos mais recentes passaram a incorporar na análise do processo migratório as redes sociais e a família SASSEN (1998) como elementos decisivos do ato de migrar, desconsiderando a ênfase exclusivamente sobre o indivíduo que migra em relação com uma sociedade que o assimila. De acordo com BAENINGER e SOUCHAUD (2007, p. 04):

No caso das migrações internacionais, as novas formas de organizações sócio-espaciais dessas migrações passaram a ser analisadas envolvendo a articulação e circulação entre territórios.

Em dossiê GOLDBERG, MARTIN E SILVEIRA (2015) afirmam que grande parte do contingente de imigrantes contemporâneos no Brasil, desloca-se de seu país de origem com a possibilidade de inserção em uma economia informal, preenchendo a necessidade de mão de obra temporária e pouco qualificada. Estes grupos populacionais geralmente habitam condições precárias de moradia e laborais em grandes metrópoles como São Paulo, condições que influenciam também no acesso dessa população aos serviços de saúde.

O contexto caracterizado pelas condições de não acolhimento das demandas dos migrantes nas localidades de destino e a constatação de que o setor da saúde organiza ações segmentadas que limitam o acesso da população de imigrantes às políticas sociais são aspectos constantemente reportados na literatura científica brasileira. SILVEIRA et al. (2014); GIOVANELLA et al. (2007); SANTOS (2016). Além disso, a ausência de uma política intersetorial que operacionalize a assistência da demanda de saúde de imigrantes em articulação com outras políticas sociais é algo que circunstância a noção de vulnerabilidade do imigrante no âmbito da saúde. ZIMMERMAN et al. (2011)

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa é o registro do fato de como os imigrantes haitianos que têm vindo para o Brasil desde 2004, e em especial, a partir de 2010, estão se adaptando na cidade de São Paulo e quais suas impressões e observações.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos: a evidência das impressões e observações relatadas por estes imigrantes nessa relação com a cidade de São Paulo; impressões e observações das expectativas criadas confrontadas com essa nova realidade; quais as condições sociais que foram criadas para dar acolhida em consonância com a Cidadania.

3.3 ESTRUTURA DA TESE

Esta tese está estruturada em capítulos da seguinte maneira: no capítulo 1 tem-se um texto de aproximação à temática em estudo seguido de descrição das hipóteses da pesquisa; no capítulo 2 apresenta-se uma revisão de literatura sobre as teorias sobre migração, os autores que são críticos da forma como o tema é tratado e 'apresentam novas teorias que se contrapõem: no capítulo 3 , dos seus objetivos, geral e específicos; o capítulo 4 descreve a metodologia adotada, a etnografia, para esta pesquisa; no capítulo 5 uma breve caracterização dos países envolvidos nessa migração, trazendo o foco nos haitianos que entraram no Brasil e depois no município de São Paulo; no capítulo 6 descreve-se os relatos de campo, suas imersões e percepções associadas, e, por fim, no capítulo 7 apresenta-se as considerações finais. Além disto apresenta-se também, em apêndices da pesquisa, o termo de consentimento livre esclarecimento para os entrevistados, o termo de autorização de pesquisa e demais registros etnográficos utilizados.

4 METODOLOGIA

4.1 CLASSIFICAÇÃO

Toda pesquisa para LAKATOS E MARCONI (2016, p. 157) implica um levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas. Esse material-fonte é útil não só por trazer conhecimentos que servem de base ao campo de interesse, como também para evitar possíveis duplicações e/ou esforços desnecessários: pode, ainda, sugerir problemas e hipóteses e orientar para outras formas de coleta.⁶

Ainda segundo OLIVEIRA (2013, p. 83) a organização de uma pesquisa inclui um plano de execução e a elaboração dos instrumentos para serem utilizados na coleta de dados. Os instrumentos

⁶ Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 7 ed. - São Paulo: Atlas, 2010

utilizados são: levantamento de dados secundários juntos aos órgãos de Governo/Secretárias/Coordenadorias, ONGS para a análise documental, a entrevista e a técnica de grupo focal.

Desta maneira a metodologia da pesquisa adotada é híbrida e utiliza-se em uma revisão de literatura sobre a temática e afins de forma a seguir um plano de execução e a elaboração dos instrumentos para serem utilizados na coleta de dados, com o uso de levantamento de dados secundários juntos aos órgãos de Governo/Secretárias/Coordenadorias, ONGS para a análise documental, a entrevista e a técnica de grupo focal, seguida de síntese documental, bibliográfica, sociométrica e etnográfica com o uso de entrevistas e registros de impressões.

Em síntese, a metodologia seguirá essas etapas:

4.2 SÍNTESES: DOCUMENTAL, BIBLIOGRÁFICA, SOCIOMÉTRICA E ETNOGRÁFICA

Aqui entram documentos oficiais de órgão de governo, instituições nacionais e internacionais além de Ongs, pastorais e grupos de apoio que de algum modo atuam com o grupo objeto de pesquisa (migrantes, haitianos, refugiados etc.);

Segundo RICHARDSON (2012) com o surgimento da escrita, as sociedades tiveram duas fontes para transmitir os fenômenos sociais: a comunicação oral e a escrita. A oral permite observar os fenômenos e comunica-las no momento em que serão produzidos e até mesmo, depois. Na oral pode sofrer alterações à medida que o fenômeno seja transmitido de uma pessoa ou fonte a outra, perdendo sua confiabilidade.

Ainda, segundo o autor nas “sociedades contemporâneas”, o registro escrito dos fatos sociais de ocorrência diária realiza-se por meios diversos - jornais, revistas e outros. Observa ainda que os conhecimentos mais científicos e mais sofisticados podem ser utilizados a escrita para registrar diários, memórias, autobiografias, romances, obras científicas e técnicas.

Além disto tem-se a síntese bibliográfica que é dedicada especificamente ao levantamento de teses, dissertações e pesquisas e objetiva mapear o universo conceitual e factual construído e analisado até o momento e também a síntese sociométrica que mensura quem são, quantos são, homens, mulheres, crianças, porque vieram, como vieram, por onde vieram etc.

Já a síntese etnográfica considera que a partir dos perfis levantados na instância sociométrica realizar entrevistas, conversas, vivências com o grupo escolhido além do uso de entrevistas com autoridades, lideranças, dirigentes e haitianos.

Para GIL (2010, p. 121) entrevista é a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam na investigação, sendo então, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de dialogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

5.1 HAITI

Haiti é um país do Caribe na América Central, ocupa uma pequena porção ocidental da ilha de Hispaniola, no arquipélago das Grandes Antilhas, que partilha com a República Dominicana. era o nome indígena dos taínos para a ilha. Em francês o país é chamado de *La Perle des Antilles* (*A Pérola das Antilhas*), por causa de sua beleza natural. Tanto em área quanto em população, o Haiti é o terceiro maior país do Caribe (depois de Cuba e da República Dominicana), com 27.750 quilômetros quadrados e cerca de 10,4 milhões de habitantes, sendo que pouco menos de um milhão deles vivem na capital, Porto Príncipe. O francês e o crioulo haitiano são as línguas oficiais do país.

A posição histórica e etno-linguística do Haiti é única por várias razões. Quando conquistou a independência em 1804, se tornou a primeira nação independente da América Latina e do Caribe, sendo o único país do mundo estabelecido como resultado de uma revolta de escravos bem-sucedida e a segunda república da América. A Revolução Haitiana, feita por escravos e pessoas livres de cor, durou quase uma década; todos os primeiros líderes do governo foram antigos escravos.

FIGURA 4 - HAITI APÓS O TERREMOTO - IMAGEM VIA SATÉLITE

Fonte: SERTIT - CNES - International Charter (2010).

Ao observar a imagem de satélite (figura 4), nota-se que após o trágico terremoto que devastou o país, compreendemos o relato nostálgico dos haitianos que vieram para o Brasil, deixando para trás suas vidas, histórias, culturas e relações sociais. Nos depoimentos obtidos em trabalho de campo podemos observar o sentimento de pertencimento com o lugar de origem.

QUADRO 1 - DADOS GERAIS DO HAITI

HAITI	
Cidade mais populosa	Porto Príncipe
Língua oficial	Francês e crioulo
Governo	República semipresidencialista
Presidente	Michel Martelly
Primeiro-ministro	Evans Paul
Independência- Declarada	França 1 de janeiro de 1804
Reconhecida	1825
Área Total	27 750 km ² (143.º)
Fronteira	República Dominicana apenas, a leste
População Estimativa de 2014	9 996 731 2 hab. (88.º)
Densidade	292 hab./km ² (28.º)
Total	US\$ 18,535 bilhões*3
Per capita	US\$ 1 7713
PIB (nominal)	Estimativa de 2014
Total	US\$ 8,919 bilhões*3
Per capita	US\$ 8523
IDH (2013)	0,471 (168.º) – baixo 4
Gini (2001)	59,25
Org. internacionais	ONU, OEA, União Latina, CARICOM, AEC,OIF

Fonte: Próprio Autor (2018)

5.2 BRASIL

O Brasil é o segundo maior país negro do mundo, em primeiro está a Nigéria. Somente esse dado já seria mais do que suficiente para o negro ter muito mais espaço nas estruturas de poder e suas relações de força. O melhor exemplo dessa afirmação é que o Brasil é o país que mais mata no mundo. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil matou nessa última década

mais gente do que todas as guerras somadas. Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico – os negros ou afro descendentes representam quase 53% da população e sendo a maior parte das vítimas. O Brasil passa a apresentar o status nefasto de país mais violento do mundo. O perfil dessas vítimas demonstra claramente que ainda vivemos, como se fizessemos parte da "*Casa grande e Senzala*" de Gilberto Freyre.

QUADRO 2 - DADOS GERAIS DO BRASIL

BRASIL	
ÁREA	8.515.767,049 km ² (fonte IBGE)
CAPITAL	<u>Brasília</u>
POPULAÇÃO	207,1 milhões de habitantes (estimativa 2017 - fonte: IBGE) / Censo de 2010: 190.732.694 (IBGE)
QUANTIDADE DE MUNICÍPIOS	5.570 (em julho de 2017)
MOEDA	<u>Real</u> (R\$)
NOME OFICIAL	República Federativa do Brasil
FORMA DE GOVERNO	Federação
FORMA DE PODER	Democracia
SISTEMA DE GOVERNO	Presidencialismo
DIVISÃO ADMINISTRATIVA	26 estados e 1 Distrito Federal

Fonte: O Próprio Autor (2018)

SANTOS (2002) desenvolve nos textos "Reconhecimento Utopia Distopia e Racismo ou Não", dados que contribuem para entender que a violência contra o negro não ocorre somente na violência física ou, lembrando aqui João Cabral de Mello Neto, quando fala da 'morte matada'. As instituições que hoje regulam a ordem ou desordem brasileira são permeadas ainda de muito racismo e intolerância. Os resultados do segundo texto deixam isso bastante claro. Segundo TAYLOR (2000, p.269):

Os grupos dominantes tendem a consolidar sua hegemonia ao inculcar no subjugado uma imagem de inferioridade. A luta pela liberdade e pela igualdade tem, portanto, de passar por uma revisão dessas imagens. Os currículos multiculturais pretendem ajudar nesse processo de revisão.

Um dado estatístico com relação ao atendimento de imigrantes no SUS pode ser verificado no relatório da Assessoria Técnica da Tecnologia da Informação/SMS-SP. Nesse relatório é possível verificar estimativas de cadastros de usuários imigrantes no sistema de Cartão Nacional de

Saúde. No ano de 2015, foram cadastrados cerca de 40.000 imigrantes nos serviços públicos de saúde do município de São Paulo (Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, 2015). Porém, o Centro de Estudos Migratórios Scalabriniano⁷ estima que haja um número muito maior de migrantes internacionais que vivem na cidade.

FIGURA 5 - ATENDIMENTO DE IMIGRANTES NO SUS
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (2015)

De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (2015), que divulga um levantamento sobre o acesso de imigrantes ao SUS e constatou que as Unidades Básicas de Saúde representaram o maior índice de estabelecimentos que atendem imigrantes em São Paulo (77,2%) e no que se refere à nacionalidade do imigrante e refugiado foi constatado que 81% dos atendimentos se referem ao acesso de bolivianos. Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (2015)

⁷ O Centro de Estudos Migratórios (CEM) surgiu em 1969 vinculado à Congregação dos Missionários de São Carlos/ Escalabrianos. Integra a Federação de Estudos Migratórios João Batista Scalabrini, que se vincula aos demais Centros de Estudos da Congregação, presentes em vários países (São Paulo, Nova York, Paris, Roma, Buenos Aires, e Manila). Conta com uma biblioteca especializada em migrações e mobilidade humana e desde 1988 publica a *Travessia – Revista do Migrante*. <http://www.cemsp.com.br>.

A cidade não tem políticas públicas suficientes para atender a esse público de forma digna. Nos postos de saúde e hospitais não há orientações claras de como esse público deveria ser atendido. Uma grande barreira, além das óbvias, está no idioma dos imigrantes, já que a maioria não fala o português. A despeito de haverem iniciativas no âmbito da saúde pública brasileira como o relatório publicado pela Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo (2015), no sentido de se notificar e registrar a demanda de imigrantes no sistema de saúde, ainda é incipiente em termo de capacidade técnica e formação dos profissionais de saúde para lidar com essa questão, tornando uma grande lacuna à universalidade e à territorialização do sistema de saúde.

5.2.1 O Município de São Paulo

Fundada em 1554 por padres jesuítas, a cidade é mundialmente conhecida e exerce significativa influência nacional e internacional, seja do ponto de vista cultural, econômico ou político. O município possui o 10º maior PIB do mundo, representando, isoladamente, 11,5% de todo o PIB brasileiro e 36% de toda a produção de bens e serviços do estado de São Paulo, sendo sede de 63% das multinacionais estabelecidas no Brasil, além de ter sido responsável por 28% de toda a produção científica nacional em 2015. A cidade também é a sede da Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo (BM&FBovespa), a segunda maior bolsa de valores do mundo em valor de mercado.

São Paulo é a sétima cidade mais populosa do planeta e sua região metropolitana, com cerca de 20 milhões de habitantes, é a oitava maior aglomeração urbana do mundo. A Capital paulista é a maior cidade brasileira: concentra 6% da população do país e 27% do Estado de São Paulo. Apresentando um crescimento médio de 0,38% ao ano, segundo estudos da Fundação Seade.⁸ É na cidade de São Paulo que se concentram 53,2% do total de empregos formais do Estado. (15).

⁸ <http://www.seade.gov.br/cidade-de-sao-paulo-ganhara-em-torno-de-45-mil-pessoas-ao-ano-ate-2030/>

FIGURA 6 - OS NÚMEROS DA GRANDE METRÓPOLE

Fonte: Fundação Seade (2015)

É notório que a cidade de São Paulo apresenta inúmeros atrativos, por suas características de metrópole, tais como, aparente possibilidade de trabalho, oferta de serviços públicos e mais qualidade de vida atraem gente de muitos lugares. Hoje são mais de 90 nacionalidades com suas complexidades de povos, culturas como a cidade e seus moradores vêm se relacionando, em especial, com os haitianos.

O Governo Federal chegou a elaborar uma cartilha para orientar os imigrantes à chegada no país e para procurar emprego. O documento é escrito em português e crioulo, com o objetivo de integrá-los de forma cidadã, nos termos das leis locais.⁹ O Ministério Público do Trabalho também tem feito ações junto às empresas que empregam haitianos, para, de forma preventiva, orientar em relação à contratação dessa mão de obra de forma correta, mas o destino da maioria deles, ao chegar à Capital, é de muita incerteza e dificuldades.

⁹ <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C812D3BAA1A77013BB357293C594B/GUIA%20SOBRE%20TRABALHO%20AOS%20HAITIANOS%20web.pdf>

Evidencia-se, portanto, que essa ocupação haitiana, especialmente no Centro de São Paulo, vem trazer outro tipo de habitante à cidade, com pessoas mais jovens e com mais disponibilidade de trabalho, frente à concentração de pessoas mais velhas e que habitam os bairros mais centrais.

QUADRO 3 - SÃO PAULO - CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS

	SÃO PAULO
Área	1 522,986 km ² (SP: 9º)
População	11 895 893 hab. (SP: 1º) - estimativa populacional - IBGE/2014
Densidade	7 810,9 hab./km ²
IDH-M	0,805 (SP: 14º) - muito alto PNUD/20109
PIB	477 005 597 mil (BR: 1º) - IBGE/201110
PIB per capita	42 152,76 IBGE/2011
Área	1 522,986 km ² (SP: 9º)
População	11 895 893 hab. (SP: 1º) - estimativa populacional - IBGE/2014

Fonte: (Próprio autor, 2018).

Na figura 7 destaca-se a área da Região Central onde se concentram os imigrantes haitianos em sua grande maioria.

FIGURA 7 - MAPA DA CIDADE DE SÃO PAULO - OS BAIRROS DA CIDADE.

Fonte: EncontraSP, 2015

Glicério – Berço Paulistano do Imigrante

O Bairro do Glicério, para onde convergiram inúmeros haitianos a partir da rota migratória de 2010, traz em sua História, peculiaridades decorrentes da expansão da cidade que hoje é a maior da América Latina. Erguido na várzea do Rio Tamanduateí, deriva-se de um loteamento da chácara Tabatinguera (área de muita areia), no final do século XIX, como habitação popular destinada a operários de duas indústrias que se instalaram na região. No decorrer do tempo, além da construção de casas populares, a expansão da cidade, bem como leis que, supostamente visavam a normatizar a ocupação urbana, foram transformando a região em um destino de migrantes.

A área faz limite ao bairro do Cambuci, à Pça João Mendes (Administração Regional Sé – AR-Sé) e ao Parque D. Pedro II. Na pesquisa de André Luiz Canton, em sua dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – Depto. Geografia – FFLCH/USP, 2007, “Preservação contraditória no Centro de São Paulo”, o autor traz elementos dessa evolução da região que desde sua origem, oferece a quem chega, só o que se tem... habitação desordenada, a maioria das edificações levantada para servir de locação a operários e pessoas de baixa renda.

Desde 1867 já havia sido estabelecida uma função industrial ao longo do eixo ferroviário instalado nas várzeas e com ela a ocupação da Baixada do Glicério, assim como das outras áreas em direção ao bairro do Brás, em atendimento à demanda habitacional dos trabalhadores das fábricas, com a presença de imigrantes italianos e posteriormente japoneses e coreanos. Os dados do Anuário Estatístico de São Paulo referente aos nascimentos evidenciam a presença do imigrante italiano no Glicério na primeira década do séc. XX. Estes moradores dedicavam-se ao comércio, como proprietários de padarias, empórios, etc. Alguns eram carpinteiros, outros se empregavam nas indústrias. Por outro lado, já se podia notar a presença, mesmo que menos abrangente, de imigrantes japoneses. O número destes moradores acentuou-se nos 50 anos subsequentes, mas os primeiros chegaram à localidade pouco depois da entrada da primeira grande leva de imigração organizada e patrocinada pelo Governo paulistano em 1908, com vistas à colocação de mão-de-obra nas fazendas de café. CANTON (2007)

A fábrica de cigarros Sudam e a indústria têxtil Penteado foram instaladas na várzea do Rio Tamanduateí. Em suas áreas periféricas, em terrenos mais baixos e desvalorizados foram sendo construídas as chamadas “vilas operárias”, constituídas de pequenas casas de aluguel acessível à renda de um operário.

À medida que a cidade e a região se desenvolviam, houve algumas tentativas governamentais de normatizar a ocupação da região, com vistas a mitigar a exposição de seus habitantes a ambientes insalubres, como áreas de despejo de esgotos, por exemplo.

(...) indivíduos que vivem na miséria e abrigados aos pares, em cubículos escuros e respirando gases mefíticos, que exalam de seus próprios corpos não asseados, perdem de uma vez os princípios da moral e atiram-se cegos ao crime e ao roubo de forma a perderem sua liberdade ou ganharem por essa forma meios de realimentarem ou dormirem melhor(...).¹⁷ BONDUKI (1998, p.37)

As referências que constam dos documentos oficiais⁷, quanto a construção do edifício da Câmara em 1722 no local que mais tarde comporia a Praça João Mendes, situam-no em área pertencente ao Rocio⁸. A localização da Casa de Pólvora naquela região também atesta a situação periférica do atual bairro da Liberdade no início do séc. XVIII.

A abertura do primeiro cemitério público da cidade em 1779, precisamente na área da atual Baixada do Glicério (compreendido pelas atuais Rua da Glória e Galvão Bueno, na altura da Rua dos Estudantes), comprova a permanência desta característica periférica até meados do séc. XIX. Destinado aos mortos pobres, indigentes e supliciados, recebeu sepultamentos até 1858, quando foi aberto o Cemitério da Consolação¹⁰.

Em 1813, o denominado “Bairro da Pólvora” (como era conhecido o atual bairro da Liberdade) ainda era considerado afastado do centro urbano, apesar do sensível aumento populacional e do crescimento da economia local da segunda década do século XIX em São Paulo.

Nesta época, acentuou-se a concessão de terras, vendas, revendas e partilhas dos sítios ali existentes¹¹. Além disso, a intensificação das relações comerciais, principalmente entre o núcleo de São Paulo e o centro abastecedor de Santo Amaro, promove a ocupação das imediações da “Estrada do Carro” por inúmeras chácaras.

A ação repressora da fiscalização sanitária não seria capaz de evitar, segundo BONDUKI (1998, p.45), a

(...) proliferação de cortiços e habitações precárias na cidade, pelo menos até meados da década de 1920, somente dificultando a construção de moradias clandestinas. Chocando-se com as condições econômicas estruturais,

baseadas nos baixos salários e em regras mercantis de produção de moradias de aluguel, o higienismo perde sua arrogância.

A Igreja Nossa Senhora da Paz, no bairro do Glicério, região central da cidade, tem sido o destino de grande parte dos imigrantes que chegam à Capital.

Lideranças católicas têm se empenhado em acolhê-los, mas há registro de fome e dificuldades, derivadas no elevado número de pessoas que procuram a igreja para se abrigar e tentar a sorte. Por ser a primeira pousada desses imigrantes, muitos deles acabam conseguindo alojar-se na região central, onde há mais acesso a transporte público e maior oferta de emprego, principalmente no setor de serviços, tal como em bares e restaurantes, onde o período de treinamento é relativamente curto, se comparado com outros setores.

5.3 MIGRAÇÃO DOS HAITIANOS NO BRASIL E EM SÃO PAULO

FIGURA 8 - NÚMERO DE REFUGIADOS HAITIANOS NO BRASIL
CONCENTRAÇÃO EM SÃO PAULO

Fonte: Ministério do Trabalho e do Emprego (2014)

Os haitianos representam aproximadamente 25% deste recorte de imigração na Capital, segundo o CRAE - Centro de Referência e Assistência ao Imigrante (2015). As comprovações dos dados estatísticos reforçam a necessidade de se pensar e elaborar políticas públicas colocando em prática decisões discutidas nas conferências citadas a seguir. A responsabilização dos poderes governamentais em relação à inclusão desse público já é pauta de discussões em vários âmbitos da sociedade civil. A Primeira Conferência Municipal de Migrantes, por exemplo, foi realizada em São Paulo no final de 2013. Desta e de outras ações derivaram algumas mobilizações governamentais para desenvolvimento de uma política de âmbito nacional, que contemple, por exemplo, os direitos básicos dessa população. No final do mês de maio de 2014 realizou-se em São Paulo, a primeira Conferência Nacional de Imigração, onde as principais esferas decisórias da Sociedade Civil e Governamental estavam ali representadas e que contribuíram, dentre outras coisas, para se estabelecer algumas diretrizes que delimitam os âmbitos da problemática:

- 1) Status de "migrantes" ou "refugiados";
- 2) Direito de voto para esses públicos;
- 3) Criação de um fórum civil para discussão de permanência, já que hoje esses assuntos são tratados na esfera exclusiva da Polícia Federal;
- 4) Promoção e garantia de acesso aos direitos sociais e serviços públicos;
- 5) Promoção de trabalho digno;
- 6) Inclusão social e reconhecimento cultural;
- 7) Legislação federal e política nacional para migrações.
- 8) Acesso à educação;
- 9) Acesso à saúde;
- 10) Combate à violência contra a mulher migrante ou refugiada;

Estudos do Ministério do Trabalho e Emprego (TEM- 2014) revelam que os haitianos imigram do Haiti para o Brasil através do Estado do Acre, conforme figura 9, 10 e 11.

FIGURA 9 e 10 - HAITIANOS IMIGRAM PARA O BRASIL
 ATRAVÉS DO ESTADO DO ACRE

ROTA DOS HAITIANOS NO BRASIL
 Figura 9

CAMINHO DOS HAITIANOS
 Figura 10

FIGURA 11 - ROTA DE ENTRADA HAITIANA PELO ACRE
CONCENTRAÇÃO EM SÃO PAULO

Fonte: Adaptado de: MTE - 2014

FIGURA 12 - ENTRADA NO BRASIL PELO ESTADO DO ACRE

Fonte: Imigrantes Haitianos no Acre
Foto: Sérgio Vale/Secom (12/04/2014)

Para ADORNO¹⁰, esse contexto amplia a vulnerabilidade desse público, sintetizada a ideia de uma maior exposição e sensibilidade de um indivíduo ou de um grupo aos problemas enfrentados na sociedade. Reflete ainda uma nova maneira de olhar e de entender os comportamentos de pessoas e grupos específicos e sua relação e dificuldades de acesso a serviços sociais como saúde, escola, justiça.

Verifica-se a premência de pesquisar a respeito de práticas e processos históricos (políticos, sociais e culturais) e que entremeiam o momento imediato e a transformação do status de um cidadão haitiano para a condição de imigrante no Brasil. Delinear as possíveis consequências e implicações desse status, cristalizadas em lei, políticas públicas e burocracia em geral a partir dos primeiros imigrantes, em 2004, 2010 e nos dias de hoje.

Na linha do tempo, já é possível investigar se existe integração desses imigrantes à sociedade brasileira nos diferentes espaços de alinhamentos de suas identidades. Também é possível

¹⁰ Adorno, Rubens Camargo. Capacitação solitária: um olhar sobre os jovens olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social, São Paulo: AAPCS, 2001

elencar fatores que têm se mostrado determinantes para a construção de perfis acerca destes haitianos, quais as consequências em suas vidas cotidianas e em sua interação com a população local. Autores como FELDMAN, CAPINHA, THOMAS e outros que estudam essa temática discutem o papel das identidades, do sujeito, da cultura e poder que muitas vezes são delimitados e refletidos sobre a perspectiva do outro, seja âmbito nacional e internacional. No texto “O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou Thomas mostra as consequências que atingiram o Haiti e revelam, mais do que a falência do Estado, o fracasso das organizações internacionais envolvidas na reconstrução”. O autor estava lá no dia do terremoto e traz uma narrativa da catástrofe e a distância que separa essas organizações da sociedade Haitiana.¹¹

O estudo pretende, detectar as principais rotas de entrada no país e até sua chegada a São Paulo, e os perfis dos imigrantes e sua inserção social e laboral.

No contexto do Haiti, essas remessas representam 25% do PIB local. estimado em US\$ 8,5 bilhões, segundo o Banco Mundial (2013). Em 2009, o Banco Mundial anunciou que os migrantes enviaram US \$ 414 milhões aos seus países de origem, dos quais mais de US \$ 316 milhões de destinaram aos chamados países em desenvolvimento.

É notório que a cidade de São Paulo apresente inúmeros atrativos, por suas características de metrópole, tais como, aparente possibilidade de trabalho, oferta de serviços públicos e mais qualidade de vida. Mas há grandes dificuldades para absorção dos impactos que a chegada desses novos habitantes vem causando.

As políticas públicas no Brasil, com foco no município de São Paulo, ainda estão sendo elaboradas. Diferentemente da premissa defendida a partir dos anos 1960, que tinha esses estrangeiros como invasores ou inimigos, hoje há premência em acolher esses migrantes.

Em julho de 2015 o Senado aprovou em segundo turno o Projeto de Lei (PLS) 288/2013 que substitui o anterior que tratava sobre essa questão. Aprovado o texto final, com vários vetos, o novo Projeto de Lei repudia a xenofobia, a não criminalização da imigração, a acolhida humanitária e a garantia à reunião familiar que passam a figurar como princípios da política migratória brasileira.

¹¹ Novos Estudos, 86.março,2010

Além do mais, asseguram direitos e garantias para os imigrantes como amplo acesso à Justiça e medidas destinadas a promover a integração social.

Os conflitos mundiais e os impactos de tragédias naturais, tais como o terremoto no Haiti ou as guerras em países da África e do Oriente Médio, nesse contexto globalizado, nos fazem enxergar um montante mais preocupante que os saldos de feridos e mortos. Trata-se da situação de milhares de pessoas que, se em condições normais, antes dos episódios de conflitos ou acidentes naturais, já não eram ideais, nesse novo status, tornam-se ainda mais frágeis e vulneráveis. Estamos em um momento premente, onde o mundo que gera riquezas pelos quatro cantos, deve assumir sua responsabilidade para com esses "migrantes" e "refugiados" vivendo em abandono completo, consigam conquistar um status de cidadania.¹²

No contexto brasileiro, encontramos nas ruas de São Paulo, grande número de migrantes bolivianos, paraguaios, colombianos, haitianos, congoleses, senegaleses, sírios, libaneses entre outros, que vivem em um contexto social que precisa ser repensado, dada soma que se contabiliza nesse momento. Os haitianos já estão em território nacional há mais de uma década, com ainda pouco amparo das autoridades. A problemática de imigrantes é antiga, mas no Brasil, o tema assume hoje novos contornos e proporções.¹³

Preconceitos, rejeição e exploração são alguns dos riscos iminentes e que se somam aos já relatados, como a fome e o abandono, propriamente. Como se dá a convivência social? Como essas pessoas vão se comunicar e como pode-se implementar uma aculturação desses grupos?

A Constituição Federal brasileira (CF) de 1988 defende o princípio de igualdade entre os brasileiros e migrantes. O Congresso Brasileiro aprovou recentemente a lei de sobre imigração no ano de 2017. O Brasil vive internamente, ao aceitar acolher os imigrantes, em especial os de ascendência negra ou indígena. Nessa contradição intrínseca pode habitar elementos valorais, tais como o preconceito, o racismo e a xenofobia. BRASIL (1988).

¹² Aula ministrada em 26/08/2013 pela Prof.Dra. Deisy Ventura no contexto "Direito e Saúde Global"

¹³ Aula ministrada em 21/08/2013 pelo Prof.Dr. Rubens Adorno no contexto "Sustentabilidade e Saúde Global - Insustentabilidade Contemporânea"

A nação precisaria avançar para que os imigrantes já em território nacional possam fazer parte, de fato, da sociedade brasileira. No Brasil, os direitos e deveres estão previstos na CF, em leis, nos tratados internacionais ratificados e nos Acordos e convenções coletivas.

À primeira vista, o debate em torno da migração transnacional parece ser uma questão vinculada ao passado e distante do cotidiano atual dos brasileiros. Uma vez que o fato começa agora a ter mais visibilidade entre os meios de comunicação, faz-se necessário ter maior atenção à questão migratória contemporânea, se considerarmos as atuais evidências sobre o crescimento do fluxo migratório para o território brasileiro.

Esse novo quadro pode ser melhor visualizado a partir de estudo sobre o tema da migração na América Latina proposto por Neide Patarra, em texto publicado em 2005. Nesse sentido, a autora oferece algumas perspectivas de análise.

Os especialistas apontam a dupla tendência dos movimentos migratórios internacionais na região: a primeira, em direção aos chamados países do Primeiro mundo, e a segunda, entre os países da região. CHAKIEL e VILLA (1992); VILLA e MARTINEZ (2000, p.???)

O Brasil foi o último país da América Latina a entrar na primeira tendência nos anos 1980. Foi nesse período que, pela primeira vez, verificou-se uma saída significativa de sua população com destino aos Estados Unidos, Japão, países da Europa, além do anterior movimento em direção ao Paraguai. Entre os anos 1970 e os 1980, entretanto, nota-se um arrefecimento no incremento da entrada de migrantes intrarregionais, com o número de migrantes permanecendo bastante próximo nas duas décadas. Essa desaceleração pode estar relacionada à crise econômica dos anos 1980, ao retorno de migrantes exilados e, ainda, as novas formas de mobilidade da população da região, principalmente na área de fronteiras, que não implicam na mudança de residência de um para outro país. Dessa forma, observa-se uma desaceleração do movimento migratório interno na América Latina, incremento no movimento latino-americano para os Estados Unidos. VILLA (2007, p.??)

Considerando, portanto a inserção do Brasil nos movimentos migratórios intrarregionais nota-se que, a partir de 1980, o país vem configurando como área de expansão das migrações latino-americanas, reforçando:

- A modalidade de tipo fronteiriço, como são os casos com os países do MERCOSUL e Colômbia e Venezuela;
- B migrações em direção às áreas metropolitanas, como no caso dos bolivianos, peruanos ...;
- C Migrações intra-regionais com países não limítrofes, como os chilenos". (Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços, 2003)¹⁴

¹⁴ http://www.lep.ibge.gov.br/ence/publicacoes/textos_para_discussao/textos/texto_7.pdf

" Mande notícias do mundo de lá, diz quem fica, me dê um abraço, venha me apertar, tô chegando...

Coisa que gosto é poder partir sem ter planos, melhor ainda é poder voltar quando quero...

Todos os dias é um vai-e-vem a vida se repete na estação, tem gente que chega prá ficar, tem gente que vai prá nunca mais...

Tem gente que vem e quer voltar, tem gente que vai, quer ficar, tem gente que veio só olhar tem gente a sorrir e a chorar e assim chegar e partir...

São só dois lados da mesma viagem, o trem que chega é o mesmo trem da partida...

A hora do encontro é também despedida, a plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar, é a vida desse meu lugar é a vida...

A hora do encontro é também despedida, a plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar, é a vida desse meu lugar é a vida..."

Encontros E Despedidas

Milton Nascimento

6 RELATOS DE CAMPO: IMERSÃO E PERCEPÇÕES

6.1 DESCRIÇÕES DOS CENÁRIOS E INSERÇÕES

Nesse capítulo serão narradas algumas histórias que foram colhidas no campo de trabalho. Foi pensando nisso que decidi ouvir poucos relatos, alguns pontuais quando ia na Missão Paz ou proximidades e encontrava alguns que estavam somente de passagem e um em especial, que acompanhei mais tempo pude perceber em suas histórias o quanto ainda não conseguiram se estabelecer no município de São Paulo e por consequência, sofrem diariamente pela falta de estrutura do Estado, que ainda não conseguiu equalizar essa demanda.

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus antepassados, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. Com simples sinais e sons poderiam comunicar as suas necessidades imediatas e idênticas.

Ser diferente não equivale a ser outro, ou seja, não equivale a possuir essa curiosa qualidade de «alteridade», comum a tudo o que existe e que, para a filosofia medieval, é uma das quatro características básicas e universais que transcendem todas as qualidades particulares. A alteridade é, sem dúvida, um aspecto importante da pluralidade; é a razão pela qual todas as nossas definições são distinções e o motivo pelo qual não podemos dizer o que uma coisa é sem a distinguir de outra.

Na sua forma mais abstrata, a alteridade está apenas presente na mera multiplicação de objetos inorgânicos, ao passo que toda a vida orgânica já exhibe variações e diferenças, inclusive entre indivíduos da mesma espécie. Só o homem, porém, é capaz de exprimir essa diferença e distinguir-se; só ele é capaz de se comunicar a si próprio e não apenas comunicar alguma coisa - como sede, fome, afeto, hostilidade ou medo. No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidades e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares. ARENDT (2007, p.188)

Na rotina da militância, eu já tinha ouvido histórias de vida que nem sempre tinham final feliz e poucas esperanças para quem chegava na cidade. Mas na condição de pesquisador, entretanto, eu estaria sob regras determinadas pela academia para contemplar essas histórias. O sofrimento social, ora discorrido em teoria, era encontrado de forma abundante, em cada personagem que chegava à Missão Paz e em cada um que esta pesquisa me permitiu conhecer, me fez refletir muito sobre os haitianos, como eram vistos, quando não invisíveis, como estavam se sentido em uma cidade que não era tão favorável, como deparam com o racismo e a xenofobia. Todas essas histórias mostram um pouco do “estrangeiro preto” vivendo em uma sociedade que faz com os seus, isto é, o negro brasileiro, e que agora repassam para esse novo “habitante da cidade” os mesmos preconceitos.

O recorte deste trabalho fecha o foco sobre os imigrantes haitianos que têm ocupado as ruas de São Paulo, e que, seguindo uma rota clássica dos migrantes, desemboca na Missão Paz, no Glicério.

Os haitianos hoje fazem parte da paisagem do bairro, como moradores, inclusive de rua, como vendedores ambulantes, alguns como recém-chegados de outras cidades do Brasil, mas sempre retratam as mazelas da imigração no contexto global e local.

FIGURA 13 - RUA EM TORNO DA “MISSÃO PAZ” - BAIRRO DO GLICÉRIO

Fonte Arquivo Missão Paz

FIGURA 14 - O DESCUIDO NO BAIRRO DO GLICÉRIO

Fonte Arquivo Missão Paz

Vale observar que as inúmeras idas a campo não tinham rotina, nem horário certo, no propósito pontual de encontrar seres humanos, cada um com uma história, para uma interlocução com pessoas invisíveis socialmente. A visita inicial da pesquisa foi feita juntamente com o Prof. Rubens Adorno, pesquisador e orientador deste trabalho.

6.2 HISTÓRIAS DA RUA COMPROVAM O SOFRIMENTO SOCIAL

Sair da estação Liberdade ou Sé do Metrô e descer rumo à Rua do Glicério, é uma experiência muito mais do que paulistana. Para quem vive em outra realidade, as cenas que se seguem na descida da rua em direção à Igreja da Paz, sede da Missão Paz, sinalizam que algo pontual acontece ali, pois no caminho é possível ver vários estabelecimentos abertos e que, na verdade, são igrejas, das mais diversas linhas, abertas ali por algum motivo que, de pronto, não nos parece claros.

Ambulantes vendem artigos diversos, a maioria dos produtos é usado, que ficam expostos nas calçadas sobre lonas ou panos velhos, de olho em clientes que têm poucos recursos, aliás, os mesmos clientes disputados pelos estabelecimentos religiosos das cercanias. Vale tudo, desde suprimentos de tecnologia, como pen drive, bateria de celular, cabos USB e carregadores, até roupas, chinelos, sapatos e agasalhos usados, aliás, bem surrados.

FIGURA 15 - O ABANDONO NO BAIRRO DO GLICÉRIO

Fonte Arquivo Missão Paz

O local e seu entorno são áridos, com muito cimento e asfalto, sem jardins ou árvores, e tudo demonstra certa degradação ambiental, além de uma frieza intrínseca.

FIGURA 16 - RUAS ÁRIDAS E DESERTAS

Fonte Arquivo Missão Paz

FIGURA 17 - RUA NO EM TORNO DA MISSÃO PAZ

Fonte: Arquivo Pessoal

Uma escadaria dá acesso à Igreja da Paz e quando a igreja está fechada, a escada torna-se o refúgio de pessoas para esperar por algum alento ou algum desfecho com vistas ao futuro.

FIGURA 18 - IGREJA DA PAZ - MISSÃO PAZ

Fonte: Arquivo Missão Migramundo

‘ A primeira visita que fizemos ocorreu em uma tarde quente. As pessoas que se encontravam naquele espaço de convergência dos expatriados eram quase todos homens, pretos, faixa etária entre 20 e 40 anos. Naturalmente eles se agrupam, quando encontram algum sinal de afinidade.

FIGURA 19 - LATERAL DA IGREJA DA PAZ

Fonte: Arquivo Pessoal

Partimos para uma primeira abordagem em direção a um dos grupos. Os aspectos físicos, neste momento, entram em voga. O prof. Adorno é branco e de grande estatura, o que chama a atenção. Eu sou negro e posso transitar pelo ambiente como quem faz parte dele. Cheguei próximo de um dos grupos e percebi que todos eram haitianos. Falei que estava ali para um bate-papo, que eu era estudante de doutorado e gostaria muito de conhecê-los. Falei que, além de ativista, eu era agora um pesquisador que tinha interesse em levar a causa dos imigrantes haitianos para a universidade.

A reação do grupo, primeiramente, foi de desconfiança, mas aos poucos foram se abrindo. Quando senti que era oportuno, chamei meu orientador para participar da conversa, que se seguiu em francês e crioulo, o que terminou por ajudar a interagir de uma forma quase natural e espontânea. O idioma foi o elo para estabelecer algum laço inicial junto ao grupo e derrubar as principais barreiras entre nós.

Nesse grupo de haitianos alguns têm curso superior – engenheiro, advogado, sociólogo, designer, tecnólogo da informação - falando de três a cinco idiomas, experiência vivida em outros países, além do país de origem. Outros com ensino básico e médio – pedreiros, jardineiros, encanadores, eletricitas – mas sempre juntos procuravam trocar informações e encontrar alternativas na nova cidade. Nesse grupo, em especial, havia 10 pessoas, oito homens e duas mulheres. Dois deles, pelas expressões, já estavam aculturados, falando bem o português e até tendo incorporado algumas gírias e expressões certamente apreendidas nas ruas.

O HAITIANO 1 se levantou e se aproximou mais de mim e logo em seguida começou a falar:

O Brasil é um país que é racista. Preto aqui não tem vez. Vim para cá achando que encontraria um país diferente. E qual minha surpresa?! O racismo é uma regra. Estou aqui há mais de um ano, sou formado, falo quatro idiomas e em todos os lugares que vou procurar emprego, sabem o que me oferecem? Serviços que exigem força física, como, por exemplo, a construção civil. Quando chego já me olham diferente. Hoje entendo um pouco mais isso. Quando apresento meu CV eles olham e perguntam: Tudo isso é verdade mesmo? Como assim, indago? Hoje entendo que ser negro no Brasil já é uma qualidade de exclusão. Vi como o país era racista.

As condições particularmente duras da migração contemporânea são consideradas como propícios a um aumento exponencial de psicopatologias, a representação da vulnerabilidade psicológica como característica intrínseca dos migrantes não toma, todavia, em conta a relação mais ampla entre sofrimento individual e experiência de exclusão, marginalização social, discriminação e precariedade das condições habitacionais e laborais, entre outros fatores. PUSSETTI (2010, p.94)

Essa narrativa acima mostra como esse haitiano está sofrendo pelo processo da invisibilidade e exclusão. Mesmo tendo várias “competências” não se insere na sociedade, observa:

Muitos estudos das ciências sociais focaram a questão da integração das populações consideradas como marginais, vulneráveis e/ou de risco, trabalhando temas ligados a ‘securitização das fronteiras, a criminalização das periferias dos imigrantes. PUSSETTI (2014, p.13)

E finalmente fecha

que os trabalhos desenvolvidos em Lisboa mostravam claramente eram exploradas essas intervenções sociais são inerentemente discriminantes e racializadas, realçando a enorme importância na análise de marcadores de gênero, etnia e classe entre outros. PUSSETTI (2014, p.13)

Como diria MUNANGA, Kabengele em “Geografia do Corpos” (CAROS AMIGOS (n.5638) “que as diferenças fenotípicas são inegáveis”.

BIEHL (2008, p. 419) quando fala de uma personagem “Catarina” observa que sua história conta uma situação muita mais ampla sobre os destinos dos laços sociais neste momento do biocapitalismo e os limites da imaginação humana que marcam o modo dominante de subjetivação. FISCHER (2003); BIEHEL (2007); PETRYNA (2002); DUMIT (2004). A este depoimento espontâneo, seguiram-se outros, não menos impactantes.

Nesse momento me lembrei de SARTI (1998, p.10)

Sair de seu lugar e colocar-se no lugar alheio é uma viagem sem volta.
Não se retorna mais a inocência do ponto de partida, porque necessariamente se perde no caminho.

HAITIANO 2

Um país pode compreender que a entrada de estrangeiros afeta de modo negativo as relações sociais, econômicas e políticas de seus cidadãos, razão pela qual optar por restringir o acesso dessas pessoas. Ainda, a migração não é só componente fundamental da existência humana como também é parte integrante do sistema econômico contemporâneo. SEYFERTH (2007), MATTOS (2007), ANDRADE (2005).

Essas frases citadas acima mostram que a imigração e o deslocamento humano são inevitáveis. Assim países que recebem essa população terão que se preparar para o atendimento baseado nos direitos assegurados na Lei de Imigração. Como disse WACQUANT (2002, p. 1468-532)

a sua não “colocação social” torna o imigrante em um ser simultaneamente invisível e opaco, porque incomodamente presente, intimidativo enquanto símbolo das margens, do que a sociedade tenta excluir e pretende não ver: é o criminoso, o ilícito, o irregular e, portanto, o bode expiatório de qualquer problema social.

Esse jovem de 22 anos, pedreiro e que estava em São Paulo há oito meses, mas tinha uma longa história de vida encontrei em uma das visitas de campo pelo sofrimento e carência logo percebida por mim passei a ouvi-lo e por vezes tive, mais uma vez, segurar minhas emoções.

Estou no Brasil há três anos. Entrei pelo Acre e até chegar aqui foi muito difícil e perigoso. Saí do Haiti, passei pela República Dominicana, Peru, Colômbia, Venezuela... Para chegar aqui conheci uns oitos países, não que eu quisesse, mas como estava nas mãos dos ‘coiotes’, eram eles que decidiam o que queríamos e de que forma. Vi pessoas morrendo, sendo roubadas, extorquidas e passando fome. Várias vezes me perguntei: por que eu estava nessa? Mas logo lembrava que o meu país estava destruído e que eu não teria uma alternativa...A vida aqui não tem sido nada fácil. Não consigo trabalho, existem poucas organizações nos ajudam. Tem dias que não como. Não tendo dinheiro aqui você não tem amigos.

Sem dúvida que ouvindo mais esse relato notava claramente em sua face um desânimo muito grande. Falta esperança para aqueles haitianos que tentaram encontrar na cidade de São Paulo uma melhor alternativa de vida, mas no seu dia a dia isso não está se confirmando.

RUSSO (1989, p.52) quando no seu trabalho sobre moradores de rua levanta a seguinte questão:

Cabe questionar, também, em que medida as ações de reinserção social teriam potência para reverter o declínio do espaço público ou o quanto a ideia de ‘aproveitar melhor a comunidade’ está em ressonância com o processo de gentificação ou formação de guetos, difundidos nos grandes centros urbanos – com o progressivo expurgo de estratos menos favorecidos economicamente da população para as periferias em nome da valorização de determinadas áreas para especulação imobiliária. Cabe questionar, por fim o quanto o “paradigma do território desconsidera a potência da vivência nômade.

Ainda segundo o mesmo autor é fundamental discutir sobre agenciamentos ou paradigmas biopolíticos em tempos de sociedade de controle, que aproximam ou distanciam o foco do debate das ações diretas ou implícitas do projeto ou engodo de uma sociedade que, em algum momento, esteve livre. RUSSO (1989, p.53)

6.3 PELE PRETA. ESTRANGEIRO.

“VAMOS ATRAVESSAR...PODE NOS ROUBAR”.

HAITIANO 3

O Imigrante deve demonstrar continuamente a sua inocência, que face à sociedade de origem que muitas vezes o considera um fugitivo, um traidor, que face à sociedade de acolhimento que o vê como intruso: sabe que para

ser tolerado não pode incomodar, contestar ou objectar. O seu espaço é a invisibilidade social e moral. PUSSETTI (2010, p.98)

Passou ser rotina em minha pesquisa fazer visitas na Missão Paz e seu entorno. Esse dia estava muito frio e como o espaço é muito aberto e existem poucos lugares para se proteger do frio, da chuva não foi difícil localizá-lo porque ele era um dos poucos que se encontravam naquele pátio grande e descampado, feito de muito concreto e que não oferecia uma proteção adequada ao vento e ao tempo. Eu o convidei para um café e fomos a um dos bares próximos à Missão Paz. Ao entrar no estabelecimento, percebemos os olhares dos balconistas sobre dois homens negros e um ar de checagem, imagino que para ver se éramos pagantes ou pedintes. Estas são algumas das sutilezas que nos diferenciam dos demais clientes.

FIGURA 20 - UM LABIRINTO DE CASAS

Fonte: Arquivo Pessoal

Percebendo isso, chamei o atendente em um bom português e fiz o pedido. Isso deixou o ambiente menos tenso e assim pude ouvir a história do HAITIANO 3. Tomando o seu café e

comendo um lanche, ele falou que estava diante da primeira refeição do dia. Lembrei-me de BIEHL (2008, p.51):

Aprendendo a conhecer pessoas com cuidado e com uma “lanterna mágica empírica” em mãos, temos a responsabilidade de pensar a vida não somente em termos de limites, mas também a partir das encruzilhadas onde a imaginação e a antecipação podem(por que não) apontar futuros possíveis ainda que improváveis – o mesmo vale para o fazer antropológico. BIEHL (2008, p.51)

Cada dia era um experiencia fascinante. Muitas vezes tive, e nem sempre conseguir, segurar minhas emoções. Ouvindo histórias como essas era difícil não imaginar o sofrimento de quem está longe de casa. PUSSETTI (2010, p.96) dizia:

o processo migratório segundo alguns autores constitui em si um fator de risco, na medida em que reúne sete elementos de perda: da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do contato com o grupo étnico e religiosos. Ainda, esta série de perdas é vivenciada com um luto e sempre acompanhada por uma maior vulnerabilidade aos transtornos mentais e/ ou as perturbações emocionais.

Como alguém que está longe de tantos valores essenciais e vivendo em uma cidade que nem sempre conhece bem e o pior, não tem oportunidades e chances de inclusão, como se sente? Por mais otimista que eu tentava ser quando ia ouvir e observar suas histórias, passear pelo entorno dificilmente deixei de ouvir histórias trágicas, tristes, emocionantes e por vezes, sem muito que fazer.

Depois de acomodados e vendo que ele comia com uma disposição de quem estava como muito fome e agora, ao menos naquele momento, não tinha fome começou a contar sua história.

Os últimos meses tenho tido muitas dificuldades para sobreviver em São Paulo. Além de passar fome e não ter onde dormir, estou sem trabalho há seis meses. Eu sou engenheiro civil, estou em São Paulo há um ano e meio e minha vida está muito difícil. Não imaginei que seria isso. Quando decidi sair do Haiti estava imaginando que encontraria um lugar novo para recomeçar, com minha família que ficou por lá. Eu sabia que o Brasil não estava muito bem economicamente, mas considerando a realidade do meu país, mesmo assim, decidi vir. Me informei sobre alguns dados do Brasil, inclusive culturais, e sendo um engenheiro que fala quatro idiomas, crioulo, francês, inglês e português, achei que poderia encontrar um emprego e assim me organizar. No Haiti consegui um visto direto para o Brasil. Decidi que iria ficar em São Paulo. Tinha pesquisado

e vi que era uma cidade que poderia abrir seu mercado de trabalho para meus interesses. Vim para o Centro por achar que teria mais mobilidade. Esperava ficar perto de instituições que cuidam dos imigrantes e refugiados que chegam a São Paulo, que era o caso do baixo Glicério. Ao chegar, aluguei um quarto em uma pensão por um mês. Queria ter logo de imediato uma referência para enviar CV para as empresas. Na primeira semana enviei vários e ninguém me chamou. Estava bastante esperançoso que seria chamado. Achava que tinha um bom CV, mas o tempo foi passando e nada. Tentei ficar calmo achando que logo mais tudo seria resolvido e eu poderia pensar em trazer minha família. Afinal, tínhamos pressa. A saudade de minha mulher e meus dois filhos aumentava cada dia. Um mês depois e nada. Eu tinha algum dinheiro para me sustentar por um período de seis a sete meses. A preocupação existia. No entanto tentava ficar calmo e torcendo para nesse período encontrar o tão sonhado emprego. O tempo passava, enviava mais CVs e ninguém me chamava. Isso e a saudade da família começam a gerar em mim uma angústia muito grande. Estava sozinho na cidade e a solidão e a carência aumentavam. Nesse período, tentei preencher minha cabeça para não ficar louco. Andava pela cidade para conhecê-la melhor. Foi nessas andanças que vi que a coisa estava muito difícil e vi que eu não era o único. Vi que no baixo Glicério outros imigrantes e refugiados estavam também desempregados. Alguns dormiam e se alimentavam na Missão Paz. Outros, como eu, passavam por aqui para obter informações sobre cursos e emprego. Felizmente um dia, quando cheguei à pensão, recebi um recado de uma empresa que me chamara para uma entrevista. Essa notícia me alegrou imensamente. Vislumbrei que poderia encontrar um trabalho e trazer minha família. Nessa noite quase não dormi. Levantei logo cedo e me encaminhei para a empresa, que ficava na zona Oeste da cidade. Assim que cheguei, senti que me olharam diferente. Falei que vim para uma entrevista de emprego e me levaram para departamento de Recrutamento. De novo, quando entrei na sala, aquele mesmo olhar da entrada se prolongou na entrevista. Aquela foi a primeira entrevista e durou não mais do que 10 minutos. Pela rapidez e falando que entrariam em contato, achei que tinha conseguido o emprego. Mais esperançoso ao sair da empresa, estava animado com a possibilidade de começar a trabalhar e assim trazer minha família, mas nunca mais a empresa voltou a entrar em contato. Mandeí outros CVs e nada. Nenhum contato, nenhuma informação chegava. No entanto, cada vez que conhecia mais a cidade e falando com outros conterrâneos, senti algo que até então era inédito para mim. O preconceito racial. Comecei a ficar mais atento a isso e vi que a cidade era racista, além de xenófoba. Falei que tinha pesquisado sobre o Brasil e uma das razões que me fez vir foi saber que a população em sua grande maioria, era de afrodescendentes. No entanto isso parece que não significava nada. Outra coisa que notei foi que outros haitianos com curso superior estavam trabalhando na construção civil. Tudo isso despertava em mim grandes questionamentos. O tempo

passou e já fazia cinco meses. Já tinha enviado vários CVs para diversas empresas e nenhuma resposta chegara. Já pensava em alternativas para me manter na cidade. Um dia, andando pela rua, encontrei o 'racismo brasileiro'. Na rua Tamandaré, na Liberdade, passei por duas mulheres brancas, que estavam na mesma calçada que eu. Ao se aproximarem, atravessaram a rua e falaram: 'pele preta, estrangeiro, vamos atravessar...pode nos roubar'. Ouvindo aquilo não quis acreditar. Como assim? Roubar? Por que elas falaram isso? Ainda atordoado e chateado, continuei a andar e não sabia o que fazer naquele momento. Aquela frase me pegou de surpresa e me deixou sem ação alguma. No dia seguinte fui à Missão Paz e encontrando outros haitianos, falei sobre isso. Alguns que estavam há mais tempo em São Paulo riram e falaram: Bem-vindo ao Brasil racista. Como assim, perguntei? Eles responderam: O Brasil é um país desigual. Tem muitos moradores de rua. Olhe e verá que sua grande maioria é de negros? Já percebeu isso?" Quase como uma luz, logo me veio à cabeça a seguinte pergunta: Será que essa era a razão para não me chamarem para as entrevistas? E aquele olhar quando me chamaram pela primeira vez? Será que era o racismo que estava se fazendo presente e eu não percebi? Essas perguntas começaram a fazer parte do meu dia a dia. Eu tenho 41 anos e a imagem que eu tinha do Brasil era ser um país onde os negros e brancos viviam em harmonia, um país amistoso. Conheci alguns soldados brasileiros, alguns pretos e mulatos, outros brancos que me animaram a vir para cá. Eu fui assistir ao jogo da seleção brasileira quando foi jogar no Haiti. Sou apaixonado pelo futebol brasileiro. Enfim, chegando aqui, fui percebendo ser muito diferente o que falam e o que fazem. Já fazia seis meses que eu estava na cidade e nada de trabalho. Tudo já estava muito difícil e meu dinheiro estava acabando. Não tinha muitas opções. Mesmo já ambientado na cidade, se assim posso dizer, eu conhecia algumas pessoas, já tinha ido a algumas instituições de ajuda aos imigrantes, mas nada acontecia.

De novo PUSSETTI (2010, p.98)

a representação da vulnerabilidade psicológica como característica intrínseca dos migrantes, assim presente nos discursos de serviços sociais, não toma em conta a relação mais ampla entre sofrimento social e experiência de exclusão social, passado colonial, discriminação e precariedade das condições.

O HAITIANO 3 tinha 1,80m, sorriso fácil, apesar de todo sofrimento, olhou-me fixamente e disse com lágrimas nos olhos:

Um dia recebi um telefonema de uma empresa que me chamava para uma entrevista. Marcamos no outro dia em um escritório na Zona Sul, região da Av. Luís Carlos Berrini. Entrei, me identifiquei. Já estava ligado quanto à questão do racismo e fiquei atento. Depois de 15 minutos me chamaram em uma sala. Quando entrei havia três pessoas brancas sentadas aguardando para me entrevistar. Dois homens e uma mulher.

Antes de qualquer coisa, me perguntaram e sem nenhum constrangimento: Tudo que está escrito aqui é verdade? Podemos confiar no seu CV? Você fala mesmo esses idiomas? Estavam desconfiados quando um dos entrevistadores perguntou: Vi que você fala um bom português. Mas podemos fazer a entrevista em inglês? Tive a certeza que estavam me testando. Nunca me ligaram e desde então, vivo de bicos como pedreiro. Olhando para o futuro:

Estou aguardando parentes que moram na França e Estados Unidos me mandarem dinheiro para eu poder ir para os Estados Unidos. Vi racismo em alguns países, mas nunca igual ao do Brasil. Aqui ninguém assume que é racista. No entanto, depois desses exemplos e outros que passei, vi que o preto, no seu país, não tem oportunidade. Depois das minhas experiências vi isso durante todos os dias, não somente com os estrangeiros, mas com os pretos brasileiros também. Falando nisso, como você vive aqui?

Pergunta recorrente. Como negro, muitas vezes ouvi dos entrevistados, a seguinte pergunta:

“Como você vive aqui, sendo negro?” Essa pergunta sempre recorrente me indagava bastante. De fato, como negro brasileiro, superei tantas dificuldades e que agora vejo no “preto estrangeiro” o quanto ainda era difícil.

De novo lembro-me de PUSSETTI (2010, p.97):

os imigrantes entrevistados por ela em Lisboa queixavam de não se situar nem ‘aqui’ nem ‘lá’, falam por outras palavras de um transnacionalismo incompleto ou impossível, da incapacidade de se moverem livremente, da prisão, da irregularidade, da angústia da perseguição pela polícia, de um aprisionamento feito de controles, requisições e discriminações contínuas. PUSSETTI (2010, p.97)

6.4 REUNIÃO COM HAITIANOS NO SALÃO DA IGREJA MISSÃO DA PAZ

Em uma tarde de domingo, minha missão seria acompanhar mais um encontro com os haitianos que fariam uma assembleia para decidir sobre o futuro e organização da UNIÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES HAITIANOS (USHI). Esse encontro estava marcado para realizar-se no salão da igreja Missão da Paz. Ao chegar à igreja, encontrei uma festa, mas desta vez, da comunidade de bolivianos, que tem naquela região, um ponto de convergência de sua cultura e de seus conterrâneos.

O salão da Igreja, entretanto, já começara a ficar cheio, a maioria era de homens. O HAITIANO 4, próximo dos 40 anos, há mais de cinco anos no Brasil, atual presidente da USHI, inicia os trabalhos. A entidade fora iniciada em 2014, agremiando quase 200 haitianos, com o objetivo de dar visibilidade a cada um, no âmbito da cidadania.

A iniciativa original foi de um grupo de cinco haitianos jovens que venceu toda a saga burocrática para formalizar a instituição, com CNPJ, por exemplo. Outro desafio fora a instalação de uma sede, onde a instituição pudesse finalmente, exercer seu propósito de cidadania para uma legião de migrantes ‘invisíveis’ socialmente. Conseguiram um endereço bem degradado na Rua dos Estudantes e propuseram ao proprietário, uma permuta.

Eles revitalizariam o imóvel em troca do aluguel, já que não havia recursos para pagamento e nem um espaço pronto para acolher seus propósitos. A reforma fora orçada em R\$ 29 mil, que para quem não tinha nada, era uma fortuna. Numa luta incessante, eles têm vencido os desafios para defender seus interesses em âmbito local e internacional.

No Brasil participariam de audiências públicas, discussão sobre o racismo e preconceitos, mercado de trabalho e uma melhor interação com o novo país e sua cultura e também, já associando ao âmbito internacional, a retirada das tropas estrangeiras no Haiti, que ainda eram comandadas pelo Brasil, e também encontrar mecanismos que facilitassem a vinda de haitianos para o Brasil, como por exemplo, o deslocamento por avião em longos trajetos, aqueles que são feitos por ônibus, e facilitar a questão da documentação em território brasileiro, que segundo informaram, costuma ser bastante morosa.

FIGURA 21 - UNIÃO SOCIAL DOS IMIGRANTES HAITIANOS (USHI)

Fonte: Arquivo Pessoal

A reunião ia se esvaziando à medida que o horário avançava, o que considerei normal, porque além de colocações inconclusivas, no dia seguinte haveria um dia útil a ser enfrentado. A reunião foi encerrada com um lembrete de efeméride em relação ao Dia da Bandeira Haitiana, a ser celebrada em 18 de maio.

FIGURA 22 - DIA DA BANDEIRA HAITIANA

Fonte: Arquivo Missão Paz

6.5 HAITIANO 5, 37 anos

“MAIS DO QUE O FRIO, A FOME E A CAMISA SUJA DE SANGUE O QUE DOÍÁ, É A HUMILHAÇÃO E INDIGNAÇÃO” HAITIANO 5, 37 anos.

FERREIRA (2006, p.59) comenta a estratégia em uma resenha do livro “Des maus indicibles: sociologie des lieux d'écoute” – Dos males indizíveis: sociologia dos locais de escuta, escrito por FASSIN (2004), De acordo com ela o objetivo de FASSIN (2004) nesse estudo é mostrar como a noção de sofrimento psíquico impõe-se de uma modo de explicar os males vividos pelos sujeitos a margem da sociedade, propiciando a criação de estratégia de escuta como instrumento psiquiátrico e até mesmo social para lidar com a questão. Foi esse dispositivo proposto na França com o nome “lieux d'écoute”: locais que se podia frequentar e falar de seus problemas, sabendo que haveria essa “escuta “

Tal referência nos leva à reflexão de que não existe uma estrutura para acolher essa gente...que tal é o volume das necessidades, que a cidade precisaria ampliar os espaços de acolhimento, para atender a padrões mínimos de dignidade humana, até que essas pessoas pudessem seguir seus caminhos.

Em mais uma visita à Missão Paz, encontrei pessoas conhecidas que faziam parte da militância dos Direitos Humanos. Me juntei ao grupo, formado por homens negros e brancos, mulheres negras e brancas. Formávamos um grupo diferente dos que era comum encontrar naquele local. Talvez por isso, tenhamos atraído a atenção de um homem preto, de cerca de 40 anos, cuja camisa estava suja de sangue, tinha a cabeça enfaixada por ataduras e que falava uma língua que mesclava espanhol, francês e crioulo. O HAITIANO 5. A imagem que víamos era assustadora, não só pelas descrições, mas pelo ar de desespero que sua face expressava. Sua fala vinha embotada de desequilíbrio emocional, confusão mental e muito sofrimento, expressos em seus gestos e na confusa fala. Ele dizia ter fome, sede, dor física, derivada de um acidente sofrido dias atrás. O que mais doía, entretanto, em suas expressões, era o fato dele estar absolutamente sozinho no mundo, quase invisível, e nesse extremo, diante de nós, começou a chorar desesperadamente.

Em seu relato, descreveu seu país destruído, com muita gente morta, ora pelo terremoto de 2010, propriamente, ora pelas doenças derivadas da tragédia. A essas cenas descritas ele atribuía o motivo dele ter deixado sua terra natal e sua família, que ele sonhava um dia poder trazer para o Brasil e finalmente começar uma nova vida.

Ao ser indagado por que escolhera o Brasil como destino, ele respondeu:

Eu tinha informação que o Brasil estava oferecendo muitos empregos e condições para se ganhar dinheiro etc. por causa da Copa do mundo e das Olimpíadas. Eu imaginava também que o Brasil era um país acolhedor, por ter uma população predominantemente preta. Ledo engano!

Rota percorrida até o Brasil

Saí do Haiti, fui para o Peru, demorei uns três meses para sair de lá. Eu e meu grupo fomos assaltados e depois de muito sofrer, pedindo esmola, carona e perambulando com toda dificuldade, consegui chegar ao Acre, no Brasil. Assim que cheguei pensei que seria bem diferente. Pensei que depois de todos os percalços, eu tivesse encontrado o meu destino. Mas logo ao chegar percebi que não seria nada fácil ao encontrar muitos outros contrerrôneos em situação nada aceitável. Fui logo me informar e tive a certeza que os meus problemas aumentavam, ao contrário do que eu imaginara!

Depois de seis meses no Acre decidi vir para São Paulo. Havia comentários de que muitos que vieram para a Capital estavam se dando bem, tinham arrumando emprego, conseguido moradia e que a cidade era bem melhor do que Basileia, onde eu estava. Além do mais, a chegada de tanta gente sobrecarregava a estrutura local e incomodava os moradores e as autoridades locais, por não haver meios de suportar tal demanda. Dado o cenário complexo, decidi aproveitar o incentivo que o Estado do Acre estava oferecendo para quem quisesse vir, em suma, passagens de ônibus até São Paulo.

A viagem durou vários dias e eu passei muita fome, porque não tinha recursos para comer. O ônibus nos levou a um lugar grande, mas frio, muito concreto e que depois fiquei sabendo ser a Missão Paz. Assim que desci do ônibus olhei e juro que não me animei muito. Havia muitos outros que já se encontravam lá, tinham chegado dias ou semanas antes, e em grupos, se socializavam. À

chegada, fomos encaminhados a uma secretária que nos passou algumas informações em português – não domino muito bem – e nos instruíram o que tínhamos que fazer. Neste dia eu estava muito cansado da viagem muito longa. Recebemos um colchonete e nos informaram que poderíamos dormir ali, tomar banho e ficar por alguns dias até as coisas se acertarem.

Hoje, especialmente, estou muito mal. Hoje tenho vontade de me matar, mas não consigo. Lembro-me da minha família. Tenho uma mulher e dois filhos. Não consigo, mas tenho pensado várias vezes. Hoje é um dia desses. Como você pode ver, por favor, isso é uma forma de um homem se apresentar e estar? Você acha justo isso? Como as pessoas não ficam chocadas? Indignadas? Hoje, até chegar aqui de novo, já passei em outras instituições que ajudam os imigrantes e refugiados – Igrejas, instituições e associações filantrópicas – e todas, exatamente TODAS falaram que não poderiam me ajudar. Eu implorei. Pedi. Chorei e nada fora feito.

Sabe Ailton, esse é seu nome? Pensei em me jogar do viaduto. Não tinha mais forças nem para respirar. Não tenho mais vontade de viver, apesar de não consegui me matar por lembrar-se da minha família. Como pode? Como ninguém faz nada? Por que as pessoas deixam isso acontecer? Será que não percebem que meu país está destruído, acabado? Que morreram e morrem gente diariamente de fome, de doenças curáveis e mesmo assim não nos ajudam? Como pode ser isso? Explique-me, por favor?

Depois de passar por todos esses lugares e não consegui nada resolvi voltar aqui à Missão Paz e pedir de novo, implorar por alguma ajuda. Mostrar que estou, de fato, precisando e quem sabe assim, eles me ajudariam. Foi mais uma vez um ledor engano. Falaram que não podiam fazer nada. Como eu já tinha passado por este atendimento, eu não teria mais como ser acolhido, já que novos imigrantes e refugiados chegam todos os dias. Nesse momento, além de invisível, me sinto descartado. Caí em choro desesperado, pensando sempre nos meus familiares, na minha infância e no meu país, mas estou exausto e penso seriamente em me matar.

A compreensão desse relato demandou de nós um empenho grande, porque a mistura de idiomas, somada às emoções e ao desespero, dificultavam a compreensão.

Por favor, digam, para mim. Acham normal isso? Vocês não acham que isso é indigno, humilhante? Faz três dias que ando com a mesma roupa, quase não como e não tenho lugar para dormir. Estou tentando, mas está muito difícil. Ninguém me ajuda. Muitos nem me olham. Quando me aproximo das pessoas, elas se afastam. Não sou nenhum bicho. Eu tenho dignidade. Sou um pai de família. Sou um bom marido. Só saí do meu país porque não tinha mais jeito. Ele está destruído. Mas tenho coração. Tenho sentimentos, você entende? Tenho fome, tenho sede, tenho, mas a coisa que mais me dói, aperta o coração, é a humilhação. Quando um homem é humilhado é como a morte. Minha cultura vê dessa forma. Você entende? Você é brasileiro e preto. Como consegue viver nesse país?

Sua partida deixou o grupo um pouco fora do ar. Aquela história tinha mexido com as emoções de todos. Definitivamente todos estavam emocionados, mas ao mesmo tempo indignados com toda a narrativa de alguém, que em terras estrangeiras, vivia um grau imenso de vulnerabilidade e exclusão.

PUSSETTI (2010, p.108) Observa que as experiências de trabalho de terreno em serviços de psiquiatria transcultural confirmam que os únicos elementos dos contextos de origem dos pacientes tornados significativos na prática clínica são os ligados a vida ritual/religiosa. São, por outras palavras, os elementos que oferecem um toque de folclore (ou de exotismos) aos processos clínicos. A variável diferença cultural é incluída superficialmente na formação do diagnóstico, sobretudo para legitimar as pretensões de transculturalidade dos serviços prestados, sem que sejam, com efeitos, consideradas as contradições econômicas, as relações de força, a violência estrutural, material e simbólica que marcam a vida dos migrantes.

6.6 UMA NOITE NA PENSÃO

Passar uma noite em uma pensão juntamente com imigrantes e refugiados do Baixo Glicério seria uma das ambientações valiosas para compor esse relato. Em muitas das minhas visitas a campo, observei que muitos desse público permaneciam até o último momento no espaço da Missão Paz. Ao fim do expediente, depois quando era fechado, esses homens ficavam em seu entorno e adjacências, naquela região que sabemos ser muito deteriorada, vulnerável e agora, bastante violenta. Curioso, certa vez perguntei por que depois de um longo dia e por vezes, bastante agitado, em lugar que as condições são insalubres, eles resistiam em ficar no pátio, quando poderiam ir para

suas pensões. Sem muito pensar responderam: *Comparado ao lugar que dormimos, aqui é bem melhor, porque além de podermos conversar, aqui o lugar é bem mais maneiro e até respiramos.*

Como aquele lugar poderia ser melhor do que a pensão na qual dormiam? Lógico que conheço e tenho uma ideia do que seja uma pensão, quartos que são alugados, albergues no Centro da cidade, mas fiquei pensando que seria importante ir a um desses lugares para ter uma descrição real do que eles relatavam. Obviamente busquei uma hospedagem que abrigasse haitianos, predominantemente. A data escolhida foi algum dia do final de mês, pois era comum que novos ônibus chegassem com nova leva de imigrantes. O cenário seria permeado de dificuldades, segundo pude me informar previamente. Organizei-me, planejei e fui com a cara, a coragem, um celular e um bloco para fazer as anotações. Não podia e não queria chamar mais atenção do que precisaria, em um percurso de pouco mais de 30 minutos desde a minha casa até a pensão do baixo Glicério.

FIGURA 23 - RUAS PRÓXIMAS À PENSÃO

Fonte: Arquivo Missão Paz

A CHEGADA

Da estação Sé do Metrô até a pensão X havia um trajeto que me tomara uns 10 minutos de caminhada. Em frente à pensão, grupos de forasteiros se aglomeravam na calçada ou em um bar próximo, para assistir à TV. A maioria era de homens negros, aparentemente na faixa entre 18 e 50 anos. A mistura de idiomas entre eles também chamava atenção; merece recorte: Criolo, francês, inglês e outros dialetos. Por algumas características próprias, notei que eram africanos e haitianos, estrangeiros, ocupando uma área degradada e inóspita de uma das maiores cidades do mundo.

Quando olhei para o prédio não tive dúvida de estar chegando ao pardieiro. O lugar era muito feito e malcuidado. Era uma casa construída, provavelmente, no início do século XX, construída por imigrantes que chegaram à região daquele período. O imóvel era uma mistura de arquitetura portuguesa, italiana e com o tempo, pelo que eu via, agora também com características brasileiras, dados os remendos e adaptações que o tempo e a degradação vieram exigindo. Havia duas grandes janelas separadas por uma porta imensa e apresentava aspectos de decorações de *art déco*. Essa casa deve ter sido muito bonita e ter pertencido a uma família de grande poder econômico e social. Sabidamente não era o caso hoje, a casa estava muito mal-acabada necessitando de urgentes reformas. A casa não tinha nenhum nome. Você sabia que era o lugar porque o número confirmava. Quando entrei para alugar uma cama ou quarto percebi que havia uns 12 homens que se espalhavam entre uma pequena sala e alguns corredores, onde se encontravam os quartos. O lugar, além de ser exíguo, era bastante claustrofóbico. Tentei localizar onde seria a recepção e olhando adiante, em um bem escondido, vi onde já havia duas pessoas que estavam negociando sua estadia.

Agora mais próximo da “recepção”, aguardei, observei a forma como ambas as partes negociavam a estada, preço, condições, etc. Vi que a pessoa responsável por aquele “lugar” era um brasileiro, aparentava ser nordestino, uns 40 anos, forte, com cara de bravo e falava um português de péssima qualidade gramatical. Não solicitou nenhum documento e não pedia para preencher nenhum papel ou ficha cadastral. Eu então, passaria por estrangeiro. Uma pessoa que acabara de chegar a São Paulo e que estava precisando de um quarto ou uma cama para passar uma noite. Eu passaria por um africano ou haitiano diante do recepcionista, para ver como um estrangeiro seria recebido por outro migrante, este último, que diferia apenas da fronteira do qual provinha, em relação aos demais, mas assemelhando-se nos motivos que o fizeram sair de sua terra natal para vir tentar a sorte na cidade grande.

O recepcionista, se assim podemos chamar, me olhou e perguntou sem nenhuma educação e um pouco nervoso, o que eu queria? Demorei um pouco para responder e isso talvez tenha sugerido que não entendera o português que ele falava. Sem hesitar, lançou uma primeira manifestação racista e xenófoba: *Esse é o meu país, esses estrangeiros têm que esperar mesmo. Que se foda...Aguardem!* À violência das palavras, tive de me conter para não reagir, afinal, meu propósito de estar ali era maior. Era só o começo de uma noite, que começava às 22h e terminaria por volta das 6h do dia seguinte. Os dois homens estrangeiros que estavam na minha frente eram do Congo e do Senegal, respectivamente. Assisti à interlocução deles falando francês com um brasileiro, nordestino, que falava um português carregado de sotaque e gírias das ruas. Parecia um recorte da Torre de Babel. Chegaria a ser cômico, se não fosse trágico. Eu contemplava uma cena permeada de racismo, preconceito, exclusão, ignorância, provenientes de uma pessoa que provavelmente já tinha sofrido ou passado por uma situação análoga à dos africanos, com exceção pontual de ser brasileiro, mas em uma terra estrangeira.... O recepcionista mostrava ter baixa instrução e que por alguma razão, não estava tendo nenhuma paciência com aqueles estrangeiros negros. A sensação que eu tive é que naquele momento, ele sabia que tinha o poder para com o outro e podendo impor, o exercia com gosto.

O lado positivo para um pesquisador que estava ali para registrar tudo era que, enquanto eles tentavam se entender, eu fui tentando intuir como funcionava o lugar e o espaço. Os preços variavam de R\$ 60,00 para os quartos individuais que tinham banheiro e eram os mais caros, até vinte reais\$ 20,00 para aqueles que acomodavam oito pessoas em quartos coletivos. Não serviam café, não davam nota fiscal e o período de pernoite encerraria às 8h.

Um dos africanos perguntou ao ‘recepcionista’ se havia outros homens de seus países. Este respondeu, rispidamente, que não sabia e que depois eles poderiam tentar se informar. Sem nenhum constrangimento e tendo quase certeza que ninguém entenderia falou de novo: *Esses pretos, macacos, que vêm de longe, pobres, miseráveis, vêm roubar nosso espaço, não falam nossa língua... só os aceito porque o dinheiro é o mesmo. Tem o mesmo valor. Caso contrário não aceitaria.* Era de novo, pela segunda vez e em poucos minutos, a expressão clara de racismo e xenofobia tendo como alvo agora, não eu, mas um imigrante ou refugiado negro.

Enquanto eu ainda aguardava para ser atendido vi que outras pessoas, todas negras, entraram na pensão e pela desenvoltura, percebi que estavam ambientadas na pensão. Dirigiram-se para a minúscula sala que tinha uma TV, antiga, com tubo, imagem horrível, que passava uma novela em língua portuguesa e que me levou a pensar: Será que eles estão entendendo. Será que falam ou entendem um pouco do português? Ou só estavam vendo imagens, pensando na vida e deixando o tempo passar? Outros passavam pela minúscula sala, e se dirigiam para seus quartos. Como já falei esse lugar era muito malcuidado, claustrofóbico, mal iluminado e o pior, O ambiente degradado tinha um cheiro horrível de creolina misturado com água sanitária. Depois de quase 30 minutos aguardando fui chamado. Fingi não entender muito bem o português e mais uma vez, já não era mais surpresa, manifestações de ordem racista e xenófoba. Perguntei se havia algum haitiano e por alguma razão, o recepcionista achou que eu fosse um. Aproveitando essa situação perguntei se tinha algum quarto de um beliche, portanto para dois, de preferência com um que fosse haitiano?

Achando que não entendia o português, o recepcionista jogou mais uma pérola para a minha noite que mal tinha se iniciado e já tinha muitas coisas para anotar. *Por que perguntou se tem haitiano? São todos pretos mesmo. Devem ser todos iguais. Vêm do mesmo lugar, todos são africanos.* E mais uma vez, além das manifestações, racistas, xenófobas, agora manifesta sua ignorância geográfica. Confundiu tudo e misturou haitianos, africanos no mesmo barco. *Todos pretos, todos africanos.*

Depois de uns 10 minutos tentando me comunicar, finalmente paguei o preço de R\$ 38,00 para o quarto com duas pessoas. Não sabia se seria um africano ou haitiano até entrar no quarto. Era um quarto minúsculo, uns 10 metros no máximo, uma cama beliche, um cheiro ainda mais forte de creolina e água sanitária, que parecia estar em todos os lugares e que tornava difícil respirar.

Quando entrei pela minúscula porta, uma iluminação bastante comprometida, fios de eletricidade espalhados, ver uma pessoa que estava na parte de cima do beliche. Ao conversar com meu companheiro de quarto, pude me certificar de se tratar de um haitiano. Fui saudado com um grande sorriso e um “boa noite” em francês e que prontamente foi respondido também em francês. A partir desse momento começamos uma conversa que iria durar umas duas horas, primeiro no quarto e depois prosseguimos na calçada. “Pelas regras da pensão, uma ‘lei do silêncio” nos impediria de prosseguir a conversa dentro do quarto.

Aquela pensão, aquele espaço pequeno para a quantidade de quartos e suas divisões, corredores estreitos, o cheiro insuportável, sem muita ventilação, quente, ocupada por grande número de negros, com exceção do recepcionista, branco, nos faria remontar à ideia de um ‘navio negreiro’ do século XXI.

Meu colega de quarto, HAITIANO 6, chegara ao Brasil em 2012, e estava há dois anos em São Paulo. Tinha 32 anos, era pedreiro e que às vezes, ficava naquela pensão, por ser a mais barata. Quando chegou a São Paulo foi morar com um primo na zona Leste de São Paulo. Falou que o primo foi embora porque não aguentava mais ficar por aqui. Estava muito difícil. Além de a cidade ser muito cara, não encontrava trabalho e percebeu o quanto a cidade não gostava de negros principalmente quando eram estrangeiros. Resolveu voltar porque achava que o Haiti, apesar de todas as dificuldades, era melhor do que o Brasil. Pensei: “O Haiti é melhor do que o Brasil, apesar de tudo o que ocorreu e ocorre por lá?”.

Começou a falar sobre seu país, seus familiares, sobre o terremoto, a epidemia de cólera, mas que sentia muitas saudades de todos. Que às vezes, tinha vontade voltar, apesar das dificuldades do Haiti. Relatou os perigos do trajeto até chegar a São Paulo, e que presenciou mortes de pessoas em sua rota. Ele, entretanto, ainda tinha esperança de encontrar um emprego e se tudo desse certo, traria seus familiares. Tinha mãe e cinco irmãos.

O que me chamou a atenção é que ele já falava comigo há quase 30 minutos e não tinha perguntado meu nome, de onde eu vinha e quais minhas dificuldades. Senti que aquele haitiano estava extremamente carente, no mínimo, de uma conversa. Notando isso eu o deixei falar, contar suas histórias enquanto ia arrumando minha cama e deixando a pequena bolsa que trouxera.

Somente depois de muito tempo perguntou meu nome, de onde eu era e o que eu fazia ali. Falei que era um estudante e desenvolvia uma pesquisa com os haitianos. Queria saber como e de que forma eles viviam no Brasil? Mais do que perguntas naquele momento, eu queria ouvir sua história. Nesse instante notei que o HAITIANO 6 ficara muito feliz porque agora estava apresentado e ele poderia continuar falando. Desde o momento que decidi sair do Haiti tudo tem sido muito difícil. Decidiu vir para o Brasil porque alguns amigos já tinham feito esse caminho e isso o motivara. Não foi fácil chegar, mas permanecer também não tem sido. A pesquisa, neste

momento, foi suplantada pela humanidade de ouvir o relato do outro. Depois de algumas horas ouvindo atentamente sua história notei que ele já estava com bastante sono. E mesmo para mim a história estava empolgante achei por bem encerrar esse bate papo. Vinte minutos depois notei que o meu colega de quarto dormia tranquilamente e até roncava, no entanto, eu não consegui pregar os olhos. Seja porque minha cabeça estava a mil, seja pelo cheio de creolina do quarto e o pior, a sensação claustrofóbica do lugar pequeno, e mal iluminado. As horas, felizmente passaram, e logo cedo fui embora com a sensação de alívio, mas por outro lado imaginando a situação daquelas pessoas que viviam em lugares tão insalubres. Foi mais um dia de campo e de novo minha indignação para com aqueles que chegavam.

6.7 SACOS DE LIXOS E UM HOMEM, TODOS PRETOS, NA CALÇADA.

Acordei aquele dia decidido em dormir mais uma noite, no baixo Glicério. Essa decisão me deixou bastante ansioso e apreensivo e a sensação não era muito boa. Talvez se lembrar dos quartos pequenos e seus cheiros eram as razões e quando as horas passavam mais ainda, a tensão aumentava. Eram 21h quando sai de casa e me dirigi ao meu campo de pesquisa. Não sabia de fato, onde eu iria dormir. Já conhecia alguns lugares e pensava onde. Parei em um boteco em frente à Missão Paz, pedi um café e por quase 15 minutos pensando não tinha decidido em relação lugar. Resolvi sair e caminhar pelas proximidades e decidiria depois, em qual pensão eu passaria mais uma noite. Ao entrar na Rua dos Estudantes, na Liberdade, encontrei um monte de sacos de lixo e, de repente, algo no meio daquele lixo se mexeu. Na verdade, era alguém, um homem preto. Eu o cumprimentei e perguntei se estava ‘tudo bem’ (SIC), ao que ele me respondeu que ‘sim’. Perguntei seu nome, era o HAITIANO 7, haitiano, por coincidência do destino. Apresentei-me e ele gentilmente falou para eu ficar à vontade e que eu poderia me sentar com ele, abrindo um sorriso. “É o que tenho”, disse. E me contou que estava naquela situação havia seis meses. Perguntei se estava com fome e com os olhos brilhantes, respondeu imediatamente que sim.

Imediatamente me dispus a procurar algum lugar onde pudesse comprar algo para este homem comer. Pelo adiantado da hora, tive de andar por uns 20 minutos. Pedi um comercial e um suco. Enquanto aguardava ficar pronto, minha cabeça estava a mil. Sorte ou azar achar um haitiano? O que eu iria fazer? Ficar, só deixar o alimento, conversar, mil coisas passavam pela minha cabeça.

Depois de meia hora o pedido ficou pronto. Pedi ainda dois cafés e uma água. Paguei a conta e voltei para encontrar o haitiano. Ele havia adormecido, e dada a cena, achei por bem acordá-lo delicadamente para não o assustar. Mesmo assim, acordou um pouco assustado e com uma cara espantada, falou: *Achei que você não voltaria. Aguardei meia hora, a fome apertava e resolvi dormir. Imaginei que você seria mais um que às vezes passa por aqui e diz que vai me ajudar.*

Expliquei que a demora foi derivada da dificuldade de achar um bar aberto para comprar as coisas. Passei a comida e mais do que rápido, ele abriu o marmitex e começou a comer de uma forma voraz. Sua última refeição tinha sido pela manhã quando conseguiu tomar um café e comer um pãozinho. Pensei na minha ideia original, de ir embora para encontrar um quarto ou pensão, mas decidi que iria ficar para conversar mais um pouco. No relato do HAITIANO 7 os perigos da rua. Ele contou que uma noite, dormindo na Liberdade, acordou com um barulho e sentiu cheiro de gasolina. Percebeu que dois homens lhe haviam jogado o combustível e falavam para ele ir embora, além de ameaçá-lo, caso ele retornasse, dizendo que da próxima vez, ateariam fogo. *Por isso que costumo dormir por aqui, porque há algumas instituições por perto e já conheço algumas pessoas... me sinto mais seguro.*

Diante do relato, eu lhe perguntei se podia passar a noite ali com ele. À resposta positiva, vieram as providências de improvisar uma “cama” para mim, tal como a dele. Pegou um saco, colocou jornal dentro e me emprestou um cobertor e falou: “Bem-vindo e sorriu, com uma boa dose de ironia. Sorri também e comecei a me acomodar naquele lugar que seria minha cama, meu aconchego e por algumas horas, minha casa.

Esta era uma grande oportunidade para minha pesquisa, apesar de insólita e reconhecidamente ousada.

Tenho 36 anos. Sou pedreiro. Estou no Brasil há sete anos. Decidi vir para o Brasil depois do terremoto de 2010, quando meu país ficou ruim de morar. Nesse terremoto perdi quase todos meus familiares. Pai, mãe, irmãos, tios e tias. Estava desanimado e sem rumo, procurando algo para fazer. Não encontrava nada e tudo piorava. Comecei a ouvir sobre o Brasil. Alguns conhecidos já estavam por aqui. Cada dia que passava, as coisas pioravam e eu não tinha nenhuma expectativa e esperança.

Resolvi vender o que me restou, algumas economias que minha família guardava e partir para essa nova etapa. Foi tudo muito difícil até chegar aqui. Entre o Haiti e o Brasil a viagem durou quase dois meses. Saí do Haiti e fui para a República Dominicana, depois Peru, Bolívia e finalmente, o Brasil. Nesse período vi coisas muito assustadoras. Passei fome, dormi em praças e na rua, pedi esmolas. Tinha dúvida se estava valendo a pena tudo isso. Mas não tinha muito jeito. Quem entra na chuva não pode ter medo de se molhar. Esse é um ditado no meu país.

Na viagem até aqui gastei todo meu dinheiro. Quando cheguei ao Acre as coisas continuaram difíceis. Passei quase seis meses quando decidi aceitar o convite de um amigo e seguir para Santa Catarina. Esse meu amigo já trabalhava na construção civil e achei que poderia ser uma boa alternativa. Fui, consegui o emprego, passei a dividir um quarto com meu amigo e as coisas pareciam que estavam melhorando. Agora com trabalho, casa e comida tudo parecia mais tranquilo. Isso durou por quase um ano. Para melhorar ainda mais, já falava e entendia o português.

Tudo parecia estar se acomodando e acalmando quando tudo desmoronou. A empresa começou a passar por dificuldades e os primeiros a serem mandados embora foram os estrangeiros e entre eles, estava eu. Achei que poderia encontrar um novo trabalho em breve, mas estava enganado. Até lá iria viver com o dinheiro que tinha economizado. O tempo foi passando e nada de emprego. Passaram cinco meses e nada. Estava desesperado.

Um dia ouvi de uma pessoa que o município de São Paulo poderia ser uma boa opção. Não pensei muito e vim para cá. Chegando, fui até a Missão Paz e me informei como as coisas funcionavam. Fiquei na Missão Paz por três meses. Nesse período, procurei emprego em vários lugares e nada. Lá eu encontrei outros conterrâneos que estavam na mesma situação que eu ou pior. Procurava trabalho e nada. Fui morar em um quarto com o pouco dinheiro que eu tinha guardado.

Mas fui percebendo que as coisas não seriam nada fáceis. O trabalho não aparecia. Meu dinheiro estava acabando e minhas preocupações só aumentavam. De vez em quando surgia algum

bico para eu trabalhar, mas nada era certo. O tempo passou, não consegui trabalho e meu dinheiro acabou. O que eu ia fazer?

Já eram mais de 2h30 quando a conversa foi interrompida por um rato enorme, que saíra de um bueiro e quase veio em nossa direção.

Eu estava fazendo tudo o que podia. Procurava trabalho, fazia cursos de aperfeiçoamento quando surgiam, falava com as pessoas e nada. O seu dinheiro estava acabando e não teria mais como pagar o quarto onde eu estava há quatro meses. O desespero ia aumentando. Não via luz no final do túnel. O tempo passou e nada. Não teria dinheiro para pagar o próximo mês. Falei com o gerente da pensão que já me conhecia e mantinha certa amizade. Ele, no primeiro momento, foi gentil e concordou que eu ficasse mais um mês. E mais uma vez o tempo passou e nada de nada. Não teve mais jeito. Tive que sair do quarto e não tinha para onde ir. Fui procurar ajuda em vários lugares, mas todos já estavam cheios e nada poderiam fazer por mim. O que fazer de novo? Não tinha para onde ir e nem ninguém para me ajudar. Nessa noite, a primeira depois que saí da pensão, dormi na Missão Paz, mas sabendo que não poderia ficar de novo por lá. Essa era a política do lugar. Nessa noite quase não dormi porque estava preocupado com os outros dias e pensando como iria sobreviver nessa cidade. Era muito desespero e angústia.

No dia seguinte, levantei, tomei café e fui pensar no que iria fazer e onde? Eu sabia que encontraria muitas dificuldades e eu teria que sair dali e sem saber para onde ir. Era só desespero.

Resolvi sair pelo bairro para tentar encontrar alguma coisa e em última instância, tentar escolher um lugar para me encostar. Eu tinha uma pequena mala. Andando encontrei um lugarzinho próximo à Missão e analisei se poderia aquele ser o espaço onde eu passaria a noite. Como não havia uma alternativa, esta foi minha primeira noite na rua em São Paulo.

A primeira noite quase não dormi. Eu estava preocupado e com certo medo de dormir ali. Afinal de contas já conhecia um pouco o bairro e sabia como ele funcionava. Mas no final das contas me encostei e fiquei por ali esperando as horas passarem e amanhecer. Essa noite de fato não conseguir dormir muito bem.

Levantei, peguei minha mala e fui tentar tomar café na Missão Paz. Mas quando cheguei, me impediram. Falaram que não podia etc. Em resumo. Essa foi minha primeira noite na rua, minha primeira vez sem café e o pior, sem nenhuma expectativa. Era tudo muito duro. Eu estava muito mal. Minha cabeça parecia que iria explodir. Estava ficando louco.

Comecei pela redondeza, depois subi próximo à Liberdade, quando fui ameaçado, depois, Praça da Sé e agora novamente, no bairro do Glicério. Desde então, fico por aqui, passo às vezes na Missão Paz, outras vezes vou procurar algum trabalho, mas no geral, minha vida tem sido isso.

Após ouvir atentamente o relato deste homem, perguntei se ele não teria vontade de voltar para o Haiti? Não, apesar de estar na rua, passando fome por aqui não quero voltar. Ainda tenho esperança de ficar por aqui, constituir uma família. Mesmo estando muito difícil por aqui ainda prefiro.

Percebi que meu amigo haitiano abriu a boca em sinal de sono. Olhei no relógio e eram 3h30 da manhã. Mesmo curioso para continuar ouvindo sua história, minha ansioso por ouvir mais, falei se quisesse poderia dormir. Ele admitiu o sono e disse que estava muito cansado e que precisava fechar os olhos por algumas horas. Falei que poderia ficar tranquilo porque diferentemente dele, eu estava ligado, atento. Pediu desculpas, arrumou sua cama, se acomodou, cobriu-se e depois de cinco minutos dormia feito uma criança. Olhei e parecia um “anjo negro” que dormia tranquilamente, sossegadamente e parecia aliviado.

Nesta noite, efetivamente, não consegui dormir. As horas iam passando quando vi que já eram quase 5h e começava a amanhecer, me senti aliviado, porque sabia logo, mas eu iria para casa e dormiria numa boa cama, comeria e beberia com dignidade. Mas fui tomado de uma sensação de impotência, dado o fato de que eu não poderia ajudar aquele haitiano. Eram 6h quando pensei em ir embora, agora com muito mais movimentação de pessoas e carros que começavam a circular para um novo dia.

Decidi que iria aguardar o haitiano acordar, me despediria e iria embora. Amanheceu o barulho aumentava da rua, mas como uma criança, ele dormia profundamente. O haitiano acordou às 7h30 e logo falou: “Esta foi uma das noites que mais eu descansei depois de muito tempo”.

Ouvindo isso veio em mim uma sensação estranha, mas boa. Acho que de certa forma, me senti contemplado com isso.

Falei que fora um grande prazer conhecê-lo e que tinha que seguir meu caminho. Perguntei se o encontraria outras vezes. Gostaria de falar mais e se possível, ajudá-lo. Respondeu que sim, que ficaria pelas redondezas e indicou outros lugares que poderia ser encontrado. Achei por bem convidá-lo para um café da manhã e seguimos até uma padaria próxima, não antes dele “arrumar” a cama e seus pertences em um canto da calçada. No caminho, ele encontrou um conhecido, parou para conversar e eu o avisei de que o aguardaria na padaria. Quando ele chegou à porta do estabelecimento, foi barrado por um segurança. Pude ouvir o segurança falar: *“Você não pode entrar aqui. Já falei para você isso. Na próxima vez vou dar umas bordoadas. Entendeu? Sai daqui!!!”*

Falei com o segurança e pedi explicações a respeito da situação e ele disse, de forma ríspida, que o haitiano não podia entrar porque não tinha dinheiro. Ao que eu respondi que o homem era meu convidado, que eu pagaria por seu consumo. HAITIANO 7 voltou constrangido e novamente foi barrado pelo segurança. Eu tive de enfrenta-lo com a minha veemência e disse que ninguém iria nos impedir de entrar e comer. A conversa atingiu um volume mais alto e chamou a atenção das outras pessoas. O gerente aproximou-se, ouviu os relatos do segurança e o meu e percebendo que eu não estava para brincadeira, nos deixou entrar com a seguinte observação: Pediu desculpas e tentou explicar alegando que tinha que fazer isso porque vários moradores de rua entravam para pedir coisas e isso assustava os clientes. Para não criar mais confusão e querendo resolver tudo, falei tudo bem e fomos tomar o café. Ao sair, perguntei se tinha algum telefone que pudesse me dar, e falei que voltaria outras vezes. Nos despedimos e fui caminhando em direção à Praça da Sé.

Cheguei à estação Sé, peguei o metrô e fui para casa. Sabia que logo mais poderia tomar um banho, trocar de roupas e que eu tinha uma casa para morar. Diferentemente do haitiano que estava em uma situação bem diferente. Estava excluído e invisível na sociedade paulistana. Passei outras vezes por aquele local e nunca mais encontrei o HAITIANO 7.

6.8 OUTRAS PERCEPÇÕES

Os ‘coyotes’, o traficante e o pesquisador: uma linha tênue entre a pesquisa e o “risco”.

O trabalho empírico e longitudinal com uma única pessoa tem o potencial de revelar não apenas as nuances que informam a formação de famílias, comunidades e seus sistemas de valores, mas também o modo como estes se encontram imbricados em processos macroestruturais. BIEHL (2008, p.419)

Os “Coyotes”:

Em mais um dia de pesquisa de campo, cheguei à Missão Paz no fim do dia preparado para mais um processo de coleta de dados que fosse peculiar, dentro das monocórdicas histórias que já vinha coletando há algum tempo. Depois de quase duas horas presente, fui abordado por duas pessoas.

“Olá, tudo bem? Percebemos que você está fazendo anotações e fotos. Para quê e para quem?”

Perguntei de onde eram e quem eram e eles me disseram que são haitianos, mas havia um clima tenso no ar. Para tentar entender a que vinham, me apresentei como pesquisador e que meu estudo era focado na presença dos haitianos em São Paulo, e que meu objetivo naquele momento era coletar mais informações e dados para este trabalho. Perguntei quem eles eram e a resposta veio com eufemismos: *“Nós ajudamos os haitianos a virem para o Brasil”*.

Prossegui nas perguntas, pedindo mais detalhes e a resposta veio sem eufemismos desta vez. *“É o seguinte... papo reto. Viemos falar com você porque achamos que era da Polícia Federal”*. Reiterei minha função, mostrei minha carteirinha de estudante e em seguida, os dois homens sorriram e prosseguiram no diálogo. Eles falaram que estavam no Brasil há quase oito anos. Vieram depois do terremoto para cá e que seu país, como já sabíamos, estava péssimo para viver. Outro relato recorrente diz respeito à propaganda que se fazia do Brasil pela Copa do Mundo e as Olimpíadas, o que lhes dera a impressão de que aqui teriam uma vida melhor. Ao chegarem, encontraram outros conterrâneos na mesma situação e resolveram ajudar.

“Cobramos uma taxa para quem quiser vir para cá. Como já conhecemos os macetes, resolvemos criar um grupo, uma atua no Haiti e outra aqui, que nós representamos”.

A relação com os dois homens era cordial a esta altura, mas eu preferi não baixar a guarda e mais, não me indispor com nenhum deles. Só que meu interesse por seus relatos era total, já que eu poderia vir a saber como é que se dá essa relação comercial, no mínimo, insólita. Tentei me estender na conversa, mas um deles se recusou e ambos se despediram. Sua aparência era de dois homens na faixa dos 30 anos, fortes e de grande estatura.

Ao mesmo tempo em que fiquei curioso para saber suas histórias, por outro lado, me senti aliviado quando eles foram. Sabia que por algum momento eu fora confundido com alguém que poderia atrapalhar o trabalho deles e isso, pelas histórias que conheço, não seria muito bem-vindo por ali. Os riscos de campo são maiores do que os óbvios e eu, efetivamente, não havia me preparado para este encontro...

O Traficante:

A organização não governamental (ONG) União Social dos Haitianos Imigrantes (USHI) fica localizada no Largo dos Estudantes, uma travessa da Rua dos Estudantes que começa na estação Liberdade do metrô e termina no baixo Glicério. Esse bairro não é um dos mais assistidos pelo poder público, detalhe fácil de se observar para quem olha em seu entorno. A USHI fica em uma pequena vila que reúne casas e pessoas simples.

FIGURA 24- AS RUAS PRÓXIMAS Á USHI

Fonte: Arquivos Pessoais

Minha visita à USHI tinha o propósito de fazer mais uma entrevista, desta vez, com o HAITIANO 8, às 10h. Independente da minha pauta, sempre que ando pelas ruas, procuro estar atento aos movimentos no entorno. Logo que cheguei, notei algo estranho e senti que estava sendo observado, fato que não me intimidou porque meu objetivo ali era encontrar o haitiano, entrevistá-lo e ir embora. A tarefa não foi tão linear como eu havia programado. Meu entrevistado atrasara e várias tentativas de falar com ele ao telefone foram inócuas. Na minha espera, os olhares sobre mim se intensificaram. Finalmente um deles se aproximou e perguntou se eu morava no bairro. A pergunta me serviu de alerta, mas procurei manter a calma. Respondi que não morava no bairro e que pretendia encontrar uma pessoa que faz parte da ONG. Devolvi a pergunta para manter o diálogo e o rapaz respondeu que “sim”, que era do bairro. Em seguida, perguntei se havia algum problema de permanecer naquele local, ao que ele respondeu que não haveria qualquer problema e que havia se aproximado por curiosidade. Observei ainda que ele, ao sair, informou dois colegas que eu não era da polícia, que ele já tinha verificado.

Pensei que seria bom mesmo eles não me confundirem com um policial, pois eu tinha muito trabalho para fazer ali. Então, me levantei e reiterei: *“Não, eu não sou da polícia. Estou fazendo um trabalho de pesquisa”*. A resposta foi um sorriso e um aceno de despedida deles. Era evidente que eram traficantes, informação confirmada posteriormente de que se tratava de um ponto de droga.

6.9 HAITIANO 8 – DOIS CURSOS SUPERIORES

BIEHL (2008, p. 427) Ainda sobre “Catarina e seus relatos algo me chamou a atenção nesse parágrafo. “Em vez de entender esses relatos como prova de que os abandonados “se retiram do Mundo” DESJARLAIS (1994), comecei a vê-los como restos da verdade – chamemo-los de “códigos da vida “. “Por meio dos quais a pessoa abandonada tenta ser agarrar ao real.” DAS (1997), KLEINMAN (2006).

Era um domingo, em 2012, em uma reunião realizada na casa da cidade, organização que trata de temas da atualidade brasileira, que fica na Rua Rodésia, Vila Madalena, que eu conheci o HAITIANO 8. Nesse dia o tema era sobre imigrantes e refugiados que começavam a chegar à cidade de São Paulo e como poderíamos ajudá-los. Tudo é sempre muito difícil, isto porque,

tivemos que arrumar um ônibus para trazê-los, providenciar alimentação e acima de tudo, assistência jurídica. Nessa reunião havia gente de mais de 15 nacionalidades, entre elas, os haitianos, colombianos, bolivianos, congoleses, angolanos entre outros. Boa parte dos imigrantes não falava o português. Tivemos que traduzir para o espanhol e o francês. Quando perguntamos entre os imigrantes, quem poderia fazê-los, logo de imediato, um deles levantou a mão e se prontificou a sê-lo.

No final da reunião ele veio falar comigo com mais calma e queria manter contato. Afinal de contas, estava chegando na cidade e pouco conhecia o ambiente. Trocamos celulares e ficamos de nos falar durante a semana. Desde esse momento ele passou a fazer parte das minhas amizades. Como era mais novo do que eu, passei a chamá-lo de *“mon. petit frere”* – meu pequeno irmão.

Foi a partir dele, principalmente, que me animei a fazer essa e pesquisa de doutorado e trazer para a academia o que via e sentia in loco.

Além de ser formado em dois cursos superiores, ele falava cinco idiomas – inglês, francês, crioulo, espanhol e português; Além do mais, era uma pessoa que já tinha viajado para vários outros países, o que ajudou muito nossa aproximação e sua vinda para o Brasil. Ele veio dos Estados Unidos direto para o Brasil e já tinha visto assegurado, realidade que é bem diferente para outros conterrâneos.

Nesses últimos anos trocamos e afinamos várias atividades em organizações e universidades em São Paulo e pelo Brasil para falar da realidade do Haiti, como estava vivendo e muitas observações sobre essa nova realidade.

SEIS PRIMEIROS MESES EM SÃO PAULO E SEUS ESTRANHAMENTOS

Eu sempre fui uma pessoa que sempre gostou muito de história, geografia e etnografia. Essas razões me fizeram viajar para vários países entre eles a República dominicana, Estados Unidos, França, Colômbia entre outros. Nós haitianos já temos no sangue esse gosto embutido de viajar seja pelas necessidades econômicas ou mesmo na busca de outros países para começar uma nova vida.

Quando decidi vir para o Brasil procurei conhecer um pouco mais de sua realidade e gostando de entender as culturas e sabedor q Brasil era um país que tinha uma população negra queria entender como isso funcionalmente, mas em especial, me deparar mais com a questão racial. Achei que seria aqui um bom lugar para entender como brancos e negros se relacionavam ainda mais quando vinha de um país que a população é negra e sua independência fora feito por um negro.

Sendo assim queria aproveitar esse interesse e ainda mais, aproveitando o momento econômico da época vir. Estava nos Estados Unidos nesse momento, tinha visto já assegurado e ouvindo alguns amigos que estavam por aqui rumei em 2012 em direção ao Brasil.

A CHEGADA

Nos primeiros meses fui conhecer a cidade. Logo que cheguei percebi o quão a cidade era diversa. Não só pela arquitetura, paisagem, mas principalmente pela população. Percebia uma grande mistura de rostos, gostos, culturas, mas uma grande diferença social na cidade. Via muitos moradores de rua, pessoas que tinham sotaques diferentes, não só pelo português, mas também o inglês, francês, espanhol. A cidade era uma grande metrópole cosmopolita.

Os meses foram passando e algo estranho ia se mostrando. Não entendia muitas coisas. Não entendia por que a maioria das pessoas que via na rua eram negras? Por que existiam cotas? Como um país como o Brasil que tem a democracia como referência e tendo uma grande população negra eu não via isso na divisão do poder no país?

Fui tentar entender isso e pude constatar coisas que me surpreenderam. Que o país era racista. Que aqui os negros eram subservientes aos brancos. Que mesmo tendo acabado há muito tempo a escravidão, as diferenças eram bem grandes.

Como falei foi depois do terremoto que decidir vir para o Brasil. Queria novos ares e voltar para o Haiti seria muito difícil. Os haitianos gostam muito de o país entrementes querer ficar ou morar estava muito difícil.

Depois do terremoto meu país estava desestruturado, muita coisa por fazer, me perguntei. Insistir para que?

É sabedor que o meu país historicamente vive uma decadência e uma crise que vem de muito tempo. Como isso perdemos muito coisas inclusive as pessoas que saem e teria uma grande contribuição para o Haiti. Perdemos inteligência e além do mais todas as pessoas que morreram. Somos patriotas, mas as expectativas estavam muito aquém. Se você não tem alternativa econômica e financeira seus sonhos ficam esquecidos. Por isso todos os anos haitianos vão para a Suíça, França, Estados Unidos e Canada. Lógico que eu gostaria de ficar no meu país, entretanto, o sentimento de existência, de querer algo mais levaram eu e outros saírem. Afinal de contas como sair das crises e tragédias – política, ambiental, saúde e de tantas mortes? Enfim, não vislumbrava um futuro em meu país e decidir buscar novos horizontes.

A missão da ONU – Minutas – que estava no meu país me incomodava bastante. Afinal de contas, não só essa, mas também outros países e organizações sempre estiveram presentes no meus país e nada muda. Muito pelo contrário. Piora. Na minha opinião não existe ajuda no mundo e sim trocas. O Haiti é um país ativista, rico, referencias para outros países e criação de quilombos.

No entanto nosso país desde sua independência sofreu muito por conta das potencias e infelizmente, isso não mudou nos dias atuais. Todas as potências impediram nosso crescimento. Era do interesse do capitalismo não deixar o Haiti crescer. Toda essa situação gerou em nós um sentimento muito forte de patriotismo e isso passou a ser chamado de “haitianismo”.

Como sabemos no século 18 uns países sendo libertado e a revolução liderada por um negro não era um bom exemplo. Isso poderia gerar outras situações em colônias ainda dominada pelas metrópoles.

O que eu quero falar. Nossa vitória e nosso exemplo motivo de orgulho para os haitianos criou um grande paradoxo para nós. Nossa vitória foi ao mesmo tempo nossa derrota. Gerou um projeto do capitalismo e comandada pelas potências uma ideia de que “Não devemos deixar o país crescer”

Só para te dar um exemplo atual. Diariamente saem do Haiti 20 milhões de dólares, dinheiro produzido pelas nossas riquezas e população. Caso tivessem interesse em nos ajudar poderiam deixar esse dinheiro e investir na construção do país e incentivar que pessoas que tem potencial e capacidade para administrar e gerar o país.

Como falei para você já viajei muito pelo mundo e isso facilitou em muita minha vinda para o Brasil. Estava nos Estados Unidos e resolvi vir ao meu país para ver com meus próprios olhos como estava a cidade de Porto Príncipe e a população. Chegando logo percebi que não ficaria muito tempo. Bateu uma desesperança total. Pensei em voltar para os Estados Unidos e continuar por lá. No entanto mesmo nesse caos que o meu país vivia ouvi algumas histórias de conterrâneos que estavam pelo Brasil e se dando bem. Ouvindo essas histórias e já querendo conhecer o Brasil optei por vir. Tirei meu visto, voltei para os Estados Unidos e de lá embarquei direto para São Paulo.

No começo da entrevista falei que já tinha lido sobre o Brasil, sua cultura e sabia que a população era predominantemente de afrodescendentes. Em especial meu interesse se deslocava para a área racial. Queria saber como essa relação se dava? Quais as consequências desse contato? Um país que fora o ultimo do ocidente a acabar, era muito recente, está bastante curioso.

No começo tive muita dificuldade em entender a cidade, suas paisagens, de prática, de convivência. Percebia um “olhar estranho” tanto eu para a cidade como a cidade para comigo. Vivia a dialética cidade.

No primeiro momento não conhecia muitas pessoas na cidade. Diga de passagem quase ninguém. Os meus amigos próximos eram conterrâneos e que também não conheciam. Além do mais era pessoas simples que não tinham essa reflexão da cidade e se entorno.

Quando cheguei não existiam organizações haitianas que pudessem ajudar aqueles que chegavam. Procurei outras que ajudavam de uma forma geral imigrantes e refugiados de todos os lugares. Era o caso da Missão paz.

Eu queria entender mais o que se passava. Já começava a ter minhas primeiras impressões e não eram boas. Comecei a entender porque as pessoas me olhavam diferente quando entrava em alguns lugares. Mas a primeira vez que passei por um ato de racismo foi quando entrei em um shopping. Ao entrar logo percebi que os seguranças começaram a me olhar, depois fui caminhando pelos corredores e um deles continuou atrás de mim. Queria comprar um tênis e passando por uma joalheria vi algumas coisas bonitas e comecei apreciar. Depois de cinco minutos apreciando, sentir um toque no meu ombro e quando virei era um segurança acompanhado de outros três.

Sabe qual foi a pergunta? O que eu queria? Não entendendo perguntei. O que? E já meio ríspido perguntou o que eu estava fazendo ali parado olhando a joalheria?

Sem graça, confuso e sem saber o que fazer, “pedi desculpas” – hoje dou risada – e saí.

Estava profundamente chateado e magoado e fui caminhar pela cidade tentando compreender o que aconteceu. Como já tinha ouvido uma ou outra história dos haitianos achei que você algum equívoco deles, mas nesse dia não tive dúvida. Fui vítima de preconceito e racismo ainda mais quando perceberam que era “estrangeiro preto”

Depois de ficar chateado, aborrecido achei melhor tentar entender o que era o Brasil e principalmente como o negro brasileiro era tratado? Passei a frequentar alguns lugares de discussões como as universidades. Quando comecei a frequentar logo de imediato, era claro, quase sua totalidade seja dos professores e alunos eram brancos. E coincidentemente os funcionários e serviços na sua grande maioria negros. Como assim pensei?

Foi a partir das universidades primeiro, que eu percebi que as teorias e as práticas dominantes nessas universidades frequentadas eram dadas por brancos, sobre brancos e para brancos. O negro não tinha voz. Quem falava por ele era o branco sem muitas vezes conhecer o “o outro, ou melhor, o negro.

Como já falei os haitianos gostam e tem orgulho de sua história e tem consciência de sua pele. No meu país a população, na sua grande maioria, é negra. Nós continuamos praticando nossa

cultural ancestral, sabemos de nossas riquezas, por isso o “haitianismo”. Viajei para outros países e vi que o racismo e preconceito existem, entretanto no Brasil, achei diferente”.

Como assim, perguntei?

“Vindo de um país que fora dominado por brancos e para brancos, os negros haitianos sempre preservaram de todas as formas suas particularidades culturais. A resistência é uma delas.

Sendo assim foi um grande choque quando cheguei aqui e sabendo e vendo agora que sua população é negra começou a me surpreender porque não via negros, nesse caso, nas universidades? Não tendo como os negros poderiam contar suas histórias? Como o branco contava a história do negro?

Mais interessado sobre tudo isso fiquei mais atento não só nas universidades, mas no dia-a-dia da cidade. Nesse instante que passei a observar mais ainda e refletir várias indagações permearam meus pensamentos.

Na academia, por exemplo, como posso falar pelos outros? Como conhecê-los se não estão dentro do contexto das universidades? Sem conhecer qual a tradução ou entendimento predominam? E qual o olhar dado?

Foi assistindo a aulas nessas universidades que percebi que predominava o pensamento branco, as ideias do branco. Não via negros na bibliografia. Como entender que é negado.

Outro ponto que me chamou atenção foi que os doutores, mestres e alunos, todos brancos em quase sua totalidade, eram elitistas. Notei que o Brasil não tem uma elite na definição clássica. Temos uma sociedade que ainda é formada por grupos sociais bem desiguais.

Acho muito difícil mudar essa realidade se as universidades não discutem com mais profundidade esses temas. Não ocorrendo isso, concluo que “100% das universidades são hipócritas”

Foi muito dura essa realidade para mim aqui no Brasil. Nesse meu olhar pela cidade comecei a perceber que os negros ocupavam cargos como lixeiros, porteiros, seguranças e outros cargos serviçais. Os negros tinham poucos espaços na sociedade e onde deveria ser discutido tudo isso, a universidade, continuava reproduzindo o seu discurso e conseqüentemente diminuía o espaço para os negros e pobres.

Todo esse entendimento da realidade brasileira me fez querer entender ainda mais o ser humano, seu comportamento e por que tanta diferença entre as raças no Brasil. Por que o negro brasileiro não era bem visto, oprimido. Via sempre sobre o negro, e me incluo nisso, um “olhar opressor”.

Você vai a um bairro considerado de elite, portanto branco, e dependendo do seu “estilo” ou é jogador de futebol, cantor de pagode ou jardineiro, segurança, empregada doméstica. E ainda no primeiro exemplo você sente um olhar estranho e ao mesmo tempo de “inveja”, isto porque os brancos queriam sê-los.

O que mais me chamou atenção foi esse “olhar perverso” que em minha opinião é um “crime perfeito”. Você faz de diversas formas. Quando ignora, quando classifica pela cor e julga; A cor diz muita coisa e isso mata um pouco todo dia.

O negro brasileiro, na sua grande maioria, vive sempre pressionado. Muito não tem consciência e acha que isso é perfeitamente normal. Lendo mais sobre a história do Brasil vi que desde o final da escravidão poucas coisas foram feitas para a inserção do negro. Hoje entendo o porquê das cotas. Depois falamos mais sobre isso.

Conheci poucos negros nas universidades e por incrível que pareça, notava que muitos saíam e seguiam os preceitos brancos. A universidade embranquece o negro. O branco transfere sua ideologia para os negros e aqueles que não tem consciência acabam por reproduzi-la.

Passei a ter um olhar muito mais crítico da sociedade paulistana. A combinação entre a minha história de haitiano e o “haitianismo”, ter frequentado algumas universidades e o pior, o

meu cotidiano na cidade me fez perceber coisas que não conhecia e que não tinha passado. Observo de novo, já vivi em outros países, mas igual ao do Brasil, não.

Como um país que tem uma população predominantemente afro não tinham representantes proporcionais no poder estabelecido no país. Acho que ocorre uma espécie de genocídio intelectual, cultural, valoral do negro brasileiro.

Vamos por parte. O Estado brasileiro praticamente não existe para o negro brasileiro imagina para o negro estrangeiro? As universidades, a justiça, as normas e leis são construídas e pensadas a partir do Branco e para o branco.

Os personagens negros da formação da sociedade brasileira são esquecidos ou excluídos, quando muito, tentam fazê-lo ser um branco. Quando negros são professores no Brasil? Menos de 2%.

Como inverter a ‘branquitude’ que predomina em todas as estruturas de poder constituída? Como os negros podem influenciar outros negros se não aparecem?

Quais suas chances de ascensão? Como um negro pode conhecer sua história se não é contada? Vejo muitos “artistas” -cantores, jogadores – mas não em consciência de classe. Esse é mais um exemplo de que você reproduz o mesmo discurso do branco em detrimento de sua própria raça.

Acho que o Brasil caminha lentamente para uma sociedade com mais equidade. A compreensão de sua origem é fundamental para resgatar sua autoestima. Durante muitos séculos o negro brasileiro sempre foi visto como alguém inferior.

Afirmo que aqui no Brasil tive um choque de realidade. O racismo, a xenofobia, a indiferença passou a fazer parte da minha vida e tendo como contraponto consciência de minha raça, resolvi participar de movimentos no Brasil e mais tarde ajudei criar uma organização que

defende os interesses dos haitianos em São Paulo porque vi que a minha realidade era de muitos outros contrerrôneos.

O Brasil tem sido um bom laboratório para entender muitas coisas. Nesse tempo que estou aqui percebi como as coisas funcionam. Todas as estruturas de poder são comandadas por brancos. O Estado, o empresariado, as universidades são exemplos tácitos dessas diferenças que são alarmantes no Brasil. O meu país, apesar de muito rico, foi sempre pobre para os haitianos. Mas não achava que o Brasil fosse assim.

Outra coisa que me chamou muito a atenção foi os condomínios fechados. Os ricos moram em bolsões fechados. Acham que moram em algum oásis mais não percebem que são prisioneiros. Tudo isso para garantir a vida. E quem moram nesses lugares? Os brancos.

Por outro lado, isso me deixou muito assustado. Já vi muitas mortes no meu país, entrentes as causas foram de saúde e desastres ambientais. Aqui não.

Quando, agora já participando de alguns movimentos no Brasil, fiquei sabendo dos números de mortes violentas fiquei chocado e me perguntando por que os negros não se revoltavam?

Eu que tenho noção de classe e raça muito discutidas na história do meu país, o “haitianismo”, não entendia tudo isso com clareza n o Brasil.

No entanto o tempo foi passando e entendia um pouco mais e vi como as “elites” criaram mecanismo de dominação sobre os negros. Como manipularam sua história. Vi isso como um “crime perfeito”.

Como sair dessa situação pensava eu. Tudo era manipulado e acordado segundo os interesses dos brancos e poderosos? Como os negros podiam sair dessa teia? Foi a partir desses entendimentos que passei a compreender e acompanhar mais o movimento negro brasileiro. Quais

eram suas limitações e como era difícil quebrar as ideologias que já estavam enraizada no pensamento e sociedade brasileira.

Na academia ficava claro como ela era branca. Professores, alunos, pesquisadores em contraposição as funções de faxineiras, porteiros, jardineiros, atendentes das lanchonetes e restaurantes eram negros. Não entendia como a universidade não discutia e se sim, porque n]ao alterava essa dinâmica. Passei cada dia mais a entender as cotas que no primeiro momento quando cheguei não compreendia.

Não entendia como a academia não discutia e se sim por que não alterava essa relação quase escravocrata. Como os filhos desses pobres e negros poderiam sonhar e ser médicos, engenheiros quando parecia claro que só os brancos poderiam sê-los. Como gerar sonhos para os filhos dos negros quando estava definindo as classes que cada um podia fazer parte. Tudo muito assustador para mim. Cada classe vivia em um oásis. Cada classe tinha um frasco.

Sou cidadão do mundo. Acho que cada um dia tem que gostar, saber a história de seu país, mas acho que o mundo não deveria ter tantas divisões. Deveríamos pensar na carência humana. Praticar mais a ajuda solidária e o Brasil me fizeram ver como ainda estamos longe disso por aqui. No Haiti chamamos de “moralidade do coletivo” essa ajuda para entre nós.

Tenho sofrido muito por aqui por todas essas contradições. Acho que o Brasil precisa fazer uma revisão em suas estruturaras sociais e de poder. Um dia desses assistia na TV uma transmissão do STF e só tinha brancos. Como assim pensei? Uma população negra e não tinha nenhum negro? Como eles podiam entender o negro? Quem fazia as regras e normas?

O Brasil está sendo muito difícil para mim. Hoje percebo quanto os negros brasileiros sofrem. Estamos falando de estruturas essenciais para mudar uma sociedade e todas elas dominadas por brancos. Já falei das universidades, agora do judiciário e não poderia deixar de falar da câmara dos deputados. Menos de cinco por centos são negros. Diga para mim. Isso é democracia? Aprendemos isso. Você tem que se fazer representado e não ter representante.

Toda essa realidade e estar longe de casa me deixam triste. Não sair por que quis, mas por necessidade. Ainda bem que hoje tem a rede social que de uma forma “falseada” tenta dar uma ideia de estar próximo. Sair do seu país origem alguns ganham e outros perdem. Eu estou me virando, mas sempre com a vontade de voltar para casa.

Tudo isso faz parte do sistema capitalista onde a mobilidade e o deslocamento são consequências desse processo. Nesse mundo ninguém dar oportunidade. Você tem que criar. Isso que estou tentando fazer por aqui.

Comecei a participar dos movimentos negros brasileiros e fui tomando consciência da realidade do negro na sociedade brasileira. Isso foi motivação para ajudar a criar a associação de defesa dos haitianos que denominamos União Social Haitianos Imigrantes – USHI.

Estou no Brasil há alguns anos e nessa trajetória por São Paulo e Brasil as diferenças entre classes eram enormes e sempre os negros em situação catastrófica e injusta. O Brasil é bem diferente do que eu pensava e agora, vivendo aqui, sinto todos os dias isso na pele. ‘Já pensei em sair do Brasil, mas por outro lado, me instiga querer conhecê-lo mais’.

7 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse doutorado teve por finalidade mostrar a realidade dos haitianos registrada no Município de São Paulo, em especial na Missão Paz, Baixo Glicério e proximidades. Nesses relatos, só há dificuldades, mazelas e sofrimento e, em poucos momentos, uma mínima esperança... A cor da pele negra acentua mais um item desafiador para encontrar um porto seguro, ainda que circunstancial, no trajeto de cada um desses personagens derivados das acomodações sociais que vêm ocorrendo no planeta.

Muitas das histórias ouvidas estavam claras como os haitianos sofriam na pele, primeiro por serem negros, depois estrangeiros e por fim por serem confundidos com africanos em muitas situações. Afinal de contas, ouvia uma frase que passou a fazer parte das minhas visitas de campo. “São todos pretos mesmos”. “São todos iguais” e “São todos pobres”.

Todas essas narrativas me fizeram perceber que apesar de muitas dificuldades serem parecidas, o “sofrimento”, “a carência”, “a solidão” se manifestavam de formas e consequências diferentes. entender o sofrimento dessas pessoas e que chamamos hoje de “Sofrimento Social”.

Cada pessoa tem sua história, suas particularidades e consequências. Nessa pesquisa pude constatar que não existem “balas mágicas” como BIEHL afirma. A questão da imigração no Brasil tem de ser discutida com todos os atores envolvidos nos conflitos e com vistas às soluções.

Depois da aprovação da Lei de Imigração algumas coisas mudaram, mas ainda estamos muito longe de atender com dignidade as premissas dos Direitos Humanos. Dra. Fabiana Severo, coordenadora da Defensoria Pública da União na área de Direitos Humanos em uma entrevista disse:

Infelizmente, mesmo tendo sido aprovado a nova lei de imigração percebemos resquícios como exemplo no recorte racial. No Brasil, por exemplo, os sírios levam em média seis meses para ter seus casos julgados. Na contramão disso, os pretos, por exemplo os angolanos, demoram em média três anos. Isso decorre do quê? De uma sociedade que ainda não resolveu seus problemas cruciais como racismo ou o machismo. A marca da escravidão ainda faz parte da nossa História e isso se estende agora aos estrangeiros pretos que chegam ao Brasil. SEVERO, Fabiana (2025, p.24)

Ainda, segundo ela

O Haitiano por ser preto coloca em prática seu racismo e menospreza com isso um grande potencial desses imigrantes. A ignorância da sociedade brasileira em relação aos imigrantes em especial, os pretos, sofrem diariamente porque ainda também não resolvemos nossos problemas internos, isto é, com o negro brasileiro SEVERO, Fabiana (2025, p.24)

Uma questão que me chamou muito a atenção foi também numa entrevista concedida pela professora Deisy Ventura que colocou a seguinte questão:

Por que a questão da imigração passou a fazer parte do cotidiano brasileiro no século XXI somente quando começaram a chegar os haitianos, portanto, pretos e vistos como desqualificados? VENTURA, Deisy (2008)

Todas essas questões levam a crer que temos muito que avançar nessa questão no Brasil. Precisamos superar nossas limitações e saber atender esse público que vem ao Brasil para tentar encontrar um novo lugar de moradia, trabalho e acima de tudo, uma dignidade que segue as premissas dos Direitos Humanos.

Enquanto isso muito imigrantes sofrem diariamente todo processo de invisibilidade social, exclusão, racismo e xenofobia.

MUNANGA, Kabenguele (Caros Amigos, 5638) encerra essa minha breve conclusão quando fala sobre a geografia do corpo:

Se a geografia dos corpos existe, que outro critério é usado para distinguir brancos e negros? Alguns, por inércia do mito de democracia racial, continuam a acreditar que a classe socioeconômica é o único critério de discriminação dos negros no Brasil. No entanto, é pela geografia dos corpos que somos vistos e percebidos antes de descobrir nossas classes sociais.

Como um policial enxergaria o professor Kabengele Munanga de passagem na periferia de qualquer cidade brasileira? Pela cor da pele ou pela classe social?

“Talvez já tivesse sido morto antes de descobrirem que pertencço a classe média intelectual, como aconteceu anos atrás com o jovem dentista negro morto pela ação de policiais na cidade de Guarulhos, no Estado de São Paulo”. MUNANGA, Kabenguele (Caros Amigos, 5638)

Lembraria a piada do macaco que estava correndo para atravessar a fronteira entre o Brasil e o Paraguai. “Macaco, porque está correndo tanto, com a língua para fora?” lhe foi perguntado. “Lá no Brasil estão matando todos os animais que tem orelhas grandes” respondeu.

“Mas você não tem orelhas grandes, por que está com medo? Questionaram-lhe. “Até provar, meu amigo, já estaria morto”, respondeu o macaco.”

Termino com essa analogia em relação aos “pretos” sejam brasileiros ou estrangeiros. Na dúvida, até provar, é melhor você tomar todo tipo de cuidado.

E para fechar com Munanga deixamos essa pergunta em aberto:

Quem somos, de onde viemos e por onde vamos? Sem a consciência de quem somos na formação histórica do Brasil não existimos política e coletivamente. Consequentemente não podemos nos mobilizar ou nos organizar para reivindicar nossos direitos na sociedade ou lutar para a transformação da sociedade. Aqui está o conteúdo político-ideológico da consciência identitária, que constitui coletivamente uma plataforma de mobilização política.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. **Dados sobre refúgio no brasil**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil>. Acesso em: 10 jun. 2015
- ADORNO, R. C. F. **Theorizing about the other**. Vulnerable groups and strategies for social inclusion in public health policies: a brief account of Brazilian case. *International Journal of Migration, Health and Social Care*, v. 8, p. 4-11, 2012
- ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Os imponderáveis circuitos dos vulneráveis cidadãos: trajetórias de crianças e jovens das classes populares**. In: LERNER, Julio (org.). *Cidadania Verso e Reverso*. São Paulo: Imprensa Oficial, p. 93-109, 1987
- _____. **Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo**. *Novos Estudos*, 43, 45-63. São Paulo: USP, 1995
- _____. **A pacificação dos usos públicos do crack e a repressão ao usuário: notas a partir de etnografia na região central de São Paulo**. 29ª. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Mesa Redonda “Ensaando um Crack: um debate sobre etnografia e as drogas”, Natal: 03 a 07 ago. 2014
- _____.; DA SILVA, Selma Lima. **Cenas do Mapeamento Rua: Diários e discussões dos educadores**. In: LESCHER, Auro Danny et al. (orgs.) *Cartografia de uma rede: reflexões sobre um mapeamento da circulação de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo*. São Paulo: Projeto Quixote-PROAD-UNIFESP / Faculdade de Saúde Pública da USP/ Coordenadoria de Saúde Mental, Ministério da Saúde / UNDCP – Programa das Nações Unidas para o Controle Internacional de Drogas, p. 11-33, 1998
- ANZALDÚA, Glória. *Borderland. La Frontera*. San Francisco: AuntLute, 1987
- ARÊAS PEIXOTO, Fernanda. **Literatura e imaginación etnográfica**. *Tropelías-Revista de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada*, n.25, 2016. Disponível em: <<https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias>>
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª.ed, São Paulo: Forense Universitária, 2007
- ARON, Raymond. **Guerra e paz entre as nações**. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986
- ASSIS, G. de O.; SASAKI, E.M. **Os novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica**. In: CNPD. *Migrações internacionais – Contribuições para políticas*. Brasília, DF: 2001. p. 615-669.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Estar aqui, estar lá... o retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional?** IN *Caderno de Ciências Sociais*, vol.4, n.7, dez.1996, p.36-47
- ATLAS TEMÁTICO. **Observatório das Migrações em São Paulo: Migrações Internacionais**. BAENINGER, Rosana; FERNANDES, Duval (coord.). PERES, R.G.; DEMÉTRIO, N.B;

DOMENICONI, J.O. (co-org.). Campinas-SP: Núcleo de Estudo de População “Elza Berquá”- Nepa/UNICAMP, 2017

BAENINGER, Rosana; SOUCHAUD, Sylvain. **Vínculos entre a Migração Internacional e a Migração Interna** : o caso dos bolivianos no Brasil. 31º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: MG. 23 a 27 de outubro de 2007

_____. **Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes** - Brasil, 1980-1996. 1999. 200fls. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Campinas, Campinas, 2009.

_____. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Nepo/Unicamp, 2013

_____. ; et al (org.). **Migrações Sul-Sul**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquá”, Nepo/Unicamp, 2018

BASTIDE, R & FERNANDES, F. **Branços e Negros em São Paulo**. São Paulo: Global, 2008

BECKER, O. M. S. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologia, Contextos. **In: Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Org. CASTRO, I. E. et al. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 1993

BERSANI, Ana Elisa. **Chache Iavi Deyò: uma reflexão sobre a categoria refúgio a partir da diáspora haitiana no Brasil**. Cadernos de Campo: São Paulo, n.25, p. 383-399, 2016

BIEHL, J. **Ciência, tecnologia e saúde mental**. In: LEIBING, Annete (org.). Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil. Rio de Janeiro: Nau Editora, p. 19-35, 2004

_____. **Vita: Life in a Zone of Social Abandonment**. Berkeley: University of California Press, 2005

_____. **Will to Live: AIDS Therapies and Politics of Survival**. Princeton: Princeton University Press, 2007

_____. **Antropologia Do Devir: Psicofármacos –Abandono Social – Desejo**. Revista de Antropologia, São Paulo: USP, Vol. 51, n. 2, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/27285/29057>

_____. **Bala mágica não funciona em saúde**. Revista Época. Disponível em: www.g1.com.br/revistaepoca. 24 jul. 2013

_____.; GOOD, B.; KLEINMAN, A. (Orgs). **Subjectivity: Ethnographic Investigations**. Berkeley: University of California Press, 2007

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. Estação Liberdade, 1º.jan de 1998

BOURDIEU, Pierre. **Social Space and Symbolic Power**. In Sociological Theory, Vol. 7, 1989, pp. 14-24; CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

BOURGOIS, Philippe I.; SCHONBERG, Jeffrey. **Righteous dopefiend**. University of California Press, 2009

BORJAS, George J. **Labor Mobility**. Labor Economics. New York: McGraw-Hill, 1989

BRANDÃO, André Augusto (org.). **Programa De Educação Sobre O Negro Na Sociedade Brasileira**. MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Aspectos da Cultura e da História do Negro no Brasil. Niterói – RJ: Editora Universidade Federal Fluminense, 3 agosto a 23 novembro/ 2006

BRASIL, **Constituição Federal de 1946**; BRASIL, Decreto 86715/81 que regulamenta o Estatuto do Estrangeiro;

_____**Decreto-Lei 7967 de 1945**; BRASIL, Lei n.º 6.964, de 9 de dezembro de 1981 que modificou o Estatuto do Estrangeiro

_____**Lei n.º 7.685**, de 2 de dezembro de 1988

_____**Lei n.º 9.675/98**, regulamentada pelo Decreto n.º 2.771, de 07 de setembro de 1998.

_____**Projeto de Lei 5655/09**

CARVALHO, João Eduardo Coin de. **Violência e sofrimento social: A resistência feminina na obra de Veena Das**. Departamento de Antropologia Johns Hopkins University: Saúde soc. [online]. 2008, vol.17, n.3, pp.9-18. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300003>

CASTRO, Eduardo V. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena. cap.8

_____**O nativo relativo**. São Paulo: Rev. Mana 8(1):113-148, 2002

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D. **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Relatório Anual 2016, Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigrações. Brasília, DF: OBMigra, 2016

CHAVES, Leslie. **A preponderante geografia dos corpos**. Caros Amigos. Disponível em:< <http://www.carosamigos.com.br/index.php/politica/5638-a-preponderante-geografia-dos-corpos>>

CLIFORD, James. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: URFJ, 2008

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores - Migrantes no Brasil**. Bellaterra: InCom-UAB/IHU, 2013

COMITÊ NACIONAL PARA IMIGRANTES E MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Novo perfil do refúgio no Brasil**. 2014

Conselho Nacional de Refugiados (CONARE). **Dados sobre refugio no Brasil**. [Internet]. Brasília: CONARE; 2016 Disponível em:< <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>

CUETO, Marcos. **História, salud y globalización**. Marcos Cueto y Victor Zamora Mesia. Lima: IEP, UPCH, 2006

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África**. São Paulo: Brasiliense, 1985

DAS, Veena; POOLE, Deborah. **El estado y sus márgenes**. Etnografías comparadas. Cuadernos de antropología social, v. 27. Buenos Aires, p. 19-52, 2008

DESJARLAIS, R. **Struggling Along: The Possibilities for Experience Among th Homeless Mentally III**. American Anthropologist, vol.96 (4): 886-901, 1994

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1964. 373 p. (Sociedade e Educação)

DIEHL, Fernando. **O fenômeno da estigmatização dos imigrantes haitianos em Lajeado no Rio Grande do Sul**. Barbarói, Edição Especial n. 47, p.<90-106>, UFRGS: Santa Cruz do Sul, jan./jul.2016

EDEPE - Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. **Discriminação Étnico-Racial: Legislações**. São Paulo: Defensoria Pública do Estado de São Paulo, Núcleo Especializado de Combate, Discriminação, Racismo e Preconceito. 2002

EPELE, Maria. **Sujetar por la herida: una etnografía sobre drogas, pobreza y salud**. Buenos Aires: Paidós, 2010

_____. **Sobre o cuidado de outros em contextos de pobreza, uso de drogas e marginalização**. In: MANA 18(2): 247-268, 2012

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Social anthropology: past and present**. In: Social anthropology and other essays. New York: The Free Press, 1962

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira Prefácio de Lewis R. Gordon. EDUFBA Salvador, 2008;

_____. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010

FARMER, Paul. **An anthropology of structural violence**. *Current Anthropology*, 45 (3), p.305-325, 2004

FASSIN, D. **La supplique. Stratégies rhétoriques et constructions identitaires dans les demandes d'aide d'urgence**. In: Annales: Histoire, Sciences sociales, v. 55, p. 955-981, 2000

_____. **Quand le corps fait loi. La raison humanitaire dans les procédures de régularisation des étrangers**. In: Sciences sociales et santé, v. 19, n.4, p. 5-34, 2001

_____. **L'invention française de la discrimination**. *Revue française de science politique*, v. 52, n. 4, p. 395-415, 2002

_____. **Le corps exposé: essai d'économie morale d'illégitimité.** In: FASSIN, D.; MEMMI, D. (Dir.). *Le gouvernement des corps.* Paris: Éditions de l'EHESS, 2004, p. 237-266

_____. **Quand les corps se souviennent:** experiences et politiques du sida en Afrique du Sud. Paris: La Découverte, 2006c

_____. **La raison humanitaire: une histoire morale du temps présent.** Paris: Hautes Études, Gallimard-Seuil, 2010b.

_____. **Humanitarian reason: a moral history of the present.** Berkeley: University of California Press, 2011.

FELDMAN, Bella. **Entrevista.** São Paulo, maio 2008. Transcrição de áudio.

_____.; GLICK-SCHILLER, Nina. **Una conversación sobre transformaciones de la sociedad, migración transnacional y trayectorias de vida.** *Crítica y Emancipación*, III, no.5, June, 2011. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/5/CyE-5.pdf>;

_____.; RIVERA-SÁNCHEZ, Liliana; STEFONI Carolina; VILLA, Marta Inés. **La construcción del sujeto migrante en América Latina:** Prácticas, representaciones y categorías, Quito: FLACSO – CLACSO- U. Alberto Hurtado, 2001, Disponível em: http://webiigg.sociales.uba.ar/pobmigra/libro_clacso2011.pdf; >

FELTRAN, Gabriel S. **Margens da política, fronteiras da violência:** uma ação coletiva das periferias de São Paulo. *Lua Nova* n. 79. São Paulo: CEDIC, p.201-233, 2010

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Global, 2007

FLEURY, S. **Estado sem cidadão: seguridade social na América Latina.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994

FONSECA, Claudia. **A interpretação das culturas:** festejando os 35 anos. São Paulo: Cadernos de Campo 16(16): 281-286, 2008

_____. **Quando cada caso não é um caso:** pesquisa etnográfica e educação. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, 10: 58-78, 1999

_____. **O Exercício da Antropologia: enfrentando os desafios da atualidade.** In: *Ensaio de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além-fronteiras.* (org. Miriam Pillar Rossi, Antonella Tassinari, Carmen Rial). Florianópolis: ABA/Nova Letra. 209-230, 2006

FORTES, Paulo Antonio de Carvalho; RIBEIRO, Helena (org.). **Saúde Global.** Barueri; SP; Manole, 2014

FREI, Altieres Edegar. **Reinserções, inserções e deserções:** breves considerações sobre o uso de seus signos e algumas lorotas do trabalho cotidiano no “Propulsão”. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo: PUC-SP, n. 18, 2015

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989

_____. **Common Sense as a Cultural System.** In: Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology. New York: Basic Books, 2000

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª.ed. São Paulo: Atlas, 2008

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. **Towards transnational perspective on migration.** Annals of the New York Academy of Sciences, NY, vol.645, 1992

GOLDBERG, Alejandro; MARTIN, Denise; SILVEIRA, Cássio. **Imigração, refúgio e saúde: perspectivas de análise sociocultural.** Saúde Soc. São Paulo, v.27, n.1, p.26-36, 2015

GOLDMAN, M. **Alteridade e experiência: antropologia e experiência etnográfica.** Etnográfica, v.10, n.1, p. 161-173, 2006

GOMES, Charles P. **Os Estudos de Imigração: Sobre algumas implicações políticas do método.** In: NETO, Helio Povoá; FERREIRA, Ademir Pacelli. Cruzando Fronteiras Disciplinares: Panorama dos estudos migratórios. Disponível em:< <http://www.casaruibarbosa.gov.br>>

GUIMARÃES, J. L. C. **Abordagens teóricas sobre migrações.** 21 set. 2010. Disponível em: < <https://www.webartigos.com/artigos/abordagens-teoricas-sobre-migracoes/47805>>

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora.** in Arantes, Antonio (comp) Cidadania: Revista do Patrimônio Histórico Nacional, 24. Rio de Janeiro, 1996

HARBISON, S. F. **Family structure and family strategy in migration decision making.** Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries. Nova York: Pergamon Press, 1981

HARRIS, J. R. & TODARO, M. P. Migration, unemployment and development: a two sector analysis. In **American Migration Review.** vol.60 nº1, pg.126-142, march 1970.

HAYDU, Marcelo. **Refugiados congolese na cidade de São Paulo: processo migratório e itinerários terapêuticos.** 2017. Doutorado em Ciências Sociais. FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

HIRSCHMAN, A. **Crossing Boundaries: Selected Writings.** New York: Zone Books, 2001

HOBSBAWN, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780 – Programa, mito e realidade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984

HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 1995

IANNI, Octavio. **Sociedade global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo online, 2000.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

INGOLD, Tim. **Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem.** In: Conferência realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PIC RS. 13 outubro de 2011

_____. **“Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano”**. Ponto Urbe [Online], 3| 2008, posto online no dia 31 julho 2008, consultado no dia 14 maio 2016.
[URL: http://pontourbe.revues.org/1925/DOI:10400/pontourbe.1925](http://pontourbe.revues.org/1925/DOI:10400/pontourbe.1925)

JUNIOR, Caio Prado. **A Formação do Brasil Contemporâneo**. Brasiliense, 1964

KLEINMAN, A.; DASS, V.; LOCK, M. (Orgs.) **Social suffering**. Berkeley: University of California Press, 1997

_____. **What Really Matters: Living a Moral Life Amidst Uncertainty and Danger**. New York: Oxford University Press, 2006

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, Clyde. **Culture: a critical review of concepts and definitions**. New York: Random House, 1952

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo : Atlas 2003.

LAFER, Celso. **Relações Internacionais e Política Externa Brasileira**. Brasília: Funag, 2 vols, 2018

LANDER, Edgardo (comp.). **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. En La Colonialidad Del Saber: Eurocentrismo Y Ciencias Sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000. Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf; 20>

LEE, E. **A Theory of Migration**. Demography, vol.3, n.1, p.47-57, 1966

LEFEBVRE, Henry. **A produção do espaço**. 3ª Ed. Paris: Editionos Anthropos, 1986

LEVY, Maria Stella Ferreira. **O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972)**. Revista de Saúde Pública, 8 (supl.), 1974

LOPES, Cristiane M. S. **Direito de imigração: o Estatuto do Estrangeiro em uma perspectiva de direitos humanos**. Ed. Núria Fabris, 2010

MARTINS-BORGES L. **Migração involuntária como fator de risco á saúde mental**. REMHU. 2013; 21(40): 151-62

_____; POUCREAU, J. **Serviço de atendimento psicológico especializado aos imigrantes e refugiados: interface entre o social, a saúde e a clínica**. Estud Psicol (Campinas), 2012; 29(4): 577-85

MERHY, Emerson Elias. **A saúde pública como política, um estudo de formuladores de políticas**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1992

MILESI, Rosita; UCHOA, Virgilio Leite. **Migrantes: uma questão de Direitos Humanos**. Os fundamentos de uma nova agenda dos migrantes. Outubro de 2001. Disponível no site do Instituto Migrações e Direitos Humanos. Disponível em:

<http://www.migrante.org.br/IMDH/ControlConteudo.aspx?pubId=db961d05-51cb-430e-bfeb-44dfb8d09460&area=008305c1-4dae-4749-875b-5c615a85c760>

MINCER, J. **Family Migration Decisions**. The Journal of Political Economy, v. 86, n. 5, out/1978

MONKEN, Maurício; BARCELLOS, Christovam. **Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 17 out. 2012.

MORAES, I. A.; ANDRADE, C. A. A.; MATTOS, B. R. B. **A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios**. Revista Conjuntura Austral, vol. 4, n. 20, out.-nov. 2013

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES; Ministério Do Trabalho E Emprego. **Perfil migratório do Brasil**. Brasília: Comissão Nacional De População E Desenvolvimento, 2009

OROZCO, Manuel e Wilson, STEVEN R. **Para que lãs remesas produzam resultados**. In Terry, Donald F. e Wilson, Steven R. (Eds.) Remesas de Inmigrantes: Monade de cambio económico y social. Banco Interamericano de Desarrollo, Washington, D.C., 2004

PADILHA, Beatriz. **Saúde e migrações**: metodologia participativas como ferramentas de promoção da cidadania. Interface – Botucatu: vol.21, n. 61, abr./jun. 2017. Disponível em: www.scielo.org

PATARRA, Neide. **O Brasil, País De Imigração?** In E-metrópolis. n.9, ano 3, São Paulo: junho de 2012

PERIPLOS – Revista de Investigacion sobre Migraciones. **Dossiê: imigração haitiana no Brasil: estado das artes**. FELDMAN-BIANCO, Bela; CAVALCANTI, Leonardo (org.). Brasília: UNB, vol.1, n.1, 2017

PETRYNA, A. **Life Exposed: Biological Citizens after Chernobyl**. Princeton: Princeton University Press, 2002

_____; LAKOFF; KLEIMAN, (eds) **Global Pharmaceuticals: ethics, makets, practices**. Durham and London: Duke University Press, 2006

PINHO, Filipa. **Redes sociais no recrutamento de imigrantes**: fundamentos teóricos de uma proposta de explicação. Porto: Revista da Universidade de Letras da Universidade do Porto, vol. XXIX, p. 81-103, 2015

PUSSETTI, Chiara. **Biopolíticas da depressão nos imigrantes africanos**. Saude soc., vol. 18, n.4: São Paulo, out./dez. 2009. Disponível em: www.scielo.br

_____; BRAZZERBENI, Micol. **Sufrimento Social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo**. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 15 (3), p. 467-478, 2011

QUIJANO, A. **Colonialidad del poder y clasificación social**. Journal of world-systems research, 11 (2), 342-386, 2000

RABINOW, P. **Antropologia da Razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999

_____; ROSE, Nikolas. **O conceito de biopoder hoje**. Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais, n. 24. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFPB, p. 27-57, 2006

RAVENSTEIN, Ernest G. **The laws of migration**, Journal of the Royal Statistical Society, Vol. 48, Part II, pp. 167-227, 1885

RAVENSTEIN, E. G. **As leis da migração**. In: MOURA, H. A. (Org.). Migração interna: textos selecionados. Fortaleza: BNB, 1980.

REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político**. Trabalho apresentado na Mesa Redonda: Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a Migração. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia: Porto Seguro, Brasil, 1º a 04 de junho de 2008

RIBEIRA, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995

RICHARDSON, Roberto Jarry. Métodos Quantitativos e Qualitativos. In: **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2012. p. 70-89.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho, ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, C.R.J., GUAZZELLI, C.A.B. (org.). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: UNESP, 1994

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de Direitos Humanos**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e CAPINHA, Graça (Orgs). Identidades: estudos de cultura e poder. São Paulo: Hucitec, 2000

SANTOS, G. A. **Reconhecimento, utopia, distopia. Os sentidos das políticas de cotas raciais**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2012

SANTOS, Jaqueline Lima. **O vodu e a resistência negra no Haiti**. Geledes. Disponível em: <https://www.geledes.org.br>. Acesso em: 23 out. 2017

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, T. V. A. **Racismo Institucional e violação de direitos humanos no sistema de segurança pública: um estudo a partir do Estatuto da Igualdade Racial.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012

SASSEN, Saskia. **Las mujeres en la ciudad. Global: explotación y empoderamiento.** Disponível no site: http://www.lolapress.org/sass_s.htm. Acesso: 12 de outubro de 2012

SÃO PAULO COSMÓPOLIS. **Imigrantes em São Paulo: diagnóstico do atendimento à população imigrante no município e perfil dos imigrantes usuários de serviços públicos.** São Paulo Cosmópolis (org.) VENTURA, Deisy, GUIMARÃES, Feliciano Sá et AL (coord.). São Paulo: IRI-USP, 2017

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998

SASAKI, Elisa Massae e ASSIS, G.O. **Teorias das migrações internacionais.** XII Nacional da ABEP. Caxambu, 2000

SCHWARCZ, L. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil, 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007

SEVERO, Fabiana. **Entrevista.** São Paulo, maio 2008. Transcrição de áudio.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no brasil.** In Revista USP, São Paulo, n.53, p. 117-149, março/maio 2002

SILVA JR, M. **Direito de igualdade racial.** São Paulo: Juarez de Oliveira, 2002

SILVA, Milton Francisco da. **Haitianos no Brasil: uma leitura crítica da notícia no jornalismo impresso.** 2016. Disponível em: < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-21122016-125247/publico/2016_MiltonFranciscoDaSilva_VCorr.pdf>

SILVEIRA, F. A. **Da criminalidade do racismo.** Belo Horizonte: Del Rey, 2007

SIMMONS, A. B. **Explaining migration: theory at the crossroads.** Louvain : Université Catholic, p. 8-10, 1991

SINHORETTO, Jacqueline; SILVESTRE, Giane; SCHLITTLER, Maria Carolina. **Desigualdade racial e segurança pública em São Paulo: letalidade policial e prisões em flagrante.** Sumário Executivo. Desigualdade Racial E Segurança Pública Em São Paulo. São Carlos: UFSCAR, 02 abr. 2014. Disponível em: www.ufscar.br/gevac

SJAASTAD, Larry. **The Costs and Returns of Human Migration.** Journal of Political Economy, 70(4), Suplemento, Outubro, 1962

STARK, Oded; BLOOM, David E. **The new economics of labour migration,** in American Economic Review, vol. 75, pg.173-8, 1985

_____; TAYLOR, J. **Privação relativa e migração internacional.** *Demography*, vol. 26, 1ª.ed., p.1-14, 1989

TAYLOR, Alan J. **Coordenação para Desastres.** Disasters, vol. 10, 1ª ed., 1986.

TAYLOR, Charles. **A política de reconhecimento.** In: Argumentos Filosóficos. São Paulo: Loyola, 2000, p. 241-271.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira:** entre fatos e representações. Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 95 f.

TESSER, C. D. **Medicalização social (1): o excessivo sucesso do epistemicídio moderno na saúde.** Interface – Comunic., Saúde, Educ., v.10, n.19, p. 61-76, 2006

THEODORO, M. (org.) **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil.** Brasília: IPEA, 2008

THOMAZ, Omar Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião. **Europeus bem-vindos, haitianos barrados.** Folha de São Paulo, Opinião: São Paulo, 21 jan. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/>

THOMPSON, E. P. **Prefacio.** In La formación histórica de la clase obrera en Inglaterra, LACA, 1977

TODARO , Michael P. **A revisão econômica americana.** vol. 59, n ° 1, 1969

UEBEL, Roberto R. G. **A mudança da política externa brasileira para imigrantes e refugiados:** O Caso Da Imigração Haitiana No Início Do Século XXI. Santa Cruz do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Barbarói, Edição Especial n. 47, p.22-43, jan./jun. 2016

_____; PAULI, Rita I. P. **Elementos teórico-econômicos para análise de processos migratórios.** XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Disponível em: < <http://www.abep.org.br>>. Acesso em: 13 jun. 2017

VENTURA, Deyse. **Entrevista.** São Paulo, maio 2008. Transcrição de áudio.

_____; ILLES, Paulo. **Qual é a Política Migratória do Brasil?** Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1121>>. Acesso em: 10 maio 2012

_____. Entrevista **IHU On-Line sobre Anteprojeto de Lei de Migrações e Promoção dos Direitos dos Migrantes no Brasil.** Disponível em:> <http://www.ihu.unisinos.br>. Acesso em 30 out. 2014

_____. Mobilidade humana e saúde global. Revista USP:São Paulo, n. 107, p. 55-64, outubro/novembro/dezembro 2015

ZIONI, F. A. **Questão social na França contemporânea:** uma experiência de pesquisa. São Paulo: Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, n.19(2); p.237-248, 2009

WACQUANT, L. Scrutinizing the street: poverty, morality, and the pitfalls of urban ethnography. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 107, n. 6, p. 1468-532, May 2002

WEINTRAUB, Ana Cecília Andrade de Moraes; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa. **Contribuições do pensamento de Didier Fassin para uma análise crítica das políticas de saúde dirigidas a populações vulneráveis**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos: Rio de Janeiro, vol.20, n.3, p.1041-1055, jul.-set. 2013

WERNECK, N. **Em Defesa da Cultura**. Bertrand Brasil, 1988

WIKIPÉDIA. **Imigração haitiana no brasil**. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=imigração_haitiana_no_Brasil&oldid=46520531

ZANINI, Débora. **Técnicas Etnográficas**. Material apresentado no Social Analytics Summit, 2015. Disponível em: > <https://pt.slideshare.net>

ZIMMERMAN et al. **Migração e Saúde**: Uma Estrutura para a Formulação de Políticas do Século XXI. PLoS Med 8 (5) 2011. Disponível em:>. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1001034>

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIMENTO PARA OS ENTREVISTADOS

Eu, José Ailton Rodrigues dos Santos, aluno do Programa de Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-FSP/USP, sob orientação do Professor Dr. Rubens de Camargo Ferreira Adorno, do Departamento de Saúde Global e Sustentabilidade, pretendo desenvolver a pesquisa intitulada: IMIGRAÇÃO DOS HAITIANOS NO SÉCULO XXI NO CENTRO DA METRÓPOLE DE SÃO PAULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS HUMANAS que tem como objetivo averiguar a existência de uma política migratória nacional a partir de um estudo sobre o modo como vem se construindo, juridicamente, socioeconômica e culturalmente a (s), categoria(s) de sujeito (s) migrante(s) e sua repercussão no período proposto no Brasil.

Solicito por meio deste termo, o qual será elaborado em 2 (duas) vias devidamente assinadas pelo pesquisador, onde uma das vias será entregue ao participante da pesquisa e a outra ficará sob a guarda do pesquisador a sua autorização e colaboração para participar do estudo, respondendo a este questionário/entrevista que não necessitará de qualquer identificação de sua parte. Sua participação é livre e espontânea, responsabilizo-me por manter seus dados pessoais em sigilo, mas os resultados gerais obtidos na entrevista serão publicados. Você poderá recusar ou desistir a qualquer momento sem risco de qualquer prejuízo ou penalização. No entanto, a sua participação é muito importante e enriquecerá muito esse estudo. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais como: (exposição do entrevistado, nenhum tipo de prática clínica ou experimental) nenhum risco a sua integridade física ou moral. O risco mínimo que pode acontecer é o constrangimento do respondente diante de alguma pergunta que lhe cause desconforto. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12.

Obrigada desde já, qualquer que seja sua decisão. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP - FSPUSP.

Qualquer questão, dúvida, esclarecimento ou reclamação sobre os aspectos éticos dessa pesquisa, favor entrar em contato com o: Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP - Av. Dr. Arnaldo, 715, 2º andar, Cerqueira Cesar - SP, telefone (11) 3061-7779.

Ao final da pesquisa me comprometo a apresentar os resultados para os participantes.

José Ailton Rodrigues dos santos

APÊNDICE B

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Autorização

Eu, _____

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meus direitos de:

- 1- Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa;
- 2 - Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo;
- 3- Não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade
- 4- Procurar esclarecimento com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, no telefone 11 3061-7779 ou Av. Dr. Arnaldo, 715 - Cerqueira César, São Paulo, - SP, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos. Declaro estar ciente do exposto e aceito participar da pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

Nome do participante

Assinatura do participante: _____

Eu, José Ailton Rodrigues dos Santos, declaro que forneci todas as informações referentes à pesquisa para o participante.

Assinatura do pesquisador _____

Data ____/____/____

Qualquer dúvida entrar em contato com:

José Ailton Rodrigues dos Santos(11) 99758-7111 ou e-mail jailton@usp.br ou No Comitê de Ética e Pesquisa (COEP) pelo email: coep@fsp.usp.br.

APÊNDICE C

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Imigração dos Haitianos no Século XXI no Centro da Metrópole de São Paulo e suas Consequências Humanas.

Pesquisador: José Aílton Rodrigues dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83212518.5.0000.5421

Instituição Proponente: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - FSP/USP

Patrocinador Principal: Capes Coordenação Aperf Pessoal Nivel Superior

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.865.521

Apresentação do Projeto:

Inalterado.

Em síntese, a metodologia seguirá essas etapas: 5.1.1 Documental: aqui entram documentos oficiais de órgão de governo, instituições nacionais e internacionais além de ONGs, pastorais e grupos de apoio que de algum modo atuam com o grupo objeto de pesquisa (migrantes, haitianos, refugiados etc); Uma análise documental será um desses eixos a ser analisados. Ainda, essa pesquisa comporta uma profunda investigação da legislação brasileira como também, do marco normativo internacional sobre mobilidade

humana, especialmente aquela que perfaz o caso haitiano, identificado com o refúgio humanitário ou a migração forçada, além das manifestações por via de decreto e discurso oficial do Estado brasileiro a respeito da questão. 5.1.2. Bibliográfico: dedicado especificamente ao levantamento de teses, dissertações e pesquisas e objetiva mapear o universo conceitual e factual construído e analisado até o momento; 5.1.3 Sóciométrico; quem são, quantos são, homens, mulheres, crianças, porque vieram, como vieram, por onde vieram etc. Pressupõe a aplicação de algum tipo de instrumental de pesquisa (questionário); 5.1.4. Etnográfico; a partir dos perfis levantados na instância sociométrica realizar entrevistas, conversas, vivências com o grupo escolhido; 5.1.5 Entrevistas com autoridades, lideranças, dirigentes e haitianos”.

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715

Bairro: Cerqueira Cesar

CEP: 01.246-904

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3061-7779

Fax: (11)3061-7779

E-mail: coep@fsp.usp.br

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

Continuação do Parecer: 2.865.521

Objetivo da Pesquisa:

Inalterados.

Objetivo Geral

Averiguar a existência de uma política migratória nacional a partir de um estudo sobre o modo como vem se construindo, juridicamente, socioeconômica e culturalmente a (s), categoria(s) de sujeito (s) migrante(s) e sua repercussão no período proposto no Brasil.

Objetivos específicos

- 1) Analisar a legislação brasileira em relação aos imigrantes e a realidade à qual o Brasil se confronta ao fazer parte, hoje, de uma relevante rota de destino de imigração, em especial, dos haitianos no município de São Paulo;
- 2) Fazer um Mapeamento dessa rota migratória relacionando os principais destinos escolhidos no contexto da cidade de São Paulo para entender a dinâmica deste processo migratório;
- 3) Pretende-se ainda, percorrer todas as iniciativas governamentais nos três âmbitos em função de sua complexidade como também a construção de meios de inclusão desse povo, em se tratando de criar recursos para habitação, trabalho, saúde e educação e integrá-los na sociedade municipal.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Inalterados.

Riscos:

O presente projeto pode apresentar risco de grau mínimo ao entrevistado em não querer responder as

perguntas, por se sentir desconfortável.

Benefícios:

O presente projeto poderá contribuir com fomento de políticas públicas na temática apresentada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de anuência foram apresentados e o termo de consentimento livre e esclarecido foi corrigido em atendimento à pendências levantadas em parecer anterior.

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715

Bairro: Cerqueira Cesar

CEP: 01.246-904

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3061-7779

Fax: (11)3061-7779

E-mail: coep@fsp.usp.br

USP - FACULDADE DE SAÚDE
PÚBLICA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - FSP/USP

Continuação do Parecer: 2.865.521

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_965685.pdf	08/05/2018 15:14:14		Aceito
Outros	resposta.docx	08/05/2018 15:13:39	José Aílton Rodrigues dos Santos	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	08/05/2018 15:09:52	José Aílton Rodrigues dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.doc	06/02/2018 16:59:25	José Aílton Rodrigues dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	Rosto.pdf	06/02/2018 16:37:50	José Aílton Rodrigues dos Santos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 31 de Agosto de 2018

Assinado por:

José Leopoldo Ferreira Antunes

(Coordenador)

Endereço: Av. Doutor Arnaldo, 715

Bairro: Cerqueira Cesar

CEP: 01.246-904

UF: SP

Município: SAO PAULO

Telefone: (11)3061-7779

Fax: (11)3061-7779

E-mail: coep@fsp.usp.br

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA

Dra. Fabiana Severo

A educação formal. E outros migrantes de outros países africanos pobres, e aí sem mesma qualificação e estudo e etc., que em geral os haitianos tem, e que vieram para o Brasil agora no Século 21 depois que começou abrir mais, com o Cemig com o refúgio, com a solicitação de refúgio, com a acolhida humanitária e tudo mais.

São pessoas que não têm a qualificação, mas, que também tem muito a contribuir no seu talento e também é um talento desperdiçado, porque às vezes, e essa é outra armadilha, dessa visão universalista, racista, é outra armadilha achar que é só pela educação formal que se consegue algo de bom para o desenvolvimento humano e social etc., da sociedade onde a gente vive, tem vários exemplos de pessoas que estudaram tanto e que não serve pra nada socialmente, o que quero dizer é que também não colocaria num patamar superior o haitiano que só porque estudou em relação ao haitiano que só porque estudou em relação ao angolano, nigeriano, que não teve o mesmo, colocando as linhas gerais, não assim eu acho que a gente o talento humano e a potencialidade do ser humano, a complexidade é muito maior que isso.

Não tá na educação formal. Mas por outro lado como você falou, quando a gente olha na população, no Brasil em especial, como é o caso ali na Missão Paz, Baixo Glicério, vejo, por exemplo, homens pretos de 18 a 40 anos em média, muitos com formação, essa que você chama de educação formal e outros com talentos mas naquele momento ali mas o olhar do outro é como se fossem só homens pretos, então nesse sentido que eu queria que você se pudesse explorar um pouquinho, sabedor disso coma que a sociedade, tá assim, nós temos as questões internas que já estão ultrapassando as fronteiras nesse caso para, como que a gente poderia Incluir, e ter um outro olhar

Bom, aí vou falar um pouco da minha perspectiva que é a perspectiva do direito, que afinal de contas é o que eu estudei e onde eu trabalho, um direito e provavelmente sob outra perspectiva, outras perspectivas, das outras áreas do conhecimento. Talvez seja até tenha resultados até mais concretos, mas eu acredito que do ponto de vista jurídico exista uma contribuição também, quer dizer a gente começa a ter no fim no começo do século 21 tratados internacionais e uma normatização é infralegal, como um Conselho Nacional de Imigração em razão de um determinado governo, que é um governo Popular, com uma abertura para essa nova, essa nova geografia humana, esse novo fluxo migratório que não é só do europeu rico, do empresário europeu etc., a gente começa a ter outro outra abertura migratória e normativa em termos de regularização migratória é a gente passa a partir de 2014 a ter outro olhar para o Instituto outra forma mais ampliativa do Instituto do Refúgio que na própria lei do Refúgio prevê também o recurso poderá ser realizada pelos direitos humanos e a gente finalmente aprova uma nova lei de migração foi apresentada e aprovada com um outro viés diferente da segurança pública da segurança nacional mas sim o viés humanista de Direito, de Direitos Humanos e com todo repúdio ao racismo e xenofobia etc e é uma lei melhor do que a anterior e que eu até vejo sim eu entendo e participo do grupo todo que se frustrou com todos os vetos e mais do que com os vetos com a regulamentação da Lei pelo decreto 9199 e suas portarias que não ficaram muito aquém do que o que dá do que a potência do que a lei que potencialmente poderia não surtir efeito.

Dra. Bella Feldman

Você é professora, pesquisadora e felizmente uma ativista que nos apoia sempre, então de uma forma geral você tem a visão da academia, a visão do pesquisador e também tem a visão do ativismo, nesse momento as dificuldades, por exemplo, nós vamos falar de racismo, de xenofobia, nós vamos falar um pouco da lei da migração, então eu gostaria de pontuar um pouco, a imigração de uma forma geral e seguir a sugestão do local para o global, porque mesmo que tenham surgido os primeiros livros lá pelo final do século 19 e se a gente considerar uns 70 anos de uma literatura da imigração e aí depois de 45, etc. Então seria um bate-papo para que a senhora pudesse ficar extremamente à vontade. Imigração no contexto contemporâneo, imigração no Brasil, quais as dificuldades na condição de pesquisadora, de professora, e de ativismo

Vou começar a falar a partir da minha experiência em estudar imigração. Eu comecei a trabalhar com migração meio sem querer, por acaso, eu estava um fazendo pós-doutorado nos Estados Unidos, Universidade de Yale em História e um amigo meu me dizia tinha uma um concurso para professor visitante pra uma cátedra numa universidade que é University of Massachusetts, tudo no campus da Universidade de Massachusetts que antes até tinha outro nome, eu não ia me inscrever mas ele me ligava todos os dias que eu acabei fazendo, me inscrevendo mas já estava na Unicamp, eu fui realmente pra fazer um pós doutorado em movimentos sociais muito com essa perspectiva da história, de trabalho e tal, e estava muito interessada naquela época em histórias orais, essa coisa toda e eu fui fazer a tal da entrevista e acabaram me oferecendo um trabalho, então foi era assim já começa que era uma questão política a questão migratória e eles estavam procurando alguém porque a Universidade fica numa região onde tem o maior número de imigrantes portugueses, esses migrantes portugueses vão para lá desde a época das Baleias porque que a cidade inclusive onde eu fiz a pesquisa é a cidade New Bedford, cidade que foi contada pelo Mel Gibson e o que ele fala ele fala dos portugueses, açorianos principalmente e dos cabo-verdianos que eram os baleeiros que trabalhavam essas indústrias baleeiras e desde aquela época do século 17 que eles vão para lá, depois foram trabalhar nas indústrias ou havia tido um estupro de gangue naquela região e todos os envolvidos eram portugueses e descendentes de portugueses, açorianos principalmente os que estavam sendo acusados de estupradores, que foi até a base de um filme, mas sem a questão étnica, A Acusada, não sei se você viu a Acusada com a Jodie Foster? Eu tenho até um artigo sobre isso. E a base do meu livro esse estupro, é a partir do estupro, mas não tem a dimensão étnica, porque até teve um acordo entre os portugueses, a prefeitura, porque a cidade acabou sendo conhecida como a cidade do estupro português, qualquer coisa assim, era cidade baleeira, na cidade industrial como cidade decadente era a cidade dos estupradores portugueses, eu quando fui lá, fiz a entrevista e tal, o pessoal gostou muito de mim, porque eu não estava procurando emprego, estava muito à vontade, aí eu fui visitar o bairro português, eles me levaram, e fui conhecer um lugar chamado Casa da Saudade, que era uma biblioteca, etc, eu sou filha de imigrantes, neta de migrantes e eu morei na minha infância e parte da adolescência no Bom Retiro, quando eu cheguei lá era parecido, me lembrou muito o Bom Retiro, se bem que lá tem porto, , pescadores, tem indústria, então foi assim a minha experiência na época que fui fazer esse pós doutorado eu estava muito dividida, porque eu tinha passado 10 anos durante a ditadura nos Estados Unidos, fui estudar antropologia

Foi uma opção, professora?

Foi o seguinte, primeiro fui acompanhando o Marido porque a coisa estava feia aqui e ele tinha recebido um convite, mas depois a gente não podia voltar, porque naquela época quem

era preso falava das pessoas que estavam fora do Brasil quando tinha que denunciar alguém, então por aqui tinha um processo, etc, acabei ficando 10 anos e voltei por razões políticas, a gente queria voltar, inclusive o Vlado Herzog era muito meu amigo, ele e a Clarice, e ele esteve em casa, eles o casal no verão do ano que ele foi morto, que foi em 1975, ele esteve no verão americano que era julho, sei lá e ele foi morto assassinado em outubro e ele dizia para mim nessa época, você tem que voltar para o Brasil, o que você tá fazendo aqui? Então é um pouco assim, eu também tinha essa responsabilidade política era muito ativa lá na luta contra o terror no Brasil, foi nessa circunstância que eu fui fazer um pós doutorado numa época que eu estava tão dividida, eu não sabia se queria ficar aqui se queria ficar lá, porque eu vim aqui e deixei minha vida lá depois de 10 anos, então foi nesse contexto que eu falei, poxa, vou estudar migração, migração portuguesa. Veja, quando eu comecei eu já fui contratada no meio, que eles queriam, que era uma reivindicação das lideranças portuguesas, aliás até dos comerciantes, da elite com dinheiro, que queria que a universidade tivesse estudos portugueses, porque não tinha, tinha um centro horrível lá e de fato eles gostariam muito que contratassem um açoriano, um português e contrataram uma brasileira. Eu já entrei nessa missão de fazer um milagre a missão de envolver os estudantes e os professores da área de Ciências Sociais, história, etc, em algum projeto. Foi aí que eu inventei um projeto de história oral que tinha já na universidade pessoas e fazendo história oral, inclusive ao nível da comunidade, não da comunidade Portuguesa, e grande parte dos alunos era de descendentes de portugueses e cabo-verdianos, então eu comecei montar um projeto de história oral e também fazer pesquisa, estava fazendo pesquisa, inclusive eu estava pensando em encerrar nesse estupro, mas eu não podia falar do estupro, porque senão ia criar mais complicação é muito complicado era um tabu, as pessoas falavam pra mim, faziam pesquisas mas era mas, de fato a coisa que chamou muito a atenção naquela época, primeiro que eu tinha grandes conflitos numa época em que o que a causa dos conflitos realmente quando começou o pluralismo cultural.

Essa época, quer dizer, eu fui pra lá no final de 80/86/87, mas desde da década de 70, eles estavam mudando para o que eles chamava culturalismo, pluralismo cultural, depois virou multiculturalismo, o que era também que eles não conseguiram assimilação era um processo de americanização, mas realmente naquele momento tinha também os países de migração estavam mudando a imaginação da nação, ou então mesmo até na Europa, não só por retóricas, mas também por leis, quando começa também a época que começa a coisa da comunidade europeia e também os muros, começam os muros, mas também muitos imigrantes tem direito a dupla nacionalidade, que foi o caso dos portugueses, outros não tinham retóricas, os haitianos, por exemplo, tem a retorica de que todos fazem parte da nação, mas não tem as leis que eles possam ter dupla cidadania.

Uma pergunta professora, porque os portugueses conseguiram a cidadania?

Não foi por causa da mobilização deles apesar de existir há muitos anos, inclusive no próprio Eça de Queiroz, uso até num artigo, ele foi diplomata e foi fazer um tour, visitar as comunidades portuguesas, que eram umas colônias, e ele era a favor, o que era uma grande discussão em Portugal sempre, como é que é, o que a gente faz com esses imigrantes, tinha uma proibição eles saírem, eles queriam dinheiro, remessas mas tinha uma proibição, as muralhas eram para sair não para entrar e ele dizia, questão internacional, não mas tudo que eles podem fazer de bem, como era importante ter a imigração até, e a discussão era, nós estamos sendo substituído, a migração era substituição, não era, mas era como era visto esse também queria umas remessas as pessoas saíam mas não as famílias inteiras então era uma outra política quando Portugal fica independente e aí o Mario Soares acaba tendo a liderança e entra na comunidade europeia foi um período em que mudanças na Europa como um todo então que passou a predominar foram as raízes de sangue os laços de sangue então para você ser português, pra você ser italiano, não é quem nasce e tem a cidadania, a nacionalidade, é quem é relacionado com os laços de sangue tanto é que tem muitos conflitos, agora tem

conflitos por causa disso em Portugal então a forma de quem é português, de quem é italiano, de quem é alemão, acho que a Alemanha já mudou um pouco também era por laços de sangue e parentescos e não de onde você nasce entendeu, então foi isso que aconteceu mas também com a revolução teve realmente uma questão da inclusão e isso era dos Migrantes por muito tempo eu tenho assim, já usei até artigos nós que nós temos essa nação e nós fazemos parte dessa nação que mãe é essa ruim, que não usa nada disso etc, uma coisa que estava lá e só mudou por causa da revolução, perderam as colônias, eram muito importantes então e de certa forma aparecer a minha primeira impressão no campo era que os emigrantes tinham substituído as colônias porque a forma de pensar Portugal é sempre a forma do Portugal no mundo, então é isso tinha uma questão política lá porque na questão de grande xenofobia contra os portugueses na questão do estupro o que aconteceu era que as mulheres feministas logo se mobilizaram, eles tinham criado uma casa uma casa que é contra violência contra mulher e estava sendo inaugurada quando aconteceu isso e de fato a vítima foi perto da casa, e aí logo eles fizeram uma mobilização, marcha de candelabros a noite com as grandes lideranças feministas americanas Glória Stein, e aí os portugueses estavam reagindo contra o racismo e as mulheres estavam interpretando os portugueses eram machistas e as feministas estavam contra violência da mulher e eles achavam que era racismo, então foi uma história complicada isso não aconteceu só entre portugueses e feministas mas aconteceu nessa época isso 83 mas se você pensar naquele filme do Spike Lee, faça a coisa certa, é isso que ele está retratando, lembra que explode tudo? então era o momento que mudou de políticas e o próprio pluralismo cultural estava dividindo em vez de somar, tem esse filme, e tem o acusada que não tem a questão étnica, o Spike Lee pega na questão étnica, na ferida certa, é um grande filme porque ele mostra essa tensão, tem muito essa intenção, estudando esses conflitos étnicos e raciais e ao mesmo tempo no que me chamou atenção naquela época era a importância do passado no presente, o que eu sentia a minha criação do campo era assim o pessoal vinha uma grande parte trabalhava fiz um documentário mostra depois todos os símbolos portugueses tanto símbolo das descobertas tinha por exemplo, tinha o monumento do príncipe infante Dom Henrique e As Caravelas, em toda parte tinha Caravelas nos bairros portugueses, mas ao mesmo tempo o que eu comecei a perceber e a história oral também foi muito importante, o pessoal que vinha do campo eles trabalhavam na fábrica, oito horas, um turno de trabalho, você vai ver no filme, quando eles chegavam em casa eles iam trabalhar na horta, mas a horta era uma reelaboração deles como pessoa, então a casa deles tinha parte que era portuguesa e outra parte que era americana, O consumo era americano. Então eu comecei a trabalhar com a construção cultural da saudade, social da saudade, não a saudade como sentimento, mas a saudade, qual é o significado dos termos... Qual era a importância do tempo anterior da imigração na vida cotidiana desses portugueses então isso, por outro lado também tinha a questão da Nação o que que é isso mas é muito interessante, e o vídeo mostra isso, que era o rural em relação ao trabalho a disciplina do trabalho Industrial, ele chegava em casa eles iam ser camponeses, mas eles se falavam com a forma êmica, e que eles estavam/estou reelaborando minha identidade Açoriana, madeirense, até a regional, entende, então essas eram as problemáticas, de um lado a problemática da xenofobia, os conflitos entre os diversos grupos que estavam acontecendo, porque a etnografia você pega um momento também, e por outro lado essa questão, quer dizer a saudade, a produção da saudade, produção cultural da saudade, , e os vários níveis da saudade, os vários níveis de tempo e espaço, sabe é tempo e espaço que eu trabalhava, a produção do tempo e do espaço também, , estás são as questões, e de fato, uma nação global, uma nação dispersa pelo, então o que a gente estava trabalhando naquela época, nos finais da década de 80 começo de 90, as pessoas estavam descobrindo o transnacional, porque antigamente os estudos migratórios eram só estudos que estudavam só no migrante, no local da imigração, então era uma coisa do gueto, estudar o gueto, estudar, se falava que as raízes, estava sem raiz, não era isso, e o que a gente estava observando era que não eram as conexões,

os laços, então era isso que estava, inclusive nos Estados Unidos, isso que estava chamando nossa atenção, essas relações esses campos de sociabilidade, por exemplo, nos casos desse meus amigos que trabalhavam fazendo não sei quantas camisas, não eram camisas, eram as golas, ou fazendo a manga da camisa, e isso tá, eu tenho filmado no filme que chama a Saudade, incrível sabe, é tem um relógio e tem um relógio e um calendário, eles fazem a produção e depois vão pra casa reconstruir o Portugal deles, isso sempre aconteceu em vários contingentes imigrantes, aqueles que chegam, isso também da conflito na casa, dos filhos mais novos, filhos mais velhos, essa questão, por exemplo esse pessoal eles traziam a sementes, mandavam dos açores ou da madeira pro continente, então tinha uma relação sensacional, tinham os baús, aquela coisa toda, então nós estávamos vivendo, tinha raízes, , essa era a questão, então a questão não eram as fronteiras, quer dizer fronteiras sim, fronteiras entre a austeridade, fronteiras entre feminismo e machismo, mas não as fronteiras territoriais, não era essa a questão. Minha pesquisa tinha conflitos, mas era muito lúdica, era a produção do tempo/ espaço. Quando voltei ao Brasil a Emília me falou você tem que fazer um pouquinho de comparação dos portugueses em São Paulo, porque pode-se dar um samba legal. Daí eu comecei uma pesquisa inicial com alunos daí eu descobri que tinha havido conflitos, voltei em 92, mas foi mais tarde, demorou um pouquinho pra começar, estava trabalhando só nós estados americanos, aí eu descobri que em 96 que tinha havia conflitos diplomáticos entre Brasil e Portugal porque naquela época já estava começando a imigração brasileira para Portugal, não só conflito por causa de dentista, mas foi o primeiro caso de deportação de brasileiro e caboverdianos de Portugal, porque mudou a lei do estrangeiro em Portugal e quem é que eles estavam deportando? As mulatinhas de mini saia que os diplomatas, o embaixador português no Brasil..., então isso me deu um conflito, porque mulatinha, desempregado, vagabundo e mulatinha... a questão racial presente, então eu comecei... o que tá acontecendo lá, e eu comecei minha pesquisa virou uma pesquisa triangular, porque eu comecei ver o que estava acontecendo esses conflitos diplomáticos, aí começa a fronteira, e daí eu estudei movimentos sociais, porque eu estudei o movimento social que a tela a Casa do Brasil em Lisboa, quer dizer a diretoria, eles foram, essa Casa do Brasil, virou uma casa do Brasil, na eleição que o Collor ganhou do Lula, e aí logo depois teve essa deportação, e eles viraram... e era um grupo que era formado por exilados brasileiros e antigos exilados portugueses que tinham vivido no Brasil, inclusive quem estava muito liderando lá, é aquele padre Alípio, sabe o Alípio?. Conheci muito o Alípio, ele morreu faz pouco tempo, Alípio porque, esse pessoal tinha contato com Agostinho Santos, aí eu comecei e eles estavam na ponta, inclusive se mobilizando junto a maior parte dos Imigrantes eram as colônias portuguesas naquela época, aliás um grande número eram de caboverdianos, angolanos e tinham brasileiros também, que era bem diferente aquela migração, porque era a migração do tempo dos dentistas, dos profissionais, que foram pra lá porque Portugal entrou na comunidade europeia e eles estavam precisando de profissionais brasileiros e foram também os exilados aquele roteiro que vai para Argentina da Argentina para o Chile para Portugal, onde tinha possibilidade de fazer alguma coisa, e aí esse movimento que comecei a estudar era assim bem diferente, questões dos africanos e as questões dos brasileiros que estavam lá, mas o que uniu foi a questão da deportação, inclusive eu ajudei eles a criar o primeiro, organizarem o primeiro seminário de imigração brasileira, que foi em 97, e foi a primeira vez que foi um seminário que juntou gente do governo, imigrantes e academia, e aí estava realmente a irmã Rosita já foi convidada, a Maia que era amiga do pessoal da Casa do Brasil então a gente fez a, convidei Elza, vários amigos, primeira vez, eu lembro que naquela época, a gente queria chamar o seminário de Primeiro seminário da diáspora brasileira, o pessoal que estava lá da academia lascou que diáspora brasileira, do que vocês estão falando? Não. E os portugueses usam o termo diáspora emicamente.

Então foi um movimento que se tornou global e a partir desse movimento, a partir inclusive da quem ficou muito envolvido, além da irmã Rosita, foi nosso amigo, ex padre da

missão Paz, maravilhoso, ele é do Grito dos Excluídos, como é o nome dele? O Luiz, era padre gordinho, ele era padre e era gordinho, e ele que era mais radical, e aí a questão dos imigrantes brasileiros estava muito complicada tinha muita prisão de brasileiros nos Estados Unidos, então começaram várias reuniões, várias reuniões em vários lugares, eu tenho um artigo, e aí nesse âmbito, teve até a morte de Jean Charles, foi nesse âmbito que o Luiz e o pessoal, a grande liderança foi o Luiz, fez o primeiro fórum Social Mundial das migrações, foi em 2004/2005 é nesse contexto dessa luta na luta dos brasileiros no exterior.

O fórum social mundial das imigrações que ele foi a primeira organização, quer dizer, foi no seio do fórum social mundial de um lado, que era o pessoal que ia pro fórum social, mas que dada a situação dos imigrantes naquela época e que começou a ficar um problema, quer dizer, foi quando depois de 2001 principalmente, mas foi quando o imigrante, houve uma mudança, antigamente o inimigo era o comunista, o imigrante comunista, o migrante era racista, o imigrante era socialista, e aí depois de 2001 era a guerra contra o terror e contrabando, e tudo isso, então assim quando houve uma criminalização da migração e uma judicialização que não era contra, aí o que eu mostro agora ultimamente, que realmente o que eu estudo em migração a gente pode ver também na cidade, quem é assassinado na periferia, na favela, são os jovens negros, é a mesma criminalização.

Então é isso que essa mudança mais visível, quer dizer na época que eu comecei a estudar migração tinha muita xenofobia, muito racismo que era uma época nos Estados Unidos, uma época de emigração, de grande imigração, quando abriram as portas para migração na década de 60 e na década de 70. Então lá tinha muito migrante novo, então sempre a renovação traz outro e o outro é sempre o inimigo, então ainda mais teve esse essa história aí de do caso, dessa região onde eu faço pesquisa, do estupro de gangue, imagina o prato, então foi mas tinha muito caso estupro por exemplo, um conflito grande em Nova York porque uma mulher foi estuprada por um negro, então virou um grande, ou pelo menos acusava, então foi um grande, mesma coisa que aconteceu lá onde eu estava estudando, o Spike Lee pega isso muito bem, mas estava acontecendo muito isso, a mudança de políticas também estava levando a isso, veja tem o movimento Black Power, quer dizer muita coisa acontecendo, e inclusive essa questão do pluralismo cultural, é exatamente para medidas paternalistas quer dizer dar recursos de fato para calar a boca e é contra inclusive o multiculturalismo negro contra o que foi o movimento de direitos civis.

Quer dizer o movimento multiculturalismo foi utilizado de uma forma...

Exatamente uma forma de dividir para controlar. Foi uma reelaboração do que as minorias queriam. Exatamente foi o de fato que a gente percebe no campo, aí a problemática muda.

Uma curiosidade professora, esse pluralismo cultural praticado nos Estados Unidos, poderia dizer que ele também serviu de modelo para essa divisão em outros

Ah não porque no neoliberalismo ele se torna multiculturalismo, já era, e o multiculturalismo também é exportado como essa política essa, política de criminalização é produzida pelas o OIN da vida, pelas organizações internacionais, você vê, até se você está acompanhado o pacto global das migrações? De um lado, proteção aos Imigrantes, do outro lado proteção às fronteiras, “puta merda” nada não dá certo, esse é o jogo: proteção da família, aí eu falei palavrão...

Então essa mudança que hoje se vê no mundo que, por exemplo, da lei que foi aprovada recentemente - essa lei é uma demanda dos movimentos sociais a revogação com os movimentos sociais então tem uma relação os movimentos sociais dos brasileiros no exterior e dos movimentos aqui que de fato aqui até saiu Fórum Social Mundial das migrações e também isso ativou a questão da mobilização aqui dos Imigrantes a partir daí, por exemplo, por causa do Fórum Social Mundial das migrações começa a marcha dos Imigrantes. Paulo Iris tem uma entrevista que mostra que isso começou nessa décima primeira, a primeira marcha foi pouca

gente, deram umas voltinhas, depois foi aumentando, aí eles foram pegava assim no centro da cidade, onde tinha a prefeitura e não sei o que, agora ela tá na Paulista, eles ocupam a Paulista, né, aí recrudescem também os movimentos sociais no Brasil, tanto é que começa também mais ou menos em 2006, que é a luta pela coordenação, a coordenação dos imigrantes - que foi a primeira municipal, em 2013 – exatamente, mas você vê que é movimentos sociais que tão demandando novas leis, que estão demandando, junta os brasileiros do exterior e os imigrantes daqui – *então assim professora, em última instância eu poderia dizer, o Fórum Social decorreu dessa conjunção em Portugal?* Começa em Portugal mas acaba sendo global, que você tem reuniões, eu tenho um artigo que saiu no livro que eu organizei, que tá online, um texto autorizado mas pequeno que é uma sinopse desse... eu já falo um pouco dessa articulação, você vai ver que começa em Portugal 1997, depois tem em 2002, um outro em Portugal, acho que foi organizado pela procuradoria lá de Brasília, porque as coisas estavam ficando muito feias, que os migrantes brasileiros foram grandes, que saiu a carta de Lisboa, que é realmente uma carta que nos fornecem subsídios para políticas, carta de Lisboa é um documento, então depois houve 2005 nos Estados Unidos, também fez, aí as questões de lá inclusive, porque teve muita deportação, muita gente presa e tinha um inquérito na Câmara dos Deputados que foram para lá, foi o Kennedy para lá, então tinha a carta de Boston, depois tem a carta não sei da de Madrid, depois tem a carta lá da Bélgica também, que é um seminário que a irmã Rosita organizou, ela conseguiu uma verba, ela e aquele que foi o deputado pelo PT e agora é do PSol, era ótimo ele, Valente, não ele era lá de Guarulhos, ele é do mesmo Instituto da irmã Rosita, ele foi um deputado ótimo, porque ele estava em 2002 no ibérico, Primeiro Seminário Ibérico, e aí teve vários, e a coisa foi crescendo, porque estava acontecendo problemas em todo lugar, você viu na Inglaterra mataram o Jean Charles, na Espanha e cada dia eu estava pegando não sei, gente, inclusive estudantes da Fapesp então era um momento muito complicado, então acabou sendo um momento eu acho que a igreja ajudou muito inclusive o fórum Social Mundial das migrações porque começou falar em redes começou a falar sabe, então foi uma coisa, o que acontece é que a casa do Brasil lá em Lisboa estava muito bem localizada pra fazer isso, inclusive estava muito perto do Poder. O Alípio tinha contato direto com toda história, quer dizer Agostinho dos Santos da Silva, ele que aquela coisa toda de profeta... leia meu artigo que acho que você vai gostar. Entende, então foi uma coisa que se tornou global, não era só Portugal, ficou um movimento bem forte, e de fato, Lula, a era Lula, com a carta dele pros que moram longe, eles de fatos conseguiram implementar políticas, até na época do Celso Amorim, mas ele também cooptou sabe, cooptou no final, até 2010 foi um movimento brilhante, depois foi cooptado, aí depois eu não estudei mais, , parei nessa coisa, mas agora quando eu voltei de Portugal, voltei agora, , tem um grupo de estudantes Andorinhas, maravilhoso, de estudantes brasileiros, muito interessante, falei na ocasião, participei de um debate na Casa do Brasil, eles fizeram junto com esse grupo coletivo Andorinhas e também o pessoal da universidade, foi interessante, sobre direitos humanos, violência, direitos humanos, minorias, não sei se eles gravaram ou não, mas foi bem interessante, eles continuam lá firmes, mas antigamente, quer dizer, primeiro era uma migração pra Portugal de profissionais qualificados, aí começaram, Valadares, o pessoal de nível mais baixo, foi aí que deportaram a mulatinha de mini saia, você vai pra Portugal lembro que paravam as mulatinhas, mas não paravam a mim, , paravam os negros, mas não paravam a mim, então é isso, qualquer lugar da Europa paravam quem não era tão branco, mudou , o negócio da fronteira, da criminalização do migrante, principalmente aquele em situação documentada, nos Estados Unidos qualquer um é, pode ser documentado, se faz alguma coisa, desde de 96, uma coisa maluca lá. Antes de 2001 já deportavam muito, daí então, os movimentos sociais é que negociaram essa nova lei, movimento social orienta políticas públicas, luta, exatamente, então, lutando por coordenação, por novas políticas, tinha vários anti projetos de lei, começa pelo Lula, tem do Aloisio e tem dos especialistas, de qualquer forma, foi uma negociação essa nova lei, e nós da ABA??? Criticamos sempre essa

nova lei, sim tinham dados os direitos humanos e os migrantes como sujeitos de direito, mas tinha sempre ao lado de criminalização, deportação de não sei o que. A medida, mesmo que a lei seja num momento parecia aqui na América Latina é uma outra situação, apesar dos criticar muito a Argentina, mas é uma lei voltada pra direitos humanos, no Brasil essa lei é voltada pra direitos humanos, mas ao mesmo tempo, as organizações, o Brasil por exemplo, assinou a lei do tráfego de pessoas, que de fato tem tráfego, mas o que também tá criminalizando é muito estratégia de migrante, a lei ante terrorismo, a lei das fronteiras, e aí, por aí vem também uma criminalização, entendeu, da mesma coisas como tem as criminalizações das UPEs e tal, também é política Global, política global nas favelas, nas periferias, então de um lado parece que a lei ela uma lei que pelo menos acabou com o estatuto do estrangeiro agora que a regulamentação está uma merda, - *esses vetos que aconteceram?* Os vetos aconteceram, inclusive eu artigos que são importantes, tira Anistia mas agora a pessoa está tentando conseguir anistia, tirar aquela questão dos indígenas, que tem uma outra concepção, várias coisas que tiraram da lei e agora o pior é o projeto é a questão da regulamentação porque a regulamentação traz de volta o estatuto do estrangeiro, então é complicado, nós estamos numa situação complicada, agora tem uma coisa, o Brasil ainda não deporta, tem até aqueles nos aeroportos gente que fica lá retida, nos corredores, mas em comparação as outras, os outros países da Europa, por exemplo, aqui exemplo quando você pega o caso dos haitianos, mesmo dos venezuelanos, criar um visto humanitário no caso do haitiano, também o Brasil estava lá, criar um visto humanitário, no começo até pode ser deportado um outro haitiano, mas política aqui é documentar para controlar, então não se manda embora, se controla, se dá os documentos, mas você sabe onde a pessoa tá sabe tudo, é a mesma coisa que eles estão fazendo com os venezuelanos, não é que não tem a violência tem muita violência, você lembra que os haitianos eram despachados para casa, os venezuelanos também, então de certa forma, primeiro aqui houve um golpe parlamentar, como como você quiser chamar, a prisão do Lula, o que acontece tem um que que a Dilma era horrorosa mesmo, estava fazendo uma política complicada, o golpe, ela deu à margem para fazer o golpe, ela deu o subsídio para fazer o golpe, e o Lula também deu subsídio para ser preso, prenderam ele o Aécio tá livre, aproveitaram porque a gente que estava dizendo uma coisa e fazendo outra também, tá complicado, não sei se você concorda comigo, mas porque do alto dos 80 e tantos por cento de popularidade podia ter feito uma reforma política, várias reformas, então entrou no mesmo jogo do clientelismo, esse contexto favoreceu, mas realmente favoreceu os golpes, é complicado, a situação é outra hoje, e tem essa história da corrupção mesmo então outros tipos tá bom entrando não políticos Sérgio Moura, etc então, a situação muito complicada que a gente tá vivendo agora inclusive com as intervenções federais não dá pra imaginar mas ainda não estão deportando ainda tá eles estão controlando eles estão dando, - então a senhora fala que apesar desse retrocesso que o Brasil teve nós podemos ainda observar que ele não tá utilizando certas políticas, como caso da deportação, que outros países estão fazendo, isso a senhora acredita - que que menos que a gente saiba eu não sei pode até deportação, e não tão matando gente na fronteira, você pega o caso do México, mas o meu medo é o seguinte, por que essas intervenções tem um preço alto, foi assim que a coisa começou a ficar feia no México, que hoje é os paramilitares que cresceram muito lá, senti uma coisa horrível, e aqui pode acontecer também porque assassinato da Mariele, agora assassinaram uma testemunha, isso é a mesma coisa é para militar sabe é isso que eu tenho medo quer dizer estão fazendo essas intervenções, então vira uma guerra, - *então de uma certa forma professora...* - Acaba sendo a igreja comprando as ideias, verbas para tráfico de pessoas, então tem muitas ou ONGs, a questão da Fronteira também, mesmo na época da Dilma já criminaliza fronteira, criminaliza quem mora na fronteira, eu preciso te passar esse texto que eu escrevi, - recentemente nós tivemos uma governadora em relação aos venezuelanos - que quer fechar Fronteira, é isso que eu tô dizendo, acho que nunca reproduz mas, reelabora e também essa história de que o papel

das dessas organizações internacionais, mas que as vezes ajudam, mas outras vezes atrapalha, essa coisa do Lula querer transformar o Brasil no Globo Play? Acabou também assinando coisas, mas todos eles, esses na América Latina, muito dos países assinaram todas essas e vem como uma força global, é uma coisa que começa na Europa mesmo, a coisa do terrorismo, lembra aquela lei do terrorismo? Que até o Reginaldo Nasser me chamou atenção, que era o ministério do planejamento que estava envolvido, na época da Copa, que prenderam aqueles palestinos, que eram aqui de São Paulo, estou falando da época da copa do Rio de Janeiro, - então, porque teve uma época, que eles prenderam na época da Copa, eles prenderam - fizeram um fato político, e aí sua lei do terrorismo, tem um relatório bem feito sobre as fronteiras, que eu li até para fazer esse texto, que mostra mesmo que essa história aqui, até tem um artigo do Daniel Hirata, num dossiê que eu organizei pra ciência e cultura, ele mostra como projeto de desenvolvimento fica um projeto de controle de fronteiras, que acaba em sentido e atrapalhando o desenvolvimento entende, então você que é mais importante não pode olhar só pra imigração, tem que olhar pra outras coisas também , - e aí nesse caso professora, a gente considerando que o Brasil em função dessa dinâmica que é, que ocorre com esse volume desde a segunda guerra mundial, o Brasil nós sabemos que é um país que é um país de imigração mesmo, mesmo naquele momento, inclusive tendo vários incentivos para trazer imigrantes, e isso em detrimento, sem dúvida nenhuma na época dos preto que foram alforriados, e que tiveram menos chances do que esses migrantes, hoje por exemplo, buscando os imigrantes, e exatamente os imigrantes pretos haitianos, você acredita que o Brasil que nessa história de 130 anos, não fechamos ainda, com a chegada desses, pode gerar no nosso dia-a-dia mais xenofobia e mais racismo e nós podemos vir a ser um país pra chegar a matar ou pensar numa possibilidade de deportar? - Eu espero que não, xenofobia tem, tem haitiano que foi atacado, lembra? – lembro, aqui em São Paulo com espingarda de chumbinho, tivemos morte em Itajaí, tivemos morte no Paraná, - senegaleses foram mortos, então acontece, tem xenofobia, acho que a gente não tem esse índice, mas se mata mais gente na favela, - tanto é que em alguns momentos não tem como – agora tem muitos imigrantes na Favela também , - hoje por exemplo, que eu percebo o Imigrante, esse totalmente vulnerável, inclusive eu trabalho num conceito dentro da aula de etnografia, utilizando alguns autores, o sofrimento social, então eu tô trabalhando, eu percebo o seguinte que eles são hoje a segunda categoria, vamos dizer, excluída, vamos colocar, pegamos o preto e o pobre, que já é excluído, então hoje eu tenho migrantes que moram no extremo da zona Sul, Jardim Mitsutami, no extremo da Zona Leste, e assim, é como se a gente tivesse naturalizando uma realidade que nós já estamos acostumados no Brasil em relação, sei lá aos pretos e pobres, nesse sentido que eu pergunto assim,- eles são todos pretos e pobres ou são indígenas e pobres, porque tem uma grande imigração de indígenas, todos esses que vem dos Andes são indígenas, a grande maioria, , eles também tem uma imigração da parte deles, teve uma intervenção teatral que eu participei, não na intervenção, mas nos bastidores sobre migração, descobri que era índio aqui no Brasil, e o fato é que ele é realmente, ele se identifica como o índio , indígena então eles são também são muito discriminados, - outra coisa professora, então,- pobre é discriminado, principalmente, tem uma racialização muito forte, - acho que enquanto a gente não resolver a questão racial do Brasil a gente não vai, - racial e de gênero também, e o gênero também racializado, você já leu Aníbal Quijano? eu acho ele ótimo, - uma das coisas que eu vejo hoje quando eu vou ali para o lado do Glicério, eu fico na igreja, as vezes eu fico isolado, às vezes por um grupo e na observação, e por muitas vezes eu sou confundido como um deles e que para mim, pro meu trabalho é ótimo, porque querendo ou não eu sou visto, então é questão do espaço que nós estamos falando agora, do espaço com migrantes que outrora eram brasileiros e que mesmo sendo migrantes brasileiros nacionais a gente percebe que tem um conflito muito grande hoje com os migrantes que lá se encontram, a grande maioria quando eu vou lá na missão paz, que pra mim me lembra, me recorda um poucos dos navios Negreiros, sua predominância são

homens de 18 a 40 anos e pretos, aí nesse momento que eu também estou entrando com esses, vamos dizer assim, profissionais mais da década de 80/90, que eles mostram que justamente que esse grau de exclusão ele acaba gerando um grau de sofrimento social que eu trabalho na pesquisa, minha pergunta é que eu tô tentando mostrar é que o Brasil mesmo sendo um país dito aberto, mesmo tendo substituído uma lei que não foi da forma como a sociedade civil pensou e discutiu, nós tivermos... Então perguntaria assim duas coisas, se eu tivesse que apontar uma grande vantagem da lei da migração, uma grande desvantagem, qual seria esse ponto ou quais seriam esses pontos que foram assim cruciais para que a lei não pudesse ter uma... – de fato, se você pensar no estatuto do estrangeiro, o migrante não tinha direito nenhum quer dizer, ele era criminalizado, hoje ele tem direitos, tem alguns direitos, não tem direito a Anistia, mas o pessoal tá trabalhando para isso, mas mudou, eles podem participar, eles podem ter participação social, não pode votar ainda, - então a senhora, você, acreditando que esse reconhecimento desses direitos pode gerar mesmo nesse momento, a gente tem esse governo conservador que tudo mais que nos conhecemos, acredita que essa lei ela tende a avançar, ou em função da chegada... - eu acho que uma coisa assim, eu acredito muito nos movimentos sociais, movimentos sociais não dá para idealizar como idealizo uma pintura, tem problemas os movimentos sociais mais o que tem é um grupo de imigrantes e principalmente de pessoas que trabalham com os imigrantes muito ativos, estão o tempo todo eu vejo porque eu participo dos grupos do WhatsApp o pessoal da Defensoria o pessoal não sei o que eles, acontece alguma coisa, tem um tem uma derrota Mas eles vão ter a grande negociação você tá me respondendo a outra questão, então eu acho que tem uma luta persistente em favor dos Imigrantes, como tem uma luta persistente em favor do movimento negro, luta persistente desses movimentos desses movimentos pela Minha experiência que eu tenho lido, se tem alguma coisa que é assim importante desses movimentos eles não desistem, persistem, insistem isso eu vi tem uma tese de um orientando meu que saiu até um livro sobre os exilados portugueses é pertinácia, persistência, 50 anos, você pega essa tese que vai sair livro que eu tô fazendo prefácio é sobre o movimento dos familiares de mortos e assassinatos desde, a ditadura eles estão lá persistem, até o do livro é um frase das lideranças, como acabar ...É um título melhor do que esse. Mas tem essa coisa de uma, pode ser pode ser até um retrocesso, mas tem gente brigando para acabar, acho que é uma coisa... - e aí professora - *Espero que o Bolsonaro não ganha essas eleições* – Tomara. Eu vejo uma resistência em alguns lugares e a faculdade de saúde pública deixa muito claro, eles olham o ativista e militante meio desconfiado, mas por outro lado você tá in loco você tem uma visão que às vezes academia não tem e eu já estou fazendo uma pergunta - Mas tem muita coisa por exemplo, alguém estava me contando isso, pessoal fica com pé atrás da sociedade civil, cuidado que vem a sociedade civil aí, mesmo assim esse pessoal de Ministérios e tal, eles não gostam muito da gente não, que tá na militância, se podia tirar da sociedade civil, por exemplo agora, e o cara que tá lá é um idiota, mas você pega o ministério da Justiça, não fala nada, não tem participação social nenhuma, , então mas não se acabar com essa luta, eu acho que não se acaba, inclusive na ditadura os mortos estão vivos, quer dizer os mortos estão aqui, os mortos são uma categoria viva, os desaparecidos são uma categoria viva, entendeu? - então eu diria o seguinte, - eles estão na luta, na luta dos familiares, a Comissão da Verdade teve a Comissão da Verdade, mas tem até uma pessoa que fala olhando a tese de novo, mas a gente não para com comissão da Verdade a gente tem que continuar, a comissão da Verdade não fez o que a gente queria, essa Lei da Anistia não é o que a gente queria, tem uma persistência eu acho que é importante, o papel das mulheres, das feministas, não sei, quanto que eles podem por pressão do Trump, mas tá uma negociação lá, mas o Trump está em cima, - então aquela história, nós passamos por um momento, a persistência você acredita que vai ser assim com muita luta com a participação dos movimentos sociais, o movimento social hoje, - não sei quem vai ganhar, mas que tem uma resistência a isso, o nazismo foi pro beleleu agora nós estamos enfrentando mudou, teve uma mudança, aí o

período, estamos num outro período ruim, não sei quem vai ganhar, mas é uma luta, - então no sentido de professora, pesquisadora e ao mesmo tempo ativista é fundamental a gente ter essa tríade pra poder continuar, você continua e eu acho que já imagino a resposta, mesmo ponderando essas reações que às vezes a gente tem, em São Paulo que eu vejo, tem aqueles que são noticiados, tem aqueles que a gente não sabe, por exemplo, o Alex tá acompanhando com a defensoria esse prédio que desabou que sabidamente tinha Imigrantes, só que as pessoas não sabem exatamente, - 25% e o duro é que não apareceu oficialmente e não sei se vai aparecer alguém em função da destruição que se deu... Nós tivermos uma outra história, então as vezes eles querem fazer crítica falando o seguinte, você precisa se organizar mais, e aí a minha ideia e justamente poder utilizar a questão racial nacional para a gente fazer..., mas eu vejo as diferenças que são notórias entre algumas etnias africanas e entre os próprios haitianos, porque tem uma diferença, quem fala francês e que fala crioulo, então eles falam para mim às vezes, Ailton, eu não consigo imaginar como você vive num país tão racista como esse, como você ficam... é essa estrutura que a gente precisa quebrar, mas eu falei nós estamos num processo, apesar que esse processo todo depois de muitos anos a gente continua sendo um país que mais matamos pretos e pobre, entendeu, mas assim essa é a análise que eu estou fazendo, então no fundo eu tô constatando, não sei se você conhece a obra do Bhiel, que ele tem aquele texto a Catarina, que a partir de um personagem ele faz a crítica as todas as instituições de saúde.

Dra. Deyse Ventura

Bom dia. Hoje eu estou aqui com a professora Deyse Ventura, professora, pesquisadora, ativista, e que eu vou ter o privilégio de poder ouvi-la sobre vários temas que ela domina de uma forma brilhante, entre eles a questão da imigração, algo que está em evidência hoje, e por ser essa pessoa que é pesquisadora, professora, ativista eu achei extremamente pertinente para tê-la dentro do meu contexto hoje que envolve a tese sobre os imigrantes haitianos na cidade de São Paulo, então professora mais do que uma entrevista vai ser um bate-papo, eu gostaria que primeiro pudesse trazer um panorama geral do que é hoje a imigração no mundo, as dificuldades que o Global tem, um pouquinho as dificuldades que o Brasil tem, suas discussões, tem suas problemáticas, nós temos que resolver também, e quais talvez a partir das que esses imigrantes sofrem, mesmo tendo sido recentemente aprovada a lei da migração, que nós sabemos que não foi exatamente o que a sociedade civil queria, eu gostaria que pudesse fazer esse panorama geral ficando extremamente à vontade para falar, e eu agradeço imensamente, por favor professora.

Bom Ailton muito obrigada pela lembrança, por valorizar essa forma de abordar o fenômeno da mobilidade humana da qual eu faço parte, acredito que não existe nenhuma forma de pesquisa acadêmica ou de pensamentos acadêmicos que sejam neutros, então eu me filio aquelas correntes de pensamento, de centros de pesquisas e me alio aos colegas que trabalham com o tema da mobilidade humana internacional, deixando clara a nossa postura de defesa dos direitos migrantes e dos refugiados, mas nós nos enfrentamos com determinadas formas de pesquisa e não só no plano da produção acadêmica mas também na produção do discurso que são discursos políticos que se opõem ao exercício desses direitos mas não dizem claramente, então poderia exemplificar os discursos da austeridade econômica como discursos que justificam políticas migratórias restritivas ou restrições de direitos aos imigrantes, que são aquelas velhas ideologias de primeiro para os nacionais e depois que nós tivermos realizado políticas públicas satisfatórias pros nacionais vem os migrantes, etc, esse tipo de discurso ele não se assume como um discurso político ideológico então já num primeiro momento me parece que o desafio que nós temos é desnudar qual é a posição política ideológica desses discursos, por exemplo, na Europa se situa claramente a extrema-direita com discursos de ódio que chama de xenofobia contestatária mas que setores de governos de direita, de centro, e até governos que pelo menos se apresenta como o governo de esquerda podem aparecer sobre uma outra forma de discurso principalmente discurso tecnocrático que não demonstra ódio pelas pessoas que chamam de estrangeiros, mas, que por razões técnicas com argumentos orçamentários, argumentos de gestão, praticam outro tipo de xenofobia, que a gente chama de xenofobia de governo, então minha primeira reação sobre essa avaliação de contexto nacional e internacional que tu me pedes e a necessidade de nós nos darmos conta de que existe o discurso xenófobo agressivo discriminatório de um lado, que obviamente precisa ser combatido, e do outro existe um discurso muito sereno, muito tranquilo que traz números, que traz avaliações por vezes até sociológicas antropológicas que não se inseriria nessa blindagem do ódio e da xenofobia aparentemente mas que na prática com outras bases, que não são os discursos de ódio dizem, não é nossa obrigação cuidar dos migrantes, seria melhor que eles não viessem, e existe aí digamos uma fronteira que quase cai na xenofobia chamada contestatária que é a questão da segurança dos migrantes desses refugiados ameaçam a nossa segurança, etc. Me parece que uma primeira abordagem importante é essa a um discurso sobre migração é um discurso político e nós precisamos nos dar conta disso não podemos cair na armadilha de fazer pesquisa sem nos dar conta que está em jogo e a forma como a apropriação do nosso do trabalho acadêmico nesse embate político que existe hoje uma outra reação também sobre o contexto geral que eu tenho há de quê anos atrás os migrantes estruturaram a sua luta em torno

da ideia de direitos, esse é o processo que encontra o seu apogeu logo após a Segunda Guerra Mundial, e é muito importante lembrar que o direito dos refugiados, o berço dos do direito dos refugiados é a Europa, em 1951 na convenção que a gente chama de Estatuto dos Refugiados ela chega a referir explicitamente que ela pretende tratar dos direitos das pessoas que se deslocaram dentro do território europeu, é só mais tarde quando o protocolo que a convenção passa a se estender a refugiados de qualquer lugar do mundo, então o trauma da Segunda Guerra Mundial que é o grande motor da evolução dos direitos internacional dos Direitos Humanos processo que muitos vão chamar de universalização dos direitos humanos ou consolidação dos direitos humanos. Então Refúgio surge como um elemento muito importante desse processo de ascensão, digamos assim, do direito internacional dos direitos humanos e por outro lado de universalização dos direitos humanos no sentido de que praticamente todos os ordenamentos nacionais ocidentais passam a consagrar cartas de direitos humanos nos moldes das Convenções movidas dentro do sistema, mas que resultam hoje na existência de Convenções internacionais que cobrem praticamente todos os direitos que nós podemos imaginar, raríssimos são raríssimas perdão, são as violações em relação as quais a gente não possa encontrar uma convenção internacional que previna, que procure unir a sua violação ou ao menos que procure gerar nos estados a consciência de que se trata de uma violação, poucos direitos escapam, claro, o grau de ratificação dessas Convenções é bastante assimétrico então, esse movimento que surge pelos direitos faz parte de um processo que o mundo viveu e ao se posicionar esse processo os refugiados desde 1951 sem dúvida alguma e menos antes mas principalmente a partir de 1951 e depois mais adiante os imigrantes vão se expressar vão estruturar sua luta a partir da Luta pelos direitos (*Nome do autor Die...) tem um texto importante sobre isso no qual ele vai resgatar a expressão da Hannah a expressão que é muito conhecida e que é fundamental nessa temática que é a questão dos direitos a ter direitos, lá nas origens do autoritarismo Hannah vai mostrar a devastação causada, ela vai entre muitos outros elementos importantes, ela vai falar das leis de desnacionalização alemãs que faz com que uma pessoa deixe de ser Nacional, então muito bem e diversos outros autores também farão como é importante naquele momento histórico ter o direito de ter direitos e ser uma pessoa reconhecida ter um estatuto jurídico ao qual corresponde um conjunto de direitos e a nacionalidade tem infelizmente um critério fundamental continua sendo um critério fundamental para a aquisição e exercício de muitos direitos tudo isso para comentar contigo que eu acho que aqui nós temos um problema enorme que é a erosão da linguagem dos direitos do mundo de hoje isso se refere a migrações e refúgio mas se refere a ao ser humano de uma forma geral o Embaixador ??? Alves acaba de lançar um livro que se não me equivoco se chama preciso salvar os direitos humanos eu ainda não li esse livro comprei já esse livro e pretendo ler em breve mas eu quero destacar o título é preciso salvar os direitos humanos que de qualquer maneira é impressionante para alguém como eu e acredito que tu também forjou a sua a sua visão do Brasil principalmente a nossa visão política jurídica do Brasil na Constituição de 1988 em que era mais do que natural falar em direitos era nossa linguagem essencialmente a linguagem dos direitos para nós é chocante encontrar uma livraria um livro que se chama é preciso salvar os direitos humanos mas eu acho que é um título importante porque ele deixa Claro o quanto eles estão ameaçados nesse momento então há uma estrutura de luta em torno de direitos claro que a questão da Luta dos Migrantes ela vai muito além disso principalmente se nós estudamos os fenômenos locais processos políticos movimentos que se estruturam em determinado espaço temporal e geográfico em que nós podemos vir a encontrar grupos de imigrantes comunidades de migrantes e refugiados que abandonam a Luta pelos direitos e procuram mecanismos de auto gestão de organização própria e que vão dizer vou esperar não vou esperar a Luta pelos direitos eu não eu não acho que essa agenda vá avançar e procuram outras formas de luta mas que embora isso se encontre em diversos lugares do mundo em lugares em diversos momentos evidentemente essas iniciativas são limitadas pelo contexto jurídico e num momento ou outro

elas vão esbarrar nesse estatuto jurídico que é diferente para migrantes sobretudo muito mais do que refugiados o problema de direitos dos refugiados é muito mais uma pauta de efetividade do que uma consagração positiva no sentido de positivar no sentido de consagrar justamente pela lei então acredito que um outro fenômeno que nos desafia agora é como lidar com uma tendência de eu não hesito em dizer que uma tendência majoritária de Luta pelos direitos dos Migrantes em um momento histórico de erosão da linguagem dos direitos em que de um lado existe uma ofensiva não apenas aqui no Brasil mas em estados que foram para nós referências de democracia e direitos humanos e igualdade social em todo caso em busca da igualdade social ou de redução da desigualdade existe claramente isso se aprofunda com a globalização econômica e com a crise econômica que vai assaltar o mundo particularmente a partir de 2008 não há nenhum pudor por meio Desses discursos de austeridade em reduzir direitos em suprimir direitos e as estruturas de Justiça digamos assim em geral poder judiciário também setores do estados que deveriam realizar Justiça recuam também não tem desempenhado salvo exceções não tem desempenhado esse processo histórico o papel de resistência por meio do Poder Judiciário ou de estruturas semelhantes de resistência no sentido de dizer não esses direitos foram consagrados eles precisam ser respeitados a gente assisti o Brasil é um exemplo violento mas em outros países também não vai acontecer inclusive nos Estados Unidos se a gente tomar um exemplo do Obama CARE uma questão crucial é a questão da saúde dos Estados Unidos em que avanços são conquistados em matéria de proteção social ainda que muito Modesto em relação ao que seria necessário eles conhecem um retrocesso com alternância de poder do governo algo que não foi isso que nos ensinaram em relação as ordes constitucionais elas não deveriam defender poderia ser maior ou menor ênfase mas não é possível que uma alternância em um governo atinja Pilares das ordens jurídicas E na verdade é isso que está acontecendo outros sistemas de saúde importantíssimos como o sistema inglês estão sob constante a ataque não se trata de uma questão apenas do Brasil embora que a gente assista com muita violência nesses últimos anos o fato é que o ser humano eles tem se engajado de forma diferente e ele produz um discurso que pode ser um discurso da vulnerabilidade eu me encontro totalmente vulnerável por favor estado me ajude me proteja etc Isso está muito longe do nosso discurso sobre direitos muito longe ou ele assume o discurso predatório o outro é meu inimigo eu preciso excluir o outro aí a presença do outro que tem causado um mal-estar que eu vivo é a presença do outro que tem gerado escassez de recurso por isso eu preciso e aferrar ao pouco que eu tenho eu vou para mim endereço e mínimo de bem-estar Se eu aceitar a presença do outro então nós vamos gerar um conjunto importante de discursos que já não falam mais de direitos então me parece que essa é uma grande questão que nós enfrentamos hoje porque quando nós nos levantamos para dizer preciso defender os direitos dos Imigrantes a um a um a um clima de anacronismo todos estão perdendo os direitos porque vocês falam em direito dos Imigrantes, muita gente diz mas é uma luta tão ingrata tão difícil e quando se diz isso eu imagino que dizer isso está relacionado também a essa mesma questão quando eu falo direito dos trabalhadores está tão complicado imagina dizer direito dos Migrantes para nós ela é tão natural tirar o direito dos trabalhadores se tu me permite um exemplo banal e bem datado na semana que vem vai diz proposta de aumento de 1,5% da remuneração dos servidores da Universidade de São Paulo um e meio por cento eu acompanho pela internet a discussão entre os professores a respeito dessa sessão do Conselho Universitário e existe um comentário entre professores universitários obviamente a maioria está inconformada com essa proposta existem questões procedimentais em relação a essa associação do Conselho Universitário se deveria voltar-se não deveria votar evita uma negociação estou dando esse exemplo porque em nenhum momento eu vejo alguém dizer o nosso direito nós temos direito não se diz mais nós temos direitos mais.

Entendi, quer dizer, a gente vive um momento hoje global, brasileiro, que a questão dos direitos tá ficando uma coisa tão distante que a gente nem está pensando no direito está

discutindo aquela coisa a ponta do iceberg de algo que é muito maior a gente teria direitos que já são consagrados mas as pessoas que nós estamos falando de professores universitários nós estamos falando de professores da Universidade de São Paulo que é vista como uma das mais conceituada a minha pergunta é essa ausência dessa noção de direito ela se dá na vossa opinião por que porque o nosso país Um mundo a crise econômica está individualizando de uma tal ordem as pessoas que eu já não tô mais preocupado nós estamos falando de uma sociedade pós Industrial onde o individualismo e da que ele está presente então essa questão de não se sensibilizar com algo que é consagrado decorre desse momento e aí eu perguntaria Você acreditaria a que isso é medo é receio de exclusão por parte inclusive desses professores?

Nesse caso é simplesmente a porque a os direitos não estão mais consagrados Ou eles foram minimizados sua interpretação foi podada ou ele simplesmente desapareceram a gente perdeu muitos direitos nos últimos anos nós temos perdidos as reformas que se sucedem fizeram com que a gente não tivesse direitos que eu tinha antes eu deixei de ter ver se esses direitos não tenho mais como reclamar porque ele não existe mais hoje já foi interpretada no sentido restritivo um pouco é isso Eu não tenho mais eu não falo mais essa linguagem porque eu não tenho mais direito ou eu tenho tanta convicção de que o estado não vai reconhecer esses direitos o estado ou qualquer outra forma que que a ele sirva que não é que não adianta eu falar essa linguagem porque não há uma resposta nesse plano em outras palavras hoje eles não têm mais o direito ou há uma indiferença em relação aos descumprimentos do direito eu sei que não adianta eu dizer que eu tenho esse direito eu imagino que seja muito mais esse o nosso caso isso não vai ser verdade para outros exemplos porque parece que ainda no Brasil com uma intensidade que a maioria das pessoas não imagina a pessoas que não tem consciência de seus direitos então existem ainda alguns direitos que existem que poderiam ser oponíveis ao estado e a pessoa não sabe que tem esse direito isso acontece muito com Os migrantes inclusive principalmente os recém-chegados que por exemplo não sabem que o SUS é universal e que eles têm direito de buscar o nosso sistema de saúde então isso pode acontecer eu não nego que isso pode podem existir direitos ainda que as pessoas não tenham conhecimento deles mas falando daquele direitos que são cabalmente conhecidos que a gente perdeu ou não estão sendo respeitados de forma sistemática me parece que há um cansaço em relação a essa linguagem não comove não é não a comparação que eu quero fazer é com o momento que o mundo vem vivendo e o Brasil em particular com o final do regime militar em que nós nos expressávamos essencialmente por uma linguagem de direitos então nós que defendemos os direitos dos Migrantes nós precisamos fazer essa reflexão hoje qual o futuro da linguagem dos direitos e por isso eu citei essa expressão preciso salvar os direitos humanos com todo o debate que existe sobre eles com nós estamos fazendo um bate-papo onde eu estou citando autores e Mas é claro que tudo tem não foi inventado por mim colegas dizendo isso em diferente obras de diferentes formas Então me parece que esse é o segundo ponto geral que a gente precisa enfrentar e não tem as respostas mas não nós não podemos continuar repetindo essa linguagem e estruturando nossa luta por direitos sem refletir sobre o que o que está acontecendo e eventualmente modificar o nosso Discurso ou mantê-lo criando mecanismos para que ele seja entendido de uma forma pertinente sobre o Brasil e eu acho que eu termino aí minha resposta a essa grande questão sobre o Brasil todo o processo de elaboração de uma nova lei sobre o que o que é ditadura chamava do estatuto do estrangeiro e o que é a nova lei chama de imigração ele é muito difícil de explicar Ele é muito difícil de explicar por que já é desafiador entender porque retardou tanto porque que o que os governos que promoveram os avanços importantes em outras temáticas relacionadas há tanto a direitos como a como a proteção social que esses governos não conseguiram ou não tentaram modificar os estatutos dos estatutos e estrangeiros guerra modificaram pontualmente os estatutos estrangeiros na Copa do Mundo teve uma modificação do estatuto estrangeiro mas não viram essa pauta como uma pauta em que era

necessária a ação do estado ou Se tentaram não conseguiram então primeira difícil de explicar por que tardou tanto e é ainda mais difícil de explicar porque que agora ouve esse desbloqueio não existe nenhuma explicação simples nem por uma questão E nem para outra é bem mais complicado do que parece ser.

Sabemos que essa Lei da Imigração ela é assim um processo aonde participaram vários atores de fato fazendo parte da questão migratória e aí nós estamos bastante a sociedade civil bastante otimista em relação ao que poderia vir a ser nós tivemos vários vetos dentre esses vetos qual talvez tenha sido o mais no mínimo decepcionante na Perspectiva da sociedade civil

É uma pergunta difícil Ailton mas eu acho que em relação em relação a pensando naquilo que diz o João Biehl quando as pessoas vêm primeiro digamos assim olhando esse grande foco de estudos críticos de saúde global que tem esse livro de referência que se chama quando as pessoas vem primeiro que pensando na vida das pessoas no cotidiano dos Migrantes Eu imagino que o veto em relação a Anistia tenha sido o que causou uma enorme decepção Mas por outro lado também o que poderia ser suprido de forma talvez mais viável por quê a tradição no Brasil de fazer leis pontuais de anistia já essa palavra anistia acho absolutamente reveladora do Que Nós pensamos que é a presença dos Migrantes no Brasil seja Anistia do que da presença a presença irregular no país para mim não existe não existe presença irregular de ninguém nenhum lugar do mundo mas enfim dizer que Anistia já significa perdoarem essa esse entre aspas crime essa infração de ter entrado e permaneceu no país sem essa regularização migratória Mas enfim mesmo que eu não gosto da expressão é assim que o Brasil tem se tem lidado com essa questão de quem entrou no país de forma irregular e que permanece dessa mesma forma então a gente que teve Lei de anistia do Sarney do Lula então o diferentes governos recorreram a essa técnica então o veto na lei não quer dizer que a gente não vai conseguir uma Lei de anistia acho mais fácil conseguir essa Lei de anistia do que voltar a modificar esse texto que acaba de Ser aprovada Então nesse sentido alguns ativistas vão dizer não é o que há de mais grave e por que a gente vai até o próprio relator do projeto de lei deputado Orlando chegou a apresentar já novo texto mas o fato é que até que isso Independente de ser uma forma sanável digamos assim apresentação de uma nova de um novo projeto de lei que foque na Anistia há esses milhares de pessoas que teriam sua situação migratória e regularizada se esse dispositivo não tivesse sido vetado Então eu acho que essa é uma decepção enorme das pessoas, uma decepção, Inesperada na medida em que essa já era uma tradição brasileira não tem nada de novo em dizer quem está aqui pode se regularizar então acredito que esse seja aquele que causou uma decepção maior.

Ao mesmo tempo que o veto da Anistia é algo que nós criticamos, mas que tem possibilidade de qual seria talvez assim aquele grande ganho que a Lei da Anistia trouxe assim de imediato para questão da Lei de migração?

Eu acho que o ganho inquestionável é a mudança do estatuto do estrangeiro para lei de migração o Brasil veio a ter uma lei, é a primeira lei de migração que a gente pode dizer democrática, não no sentido de democrática que democratiza no sentido democrático porque é uma lei republicana porque não é uma lei de imigração no sentido de atrair migração atrair fluxos migratórios específicos para o atendimento do interesse nacional Como foram leis de imigração no passado no Brasil é a primeira lei de migração que Visa proteger o migrante que é voltada para o migrante e não para a necessidade do Brasil essa é uma mudança que é fundamental por mais distante que a lei não digo a lei em si mas a lei depois dos Vetos e principalmente depois da regulamentação dessas leis que ação e legal da lei a gente espera que o Supremo Tribunal Federal corrija isso mas é sempre uma incógnita o que de fato vai acontecer então pensando que sobrou Depois dessa dilapidação que aconteceu no texto o que é inevitável que mesmo as figuras que dentro do estado brasileiro representam o que há de mais retrógrado em relação à questão da migração hoje preciso falar em lei de migração e não mais no estatuto do estrangeiro precisa se referir a esse ser humano como imigrantes e não como

mais estrangeiros obviamente esse processo não se faz de uma hora para outra tanto é assim que o regulamento da lei da migração tropeça nessa essa terminologia chegando a usar o termo clandestino em um dado momento então Claro que não isso essa mudança nos faz por decreto mas uma mudança digamos assim do que vai pautar a condução pelo Estado das questões migratórias a uma mudança semântica que pode ser explorada e ela vem acompanhada ela não ela não só passa a chamar um estrangeiro de migrante Ela olha para ele e não para o estado brasileiro no sentido de que o interesse a ser tutelado em você como faz outorgando a esse ser humano um rol de direitos então não resta mais ambiguidade sobre aplicabilidade do artigo quinto da constituição federal para muitos figuras isso é presente inclusive na justificativa do veto que foi feito pelo governo temer que o artigo ou parágrafo o capítulo do artigo quinto se refere a estrangeiros residentes no Brasil apenas então não há dúvidas em relação àquele rol de leis que está previsto na lei de migração que esses que ele se aplicam os imigrantes é um rol de direitos específicos para os imigrantes e ele é um rol bastante avançado essa lei fosse aplicada claro que os vetos e a regulamentação comprometem as formas de implementação de exercícios de direito mas do ponto vista da consagração desses direitos nós temos uma mudança importante os imigrantes podem dizer está aqui na lei eu tenho direito a isso aquilo se esse vai ser o caminho da Luta dos Imigrantes ou não Nós não sabemos a gente Depende de uma série de questões que Eu mencionei antes. Direito a ter direitos se a luta por esses direitos consagrados na lei de migração será o eixo da Luta dos Migrantes é o que nós estamos precisando saber nesse contexto tão difícil que nós estamos vivendo no ponto de vista político e econômico, mas sem dúvida essa mudança fundamental.

Esse é o meu juízo é o grande aporte. É muito importante que a gente Produza trabalhos sérios sobre os haitianos porque a presença dos haitianos no Brasil marca o ingresso do tema migratório na agenda política brasileira não há precedente nesse sentido a questão migratória chega as manchetes dos jornais e ela exige uma resposta de Primeiro Plano do poder público com a chegada dos haitianos O que foi chamado de crise dos haitianos e essa crise pauta a percepção da que tão migratória no Brasil como um problema como uma ameaça então a migração haitiana é um paradigma nos estudos migratórios do Brasil e nos ensina muito a respeito disso tanto que a professora Denise no estudo sobre a mídia em relação aos haitianos ela vai mostrar que um dos se não me equivoco, um dos dez temas mais reconhecidos em relação aos haitianos do Brasil ao ebola ou seja o que os haitianos tem a ver com o ebola é absolutamente nada a ver com ebola Mas eles a presença dos haitianos aqui foi tratada Claro houve uma enorme disfunção na resposta das Diferentes esferas de governo que gerou essa percepção de crise mas essa percepção de crise também mobilizou um olhar equivocado sobre a África ou sobre as áfricas que nós temos aqui no Brasil trouxe a questão da discriminação racial associada a discriminação do estrangeiro Então essa consciência da importância da digamos assim questão haitiana que foi apresentada como crise haitiana numa nova fase da questão migratória no Brasil me parece muito importante e o que vai ficar disso ainda é muito cedo para gente dizer.

Isso tem muito a ver com a História brasileira que ainda não reconhece a várias pessoas vários grupos que ficaram excluídos Então os haitianos como também uma população brasileira sofre desse mesmo e aí muito legal é verdade não tinha pensado nessa os haitianos abriram então mais uma vez professora agradeço imensamente e quero dizer que Sem dúvida nenhuma isso vai fazer parte desse nosso bate-papo vai fazer parte que tem que fazer meu trabalho porque o que eu ouvi aqui em 35 minutos assim me permite ter uma visão uma aula E uma posição crítica mais uma vez a professora Deise Ventura depois nós vamos especificar em só um pouco mais Ela é professora pesquisadora, ativista e eu posso aqui falar que uma grande amiga, muito obrigada professora.

José Aílton Rodrigues dos Santos

Graduado em Ciências Sociais pela PUC/SP em 1990, Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo . Doutor em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP - pelo Programa de Saúde Global e Sustentabilidade. Tem experiência nas áreas de Relações Internacionais, Estado e Governo, Políticas Públicas, Migração, Imigração e Refugiados. Militante e ativista de Direitos Humanos atuando em vários coletivos, entre eles, Comitê Contra o Genocídio da População Pobre Preta e Periférica; ADUS - Reintegração de refugiados e imigrantes entre outras. Docente nas áreas de Sociologia, Política Internacional e Relações Internacionais, Cultura Brasileira e Afro-brasileira. Consultor junto a Órgãos Nacionais e Internacionais na área de Cooperação Internacional. Participou da Conferência Rio+20 como convidado do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Foi um dos autores da primeira bibliografia sobre África LUSÓFONA no país.,

Certificado pelo autor em 28/09/2018